

ORAÇÕES MODAIS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Anderson Godinho Silva

UFRJ / 2007

ORAÇÕES MODAIS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

por

Anderson Godinho Silva

Departamento de Letras Vernáculas

Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, apresentada à Comissão Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Professor Doutor Violeta Virginia Rodrigues

Rio de Janeiro, 1º semestre de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. VIOLETA VIRGINIA RODRIGUES - Orientador

Prof. Dr. LEONOR WERNECK DOS SANTOS - Letras Vernáculas / UFRJ

Prof. Dr. MARIA MAURA CEZARIO - Lingüística / UFRJ

Prof. Dr. FILOMENA DE AZEVEDO VAREJÃO - Letras Vernáculas / UFRJ - Suplente

Prof. Dr. MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA- Estudos de Linguagem / UFF - Suplente

Defendida a dissertação

Em: 04 / 05 / 2007.

In absentia

A

Arlette, minha avó, pelo carinho nas horas certas.

In praesentia

A

Sheila, minha mãe, pelas palavras de apoio constantes,
Olavo, meu pai, pela dedicação e incentivo constantes,
Alexandre, meu irmão, pela paciência e cumplicidade,
e Sonia, minha tia, pelos cuidados prestados sempre.

AGRADEÇO,

Primeiramente, a Deus, por me mostrar o caminho a ser seguido e por me dar forças quando, por qualquer motivo, pensei em desistir.

À Professora Doutora Violeta Virginia Rodrigues, minha orientadora, pela dedicação, paciência e ensinamentos sem os quais esta pesquisa não poderia ser realizada.

À Professora Doutora Maria Maura Cezario, cuja ajuda durante o curso ministrado por ela e, em outras ocasiões, foram imprescindíveis.

Ao Professor Doutor Mário Martelotta, por transmitir a mim determinados conhecimentos, durante o curso que ministrou, que puderam esclarecer algumas questões.

Ao Professor Doutor Humberto Peixoto Menezes, por contribuir no meu aprendizado acerca de sintaxe e, mais precisamente, acerca da gramática gerativa.

À Professora Doutora Mônica Maria Rio Nobre, pelo fornecimento de bibliografia a respeito de alguns aspectos do funcionalismo, como figura e fundo, e transitividade.

À Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou, por todo o ensinamento acerca da sociolinguística laboviana.

Ao Professor Doutor Afrânio Barbosa, por auxiliar nas questões sobre história da língua e pelo fornecimento de bibliografia sobre o tema.

À Professora Maria Carlota, por ajudar também no meu aprendizado a respeito da história da língua.

Ao Professor Doutor Edwaldo Cafezeiro, não só por ensinar aspectos da história da língua, mas também por mostrar a importância da filosofia em estudos lingüísticos.

AGRADEÇO AINDA,

em mim. Ao amigo Raphael, por todas as palavras de conforto e por acreditar

informática. Ao amigo Marcelo, pelo companheirismo e pelas ajudas referentes à

SINOPSE

Análise e descrição das orações subordinadas adverbiais modais em Língua Portuguesa baseadas em dados de Língua Falada e Escrita, segundo a metodologia da sociolingüística laboviana. Proposta de análise e caracterização das orações modais e sua possível inclusão na classificação das estruturas oracionais que consta na NGB.

SILVA, Anderson Godinho. Orações modais: uma proposta de análise. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2007. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 140 p., mimeo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. ORAÇÕES MODAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES	6
1.1. Possibilidades de abordagem das orações modais	8
1.1.1 Abordagem tradicional	8
1.1.2 Abordagem funcional-discursiva	10
1.2. Orações modais e sua relação semântica com outras orações	14
1.2.1 Na abordagem tradicional	14
1.2.2 Na abordagem semântica	19
1.2.3 Na abordagem gerativista	21
1.2.4 Nas abordagens pragmático-discursiva e funcional-discursiva	22
2. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO	27
2.1. Considerações acerca do introdutor <i>COMO</i>	34
2.2. Considerações acerca do introdutor <i>SEM QUE</i>	35
2.3. Considerações acerca do introdutor <i>A</i>	37
3. TRANSITIVIDADE E PLANOS DISCURSIVOS	39
3.1. Por Hopper e Thompson (1980).....	40
3.2. Por Silveira (1990).....	46
3.3. Por Decat (2001)	50
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS DO <i>CORPUS</i>	52
4.1. Descrição do <i>corpus</i>	55
4.2. Critérios para a caracterização das modais	60
4.2.1. Modais e coordenação	62
4.2.2. Modais e orações fronteiriças	65

4.2.2.1. Modais e conformativas	65
4.2.2.2. Modais e comparativas	67
4.2.2.3. Modais e concessivas	68
4.2.2.4. Modais e condicionais	70
4.2.2.5. Modais e consecutivas	75
4.2.2.6. Modais e comparativo-hipotéticas	77
4.3. Frequência das formas de articulação das modais	80
4.4. O processo de gramaticalização dos introdutores das modais	81
4.4.1. O processo de gramaticalização do item COMO	81
4.4.2. O processo de gramaticalização do item SEM	87
4.4.2.1. O processo de gramaticalização do item SEM na locução conjuntiva SEM QUE	90
4.4.3. O processo de gramaticalização do item A	93
4.5. Frequência das modais no que tange à posição referente à principal	95
4.6. Frequência das modais em relação ao gênero textual	96
4.7. Os planos discursivos <i>figura e fundo</i> , e transitividade	100
4.7.1. Transitividade: redefinição de alguns parâmetros	101
4.7.2. Modais e os planos discursivos <i>figura e fundo</i>	104
4.8. Relação entre as modais e os tipos semânticos de verbo	107
4.9. Distribuição das modais por graus de formalismo dos textos	112
4.10. Modalidade lingüística	114
4.11. Variedades do português	115
4.12. Amostras utilizadas	117
4.13. Nível de escolaridade	118
5. AS ORAÇÕES MODAIS E O ENSINO DE SINTAXE NAS ESCOLAS	121
CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
BIBLIOGRAFIA GERAL	137

ABREVIATURAS, CONVENÇÕES

cf.: conferir, confrontar

Conj.: conjunção

DID: Diálogo entre Informante e Documentador

ex.: exemplo

Integr.: integrante

NGB: Nomenclatura Gramatical Brasileira

NURC: Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Oral Culta

PB: Português Brasileiro

PE: Português Europeu

s.d.: sem data

Subord.: subordinativa

VARPORT: Projeto de Variação Contrastiva do Português

LISTA DE QUADROS E DE FIGURAS

Quadro 1: <i>Abordagem de alguns autores sobre a forma das modais</i>	12
Quadro 2: <i>Conectores que encabeçam as modais segundo alguns autores</i>	13
Quadro 3: <i>Posição das modais extraída de exemplos de alguns autores</i>	14
Quadro 4: <i>Abordagem de alguns autores sobre as modais e sua relação com outras orações</i>	25
Quadro 5: <i>Componentes considerados em relação à Transitividade, segundo Hopper e Thompson (1980)</i>	41
Quadro 6: <i>Fatores considerados na Individualização do Objeto, segundo Hopper e Thompson (1980)</i>	43
Quadro 7: <i>Traços característicos de cada tipo de modal</i>	79
Quadro 8: <i>Caracterização geral das modais</i>	79
Quadro 9: <i>Tipos semânticos verbais</i>	108
Quadro 10: <i>Variedades de modo X Graus de Formalismo</i>	112
FIGURA 1: <i>Distribuição dos textos lidos por período de tempo da coleta</i>	56
FIGURA 2: <i>Distribuição dos textos lidos por modalidade lingüística</i>	57
FIGURA 3: <i>Distribuição dos textos lidos pelos gêneros textuais</i>	58
FIGURA 4: <i>Distribuição dos textos lidos pela variedade do português</i>	59
FIGURA 5: <i>Distribuição dos textos lidos pelo gênero do falante</i>	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: <i>Formas de articulação das modais</i>	80
Tabela 2: <i>Posição das modais em relação à oração principal</i>	95
Tabela 3: <i>Distribuição das modais pelos gêneros textuais no que tange à forma de articulação</i>	99
Tabela 4: <i>Distribuição das modais pelos planos discursivos “figura” e “fundo”</i>	104
Tabela 5: <i>Distribuição dos tipos semânticos verbais pelas orações modais</i>	109
Tabela 6: <i>Distribuição dos tipos semânticos verbais pelas formas de articulação das modais</i>	110
Tabela 7: <i>Distribuição das modais, nas duas variedades do português, no que tange às formas de articulação</i>	116
Tabela 8: <i>Distribuição das formas de articulação pelos níveis de escolaridade</i>	119

INTRODUÇÃO

Apresenta-se, neste trabalho, uma descrição do comportamento das orações subordinadas adverbiais modais. Este estudo justifica-se pelo fato de haver a necessidade de um aprofundamento sobre esse tipo de oração, porque i) as modais não são incluídas na classificação das subordinadas adverbiais proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, doravante NGB, e ii) é raro encontrar, na literatura, considerações a respeito desse tema. Apesar disso, elas são encontradas na língua portuguesa, quer na modalidade escrita quer na falada. Fornecer um tratamento às modais que considere seu comportamento vinculado ao co-texto e contexto de uso(s) torna-se, portanto, relevante para uma reflexão a respeito do ensino das orações subordinadas adverbiais vinculado ao uso real da língua. É facilmente compreensível a não-inclusão das modais pela NGB: elas correspondem a um tipo de oração subordinada adverbial que apresenta algumas dificuldades de ser identificado pelo fato de se confundir com várias outras subordinadas adverbiais, a saber: as conformativas, as comparativas, as concessivas, as condicionais, as consecutivas e as comparativo-hipotéticas.

Assim, este trabalho tem como objetivo dar um tratamento adequado às orações modais, considerando vários aspectos referentes a elas. Pretende-se observar, dentre outros, quais são suas formas de articulação, quais são as posições possíveis delas se apresentarem em relação à oração principal e quais são os articuladores sintáticos capazes de introduzi-las.

Acredita-se que as modais possam se apresentar tanto na forma reduzida como na forma desenvolvida. Primeiramente, porque, muitas vezes, o gerúndio transmite a idéia de modo, configurando, nesse caso, a existência de modais reduzidas. Soma-se a isso o fato de que a conjunção COMO apresenta um valor intrínseco de modo, permitindo assim a existência de modais desenvolvidas.

No que tange à posição, pensa-se que as modais podem estar tanto antepostas como pospostas à oração principal visto que, por analogia, os advérbios de modo possuem grande mobilidade posicional em uma sentença. Entretanto, acreditava-se que haveria mais modais pospostas, pois primeiramente situa-se um determinado acontecimento no espaço e no tempo e, posteriormente, há uma preocupação com a maneira como tudo aconteceu.

Com relação aos articuladores sintáticos, já foi explicitado que um dos mais esperados é o COMO. Para analisar os diferentes usos das modais, foram levados em consideração fatores, tais como: a forma de articulação da oração, o tipo de articulador sintático que encabeça as modais, a posição da subordinada em relação à principal, o gênero textual em que a modal se encontra, o plano discursivo ao qual a modal pode ser enquadrada, o tipo semântico de verbo que ocorre na oração em estudo, o grau de formalismo do texto em que a modal foi encontrada, a modalidade lingüística, as variedades do português, as amostras utilizadas no que tange aos séculos e o nível de escolaridade dos informantes.

Acreditava-se que o gerúndio seria a forma mais freqüente em todos os gêneros. Entretanto, pensava-se que nos gêneros pertencentes à língua escrita, haveria uma regularidade maior, isto é, as outras formas de articulação (justapostas e desenvolvidas) não apareceriam tão freqüentemente quanto nos gêneros pertencentes à língua falada.

Esperava-se que haveria uma freqüência maior de orações modais nos dados do *corpus* analisados com a função de fundo pelo fato de alguns autores como Silveira (1990) terem explicitado que as orações subordinadas adverbiais, por expressarem determinadas circunstâncias, servem como um suporte, um comentário acerca do evento que é apresentado em um determinado texto.

Havia a expectativa de que o tipo semântico verbal mais comum de ocorrer nas orações modais fosse o material, que engloba verbos de ação, pois o tipo de oração considerada explica a maneira como algo acontece, como uma ação ocorre.

No que tange aos graus de formalismos dos textos, pensava-se que as modais seriam mais freqüentes em textos mais formais por elas envolverem um processo mais complexo de organização das orações.

Era esperado que, na língua falada, por esta, algumas vezes, conter construções mais simples, houvesse menos orações que envolvessem o processo de subordinação, isto é, menos orações modais.

No que se refere às variedades do português, a única expectativa que havia era a de encontrar mais modais justapostas introduzidas pela preposição A no português europeu, já

que, em Portugal, é mais freqüente o uso do infinitivo gerundivo do que no português brasileiro.

Não se esperava grandes diferenças de comportamento das orações modais entre o século XIX e XX. Entretanto, este fator foi levado em conta para saber se, com o passar do tempo, uma determinada forma de articulação aumentou ou diminuiu a freqüência de ocorrência.

Pensava-se que falantes com um nível de escolaridade maior utilizassem mais orações modais, pois acredita-se que, quanto maior o nível de escolaridade, mais estruturas que envolvem o processo de subordinação são utilizadas.

Outros fatores foram controlados, mas foi comprovado que eles não exerceram influência significativa no comportamento das orações modais que mereça ser comentada: gênero dos informantes, faixa etária dos informantes e região da coleta da amostra. Isso já era esperado, pois o fenômeno estudado aqui não envolve mudança nem variação lingüística.

Para se estabelecer um *corpus* para análise, por praticidade, foi consultado um site que já contém um arquivo de dados agrupado de forma organizada (www.lettras.ufrj.br/varport). Foram lidos textos correspondentes tanto à língua escrita como à língua falada. Somando-se todos os textos que o *site* citado anteriormente possui, foram lidos 1384 textos. A distribuição destes, por exemplo, em relação às modalidades lingüísticas (fala e escrita), aos séculos (XIX e XX) e aos gêneros textuais (anúncios, editoriais, notícias e entrevistas) pode ser conferida no capítulo 4, em 4.1. A partir da leitura feita destes textos, foram encontradas 264 orações subordinadas adverbiais modais. Isso ilustra a dificuldade de se obter dados para esta pesquisa. Apesar disso, o fato de ter sido encontrado um certo número de modais reforça a necessidade e importância de estudá-las e incluí-las na NGB.

Os dados obtidos foram analisados tendo como base a metodologia da sociolingüística laboviana. Para isso, foi necessário lançar mão do aparato computacional do programa GOLDVARB. Com este, foi possível observar detalhadamente todos os fatores que eram desejáveis de se analisar em relação às modais, além de ele permitir o cruzamento desses fatores. A observação dos fatores antes listados possibilitou uma descrição mais apurada do comportamento das orações subordinadas adverbiais modais.

Após a primeira e única rodada feita para este trabalho, chegou-se a resultados percentuais, alguns relevantes e que, por isso, serão comentados ao longo do trabalho e outros que não exerceram influência significativa no comportamento das orações em estudo e que, não serão, portanto, destacados. Apesar de o estudo mostrado nesta pesquisa não envolver nenhum fenômeno de variação ou de mudança, optou-se por utilizar a metodologia da sociolinguística laboviana por ela permitir uma visão quantitativa mais coerente dos dados analisados, o que torna a análise quantitativa mais precisa, coerente e sistemática e, por isso, mais científica e confiável.

Pelo fato de este trabalho lidar com a língua em seu uso real, já que os dados analisados foram retirados de textos autênticos, os pressupostos teóricos vão ao encontro dos da teoria funcional-discursiva, que será comentada no capítulo 4. Além disso, as modais são descritas de acordo com o gênero textual em que foram encontradas. Conseqüentemente, alguns comentários acerca dos gêneros textuais são feitos quando este fator é levado em conta na análise dos dados do *corpus* (cf. 4.6).

O trabalho se organiza da seguinte forma: no capítulo 1, podem ser encontradas algumas breves considerações acerca das modais, em que são mostrados alguns exemplos a fim de apresentar as diferentes formas de articulação e as posições ocupadas por elas, com relação à oração principal. Neste capítulo, é feita uma revisão bibliográfica das modais intitulada “Possibilidades de abordagem das orações modais”, em que são apresentadas diferentes abordagens: a tradicional, representada por seis autores: Luft (1978), Kury (1987), Said Ali (1969), Bechara (1994), Rocha Lima (1998) e Abreu (2003), e a funcional-discursiva, representada por Decat (1995), Rodrigues (1999) e Moura Neves (2000). Além dessa revisão bibliográfica, neste capítulo, é mostrada a relação das modais com outras orações sob diferentes pontos de vista: a abordagem tradicional, a abordagem semântica, a abordagem gerativista, a abordagem pragmático-discursiva e a funcional-discursiva.

O capítulo 2 corresponde a uma revisão bibliográfica acerca do processo de gramaticalização. Na parte final deste capítulo, são apresentados comentários de alguns autores a respeito de três articuladores sintáticos capazes de introduzir as modais: COMO, SEM QUE e A.

O capítulo 3 apresenta uma revisão bibliográfica acerca da transitividade e sua relação com os planos discursivos “figura” e “fundo”, em que são mostrados os pontos de vista de Hopper e Thompson (1980), de Silveira (1990) e de Decat (2001).

No capítulo 4, constam a metodologia utilizada neste trabalho e a análise dos dados do *corpus*. Este capítulo é subdividido em treze seções, que tratam dos seguintes aspectos: uma descrição do *corpus*; os critérios para a caracterização das modais (que resultaram em dois quadros contendo os traços característicos dessas orações); a frequência das formas de articulação das modais, ou seja, é mostrado o percentual referente a cada tipo de modal -desenvolvida, reduzida e justaposta; o processo de gramaticalização dos introdutores das modais; a frequência das modais no que tange à posição referente à oração principal; a distribuição das modais em diferentes gêneros textuais, a fim de se saber se um determinado tipo de modal é mais freqüente em um gênero textual específico; os planos discursivos “figura” e “fundo”, e a transitividade; os tipos semânticos de verbo que ocorrem com mais freqüência nas modais; uma comparação entre diferentes graus de formalismos dos textos, a fim de se saber em qual texto (mais formal ou mais informal), é encontrado um percentual maior de modais; as variedades do português, isto é, procura-se saber se há diferenças de comportamento dessas orações no que se refere ao português brasileiro (PB) e ao português europeu (PE); as modalidades lingüísticas, ou seja, pretende-se observar se há um percentual maior das modais na língua escrita ou na língua falada; as amostras utilizadas no que tange aos séculos, isto é, quer-se verificar se há diferenças no comportamento das modais entre os séculos XIX e XX, e o nível de escolaridade dos falantes, em que se procura saber se as modais são mais utilizadas por falantes menos escolarizados ou mais escolarizados.

No capítulo 5, são feitas algumas considerações acerca da relação entre as orações modais e o ensino de sintaxe nas escolas. Neste capítulo, alguns livros didáticos são analisados brevemente no que se refere às definições de algumas orações subordinadas adverbiais. Além disso, propõe-se uma análise de orações levando-se em conta as possibilidades de interpretação que elas oferecem em um contexto específico.

Ao final deste trabalho, são feitas algumas considerações na conclusão e, em seguida, são apresentadas, respectivamente, as referências bibliográficas e a bibliografia geral.

1. ORAÇÕES MODAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Parece consensual a informação de que as orações chamadas adverbiais expressam diversas circunstâncias que podem ser representadas pelos advérbios e que são classificadas de acordo com essas circunstâncias por elas veiculadas. Parece consensual, ainda, haver uma estreita relação entre o comportamento destas orações com a classe dos advérbios, sendo consideradas básicas as idéias/circunstâncias de tempo, modo e lugar que os advérbios apresentam. No entanto, no momento de listar as orações subordinadas adverbiais, que equivalem aos adjuntos adverbiais, função sintática prototipicamente exercida pelos advérbios e, por extensão, pelas adverbiais, a NGB não acolhe nem as de modo e nem as de lugar. O que acontece, então, com as orações que expressam esses conteúdos semânticos? Como classificá-las?

Há autores que mencionam as modais e há aqueles que seguem a NGB, excluindo-as, portanto, de sua classificação. Entretanto, pode-se perceber que algumas orações que expressam claramente a idéia de modo são incluídas em outros tipos de orações por esses autores. Dentre os que acolhem as modais em sua tipologia, há divergências no que se refere à forma delas se apresentarem – ou na forma desenvolvida ou na reduzida. No primeiro grupo, há mais de um conector capaz de encabeçar as modais, como pode ser conferido nos seguintes exemplos retirados do *corpus* do Projeto de Variação Contrastiva do Português, doravante VARPORT¹:

1. Joaquim José Pereira noticia saber cura Herneas no escroto com toda a perfeição [**sem que** fique defeituoso] (E-B-81-JA-026)

2. Esperamos, na expectativa sympathica, para applaudil-o e julgal-o [**como** merece] (E-B-83-JN-045)

3. A Inspectoria, esquecida da velha legislação Brasileira, entra, [**como se** fôra sua casa], em todos os bancos, indagando pormenorizadamente de contas particulares [**como se** estivera relacionando os fundos alheios para uma próxima e eqüitativa partilha] (E-B-92-JE-004)

¹ Os exemplos do *corpus* estão numerados por meio de algarismos arábicos.

Pôde-se perceber pelos exemplos 1, 2 e 3 que as modais desenvolvidas podem ser introduzidas por COMO, pelas locuções SEM QUE e COMO SE. No primeiro exemplo, a oração em destaque representa o modo de saber cura; no segundo, o modo de aplaudir e julgar e, no terceiro, o modo como a Inspectoria entra nos bancos e o modo como ela indaga contas particulares. O segundo grupo, o das reduzidas, engloba as de gerúndio e de infinitivo. Os exemplos 4 e 5 a seguir ilustram essa possibilidade quanto à forma:

4. [Cantando] espalharei por toda parte/ Fazendas. Modas e roupas brancas.
(E-B-83-JA-016)

5. Geléa Americana de óleo de fígado de bacalhao// preparada por E.H. Treux// Para moléstias do peito/ Toma-se, como indicada a instrução, [sem sentir-se o menor gosto de óleo]
(E-B-82-JA-073)

No exemplo 4, a oração destacada representa o modo de espalhar determinada informação e, no exemplo 5, a oração destacada possui a idéia do modo de se tomar a “geléa”. Um fato interessante a ser observado no exemplo 5 é que há uma combinação da preposição SEM com um verbo no infinitivo, o que afetaria a classificação adotada pela gramática tradicional em conformidade com a NGB. Segundo esta, a oração em destaque seria uma reduzida de infinitivo. Entretanto, se for levado em conta que podem funcionar como conectores conjunções, preposições, certos advérbios e as locuções equivalentes a essas classes a saber: locuções conjuntivas, prepositivas e adverbiais, haveria, ao mesmo tempo, um conector e um verbo no infinitivo. Pela presença de um conector, ficaria inviável chamá-la de reduzida e, pela presença de um verbo no infinitivo, ficaria inviável chamá-la de desenvolvida. Qual seria a solução possível para resolver esse impasse? Uma saída seria enquadrar esse tipo de oração no grupo das justapostas, por exemplo.

Um outro aspecto que é importante de ser comentado é a posição em que as modais podem aparecer. Elas podem ser tanto antepostas como pospostas à oração principal. Um exemplo de anteposição é:

6. [Rebocando enormes composições] inúmeras locomotivas Diesel-Elétricas G-E atravessam hoje o Brasil em tôdas as direções...
(E-B-93-JA-011)

Um exemplo de posposição é:

7. É um produto moderno, higiênico que fixa o pó de arroz [**sem** deixar a pele pegajosa]
(E-B-92-JA-039)

Pelos exemplos 6 e 7, nota-se que as modais podem se apresentar tanto antepostas como pospostas à oração principal. No exemplo 6, a oração “Rebocando enormes composições” se encontra antes da oração principal, ou seja, anteposta no período. No exemplo 7, a oração “sem deixar a pele pegajosa” se encontra depois da oração principal, isto é, posposta no período. Verificase, assim, pelos exemplos, que as orações subordinadas adverbiais modais podem ocorrer tanto antepostas quanto pospostas à principal.

1.1. Possibilidades de abordagem das orações modais

1.1.1 Abordagem tradicional

Said Ali (1969), Cunha & Cintra (1985) e D’Ávila (1997) não tecem comentários, em uma seção em separado, sobre as orações subordinadas adverbiais modais. Luft (1978) considera as modais tanto na forma desenvolvida quanto na reduzida. Para ele, estas orações podem expressar o modo ou a maneira como algo acontece. Quando desenvolvidas, podem ser encabeçadas por (ASSIM) COMO, SEM QUE, etc. Os exemplos dados por Luft (1978:156) são²:

I. “Trabalhou [**como** devia]”.

II. “Saiu [**sem que** o notassem]”.

Quando reduzidas, segundo ele, podem ser de infinitivo

III. “Caminhou [**sem** fazer qualquer ruído]”.

e de gerúndio:

IV. “Rosnava [mostrando os dentes]”.

² Os exemplos dos autores consultados são apresentados por meio de algarismos romanos.

V. “Saiu [pulando de alegria]”.

O autor também chama atenção para o fato de que a NGB contempla advérbios de modo, adjuntos adverbiais de modo, mas não inclui as orações subordinadas adverbiais modais. Isto, para ele, teve o objetivo de tornar a classificação mais simples, porém resultou em uma falta.

Kury (1987) diz que as modais são equivalentes a um adjunto adverbial de modo e expressam a maneira pela qual a informação contida na oração principal se dá. O autor também atenta para o fato de que a NGB não contempla as modais e questiona a classificação destas. Ele comenta que as preposições SEM e COM seguidas de um verbo no infinitivo podem iniciar uma modal, citando os seguintes exemplos (cf. Kury 1987:101):

I. “Cavalguei [**sem** dizer palavra]” e

VII. “Nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas úteis, [**com** dizer] que os frutos do vosso esforço e trabalho outros os hão de colher e não vós”.

As orações reduzidas de gerúndio também podem expressar a circunstância de modo. O fato disso não estar presente na NGB causa estranheza, segundo o autor, pois o gerúndio expressa, com muita frequência, o modo. Isto também foi comentado por Said Ali (1969), que é citado por Kury (1987). Para Said Ali (1969:248), só o gerúndio é capaz de representar uma modal, como ilustra o período a seguir que foi por ele utilizado:

VIII. “Os Mouros se afastaram do navio [remando a toda pressa]”.

Bechara (1994:233) só mostra um exemplo de modal, a seguir reproduzido, que é desenvolvida e iniciada por SEM QUE:

IX. “De um relance leu na fisionomia do mancebo, [**sem que** suas pupilas extáticas se movessem nas órbitas]”.

O autor, em uma nota de pé de página, também comenta a ausência desta adverbial na NGB.

Rocha Lima (1998), ao tratar das modais, afirma que as circunstâncias de tempo, modo e lugar são fundamentais. Para ele, da mesma forma que não são encontradas conjunções que expressem a circunstância de lugar, o modo só pode ser exercido por orações subordinadas que sejam reduzidas de gerúndio:

X. “A disciplina militar prestante / Não se aprende, Senhor, na fantasia, / [Sonhando], [imaginando], ou [estudando], / Senão [vendo], [tratando] e [pelejando].”
(cf. Rocha Lima 1998:283)

Abreu (2003), de forma semelhante a Rocha Lima (1998), afirma que as modais podem exprimir a maneira, o modo ou o meio pelo qual o fato enunciado na oração principal pode ocorrer. Para o autor, elas podem se apresentar tanto na forma desenvolvida quanto na reduzida, sendo a última mais comum. Quando desenvolvidas, vêm iniciadas por COMO ou SEM QUE. Quando reduzidas, é mais freqüente aparecerem com o gerúndio. O autor ainda exemplifica modal reduzida de infinitivo, que é encontrada mais freqüentemente em Portugal. Neste caso, há o que se chama de infinitivo gerundivo:

XI. “A heroína da minha história triste entrava no palco [a sorrir]. A vida é, de fato, alegre. Eu é que estava, estupidamente, cada vez mais comovido.”
(cf. Abreu 2003:151)

1.1.2 Abordagem funcional-discursiva

Segundo Moura Neves (2000), a oração subordinada adverbial modal não aparece tão freqüentemente na forma desenvolvida e, quando isso acontece, ela é introduzida por SEM QUE e o modo do verbo é o subjuntivo. Uma outra possibilidade é o uso da conjunção COMO, que também possui uma idéia de conformidade. Por isso, muitas vezes, torna-se difícil interpretar uma construção como modal ou conformativa. O modo verbal utilizado é o indicativo. As modais reduzidas, para a autora, só podem ser de infinitivo com a preposição SEM. Diferente da maioria dos autores, ela não menciona a relação de modo expressa pelo gerúndio, apesar de esta ser muito comum.

Rodrigues (1999) analisou orações subordinadas adverbiais no *Jornal do Brasil*. As circunstâncias mais encontradas pela autora foram: 1. finalidade, 2. tempo, 3. causa, 4. condição, 5. comparação, 6. concessão, 7. conformidade, 8. modo, 9. proporção e 10. conseqüência. Ela percebeu que houve inovações no uso de conjunções, comparando o uso real da língua com o que é prescrito pelas gramáticas. Uma dessas inovações diz respeito a COMO SE, que é um articulador de modo, comparação ou condição. Um outro ponto importante observado pela autora é a polissemia de COMO, que é um articulador capaz de indicar as circunstâncias de conformidade, modalidade, tempo, causa e comparação.

Decat (1995) apresenta uma análise que faz parte da pesquisa realizada para sua tese de doutorado. Nesta, a autora observou a relação existente entre as cláusulas adverbiais e o gênero do discurso. Esse trabalho faz parte de um maior, pois pertence a uma das publicações dos *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Nele, é comentada a maneira como as cláusulas podem se articular, seja na escrita seja na fala. A autora tem como objetivo mostrar que a hipotaxe adverbial é um dos aspectos que exercem uma contribuição para a organização do discurso. Decat (1995:19) observou “as relações adverbiais que emergem da articulação das cláusulas com outras porções do discurso” e as funções que essas cláusulas exercem no discurso. O *corpus* analisado pela autora constitui-se de textos pertencentes aos gêneros narrativo e dissertativo e, como já foi dito, há dados de língua escrita e de língua falada. Alguns fatores influenciam no uso de um determinado tipo de cláusula, quanto à relação que estabelece, quanto à posição, quanto à forma e quanto à perspectiva discursiva: o gênero de discurso, a modalidade e a variação individual. Foram considerados por ela os discursos narrativo oral, narrativo escrito, dissertativo oral e dissertativo escrito.

Ao tecer comentários referentes aos gêneros discursivos, Decat (1995), em alguns momentos, cita as modais. Um ponto comentado por ela é o fato de que algumas cláusulas³ que expressam as circunstâncias de tempo e de modo permitem ser parafraseadas como adjetivas. O exemplo dado se refere à circunstância de tempo (no momento em que a classe fundamental se impõe como dominante). Fazendo uma analogia a esse exemplo, com a idéia de modo, acredita-se que as construções como “da maneira que...”, “do modo que...” podem ser interpretadas como adjetivas. Para a autora, tanto o modo verbal quanto a

³ No Funcionalismo, cláusula tem um sentido semelhante ao sentido de oração.

posição são importantes para o tipo de relação expressa pelas adverbiais. Por exemplo, as condicionais geralmente vêm expressas pelo subjuntivo e as causais, pelo indicativo. Decat (1995) ainda diz que certas relações podem estar vinculadas a gêneros discursivos específicos. No estudo feito por ela, pôde ser observado que as modais apresentaram preferência pela posposição categórica nos discursos narrativos (100%), tanto orais como escritos, e 80% no dissertativo oral. Já no discurso dissertativo escrito, a anteposição foi observada em 60% das modais. O quadro a seguir permite visualizar os autores que se propõem a explicitar todas as formas possíveis das orações modais se apresentarem.

Quadro 1: *Abordagem de alguns autores sobre a forma das modais*

	Desenvolvidas	Reduzidas de Infinitivo	de Reduzidas de gerúndio	de Reduzidas de particípio
Luft (1978)	+	+	+	-
Kury (1987)	+	+	+	-
Bechara (1994)	+	-	-	-
Rocha Lima (1998)	-	-	+	-
Moura Neves (2000)	+	+	-	-
Abreu (2003)	+	+	+	-

Pelo quadro 1, constata-se que apenas Rocha Lima (1998) não considera as modais desenvolvidas; Bechara (1994) e Rocha Lima (1998) não comentam sobre a possibilidade de as modais serem reduzidas de infinitivo; para Bechara (1994) e Moura Neves (2000) não é possível que as modais sejam reduzidas de gerúndio, apesar de esta ser uma forma muito comum de apresentação das modais. Note-se que consensualmente nenhum desses autores menciona modais reduzidas de particípio.

Dos autores que pensam ser possível as modais ocorrerem na forma desenvolvida, há diferenças em relação aos conectores capazes de introduzir essas orações. Um resumo das idéias desses autores pode ser visualizado no quadro 2.

Quadro 2: *Conectores que encabeçam as modais, segundo alguns autores*

	Sem que	Com + inf	(assim) como	Sem + inf	Como	Como se	Tal qual
Luft (1978)	+	-	+	+	-	-	-
Kury (1987)	+	+	-	-	-	-	-
Bechara (1994)	+	-	-	-	-	-	-
Rodrigues (1999)	+	-	-	+	+	+	+
Moura Neves (2000)	+	-	-	+	+	-	-
Abreu (2003)	+	-	-	-	+	-	-

Dentre os autores consultados, é categórica a possibilidade das modais serem introduzidas pela locução SEM QUE e, geralmente, quando isso acontece, o verbo é conjugado no subjuntivo, como Moura Neves (2000) comenta. Três autores - Luft (1978), Rodrigues (1999) e Moura Neves (2000) – tecem comentários acerca da possibilidade das modais serem introduzidas pela preposição SEM com o verbo no infinitivo. O conector COMO encabeçando as modais é citado por autores como Rodrigues (1999), Moura Neves (2000) e Abreu (2003). Há ainda outros usos de conectores que são menos consensuais. São os casos de COM + infinitivo, (ASSIM) COMO, COMO SE e TAL QUAL, que são comentados, respectivamente por Kury (1987), Luft (1978) e Rodrigues (1999). Esta, em seu trabalho, observou que há inovações no uso de conectores que encabeçam várias orações, entre elas as que veiculam a circunstância de modo.

Quanto à posição, as modais são passíveis de aparecer tanto antepostas como pospostas à oração principal. Os autores que tratam desse tipo de oração, quando tecem seus comentários, fornecem também alguns exemplos. Como não é comum se encontrar a informação referente à posição das modais explicitamente, foi observado se, na maioria dos exemplos presentes, elas são antepostas ou pospostas. Um resumo do que é apresentado por alguns autores pode ser encontrado no quadro 3.

Quadro 3: *Posição das modais extraída de exemplos de alguns autores*

	ANTEPOSTAS	POSPOSTAS
Luft (1978)	-	+
Kury (1987)	+	+
Bechara (1994)	-	+
Rocha Lima (1998)	-	+
Moura Neves (2000)	-	+
Abreu (2003)	-	+

Nota-se, pelo quadro 3 que, ao tratar das modais, a maioria dos autores fornece exemplos que envolvem a posposição destas. Dos autores consultados, apenas Kury (1987) apresenta exemplo contendo tanto anteposição como posposição das modais. Isso não significa que os autores que não mencionam as duas possibilidades de posição das modais não as considerem. Um autor pode fornecer apenas exemplos de modais antepostas, mas não descartar a existência de modais pospostas e vice-versa.

1.2. Orações modais e sua relação semântica com outras orações

1.2.1 Na abordagem tradicional

Como foi observado por Kury (1987), as modais podem se confundir com outros tipos de orações como comparativas, conformativas, consecutivas e concessivas. Por este motivo, é importante observar se alguns autores incluíram orações que podem expressar a circunstância de modo nesses tipos de orações.

Said Ali (1969:143), assim como os autores a serem comentados a seguir, quando fala das adverbiais consecutivas, menciona a possibilidade de elas virem introduzidas pelas locuções DE TAL MANEIRA, DE TAL MODO, DE TAL SORTE, DE TAL FORMA, DE TAL GÊNERO, entre outras. Isso, segundo ele, é feito para “pôr em relevo a maneira ou a espécie”. Um outro tipo de oração que merece atenção é a conformativa porque, assim como a modal, pode ser encabeçada por COMO:

XII. “Farei [**como** me ensinaste.]”

(cf. Said Ali, 1969: 145)

Com base no exemplo XII, uma pergunta possível é: Farei de que maneira? Entretanto, deve-se observar qual relação sobressai, se a de conformidade ou a de modo. Um outro tipo de relação que se assemelha à de modo é a que Said Ali (1969) chama de comparação referida a fato inexistente, empregando-se COMO SE e verbo no imperfeito do conjuntivo⁴. Como os autores seguintes também tratam desse assunto, os exemplos poderão ser encontrados mais adiante.

Luft (1978:155) dá exemplos de condicionais introduzidas por SEM QUE, o que também pode ocorrer com as modais:

XIII. “Não vás lá [**sem que** me avises]”.

A forma também é encontrada em modais, mas a idéia é “só vás lá com uma condição: me avises”. A partir dessa análise, pode-se diferenciar uma da outra. O autor ainda exemplifica condicionais reduzidas de infinitivo com a preposição SEM, o que ocorre com as modais.

XIV. “[**Sem** olhar direito], não se lava com jeito”. (cf. Luft 1978: 155)

Uma outra possibilidade para as condicionais, segundo Luft (1978), é a de reduzida de gerúndio, uma estrutura muito encontrada em modais. Luft (1978:155) dá, entre outros exemplos, o seguinte:

XV. “[Estudando] aprenderás”.

Uma primeira leitura certamente leva à circunstância de condição, sendo possível dizer: “Se estudar, aprenderás”. Mas há a possibilidade de entender a frase da seguinte maneira: “Aprenderás como?, aprenderás de que maneira? Estudando”. Quando Luft (1978:155) cita as conformativas, ele as define como orações que “denotam conformidade, modo”. Nada mais natural, então, que confundir conformativas com modais.

Cunha & Cintra (1985:592) dão como exemplo de comparativa a seguinte oração:

⁴ Em geral, usa-se conjuntivo como sinônimo de subjuntivo.

XVI. “O lavrador revirou os olhos e começou a tremer [**como se** tivesse uma sezão]”.

Uma possível interpretação para essa oração seria a do modo como o lavrador começou a tremer. Os autores, quando tratam das reduzidas de gerúndio, só citam exemplos de causais, temporais, concessivas e condicionais. Kury (1987) comenta que o gerúndio expressa, com muita frequência, o modo.

Kury (1987), ao tratar das comparativas, menciona a utilização da locução COMO SE conferindo à oração a “conotação de hipótese”.

XVII. “Os meus olhos rompiam a escuridão do horizonte, [**como se** a luz do sol os iluminasse]”.
(cf. Kury 1987: 91)

Outros autores poderiam interpretar esta construção como modal. Ele também trata das consecutivas introduzidas por DE MODO QUE e SEM QUE. Um comentário feito por ele a respeito dessas orações se refere ao exemplo que Bechara (1994) dá de reduzida de gerúndio. Este autor é o único a considerar tal possibilidade e esta é discutida por Kury (1987: 98).

XVIII. “Deram no arraial de repente, [rompendo-o por muitas partes]”.

Para Kury (1987), trata-se de uma coordenada aditiva reduzida de gerúndio. Portanto, o gerúndio, que é muito encontrado exprimindo a circunstância de modo, é capaz de introduzir coordenada aditiva. Kury (1987), ao tratar das modais, dá ênfase às imbricações com outros tipos de orações. Primeiramente, ele afirma que as modais podem ser equivocadamente classificadas como comparativas e isto pode ser observado em:

XIX. “Eu deixo a vida [**como** deixa o tédio / Do deserto o poento caminheiro]”.
(cf. Kury 1987: 100)

Segundo ele, isso se dá devido ao uso da conjunção COMO com o valor de TAL QUAL, ASSIM COMO, DO MESMO MODO QUE. Um outro tipo de oração que é introduzida por esta conjunção é a conformativa, na qual ela tem valor de CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE.

XX. “A voz dela, [**como** dizia o pai], era muito mimosa”. (cf. Kury 1987: 100)

Algumas modais são classificadas como consecutivas e esta confusão se dá por causa das locuções DE MODO QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE. As modais, segundo ele, também são classificadas indevidamente como concessivas. Isto se dá porque ambas podem ser introduzidas por SEM QUE. Entretanto, nas últimas, esta locução tem valor de EMBORA NÃO, AINDA QUE NÃO.

XXI. “Em casa estudo à vontade, [**sem que** ninguém me perturbe]”. (cf. Kury 1987: 101)

Para o autor, a locução citada pode expressar as circunstâncias de consequência e condição.

Bechara (1994) também mostra que as consecutivas podem se apresentar através das expressões DE TAL MANEIRA, DE TAL FORMA, DE TAL MODO, DE TAL SORTE. Ele diz que com essas expressões “postas na oração principal, a consecutiva passa a denotar que se deve a consequência ao *modo* pelo qual é praticada a ação anterior” (cf. Bechara, 1994:232). Pode-se verificar, portanto, uma semelhança entre consecutivas e modais. De acordo com ele, assim como as consecutivas, as finais podem aparecer com a expressão DE MANEIRA QUE; entretanto, por haver a relação de finalidade, esta expressão pode ser encontrada acrescida da preposição **a**: DE MODO A QUE, DE MANEIRA A QUE. Segundo Bechara (1994:232), nesses casos, “pode haver um liame estreito entre a oração consecutiva e a final quando a consequência denota um efeito ou resultado intencional”:

XXII. “Chegou cedo ao serviço **de maneira que** pudesse ser elogiado pelo patrão”.
(cf. Bechara 1994: 232)

D’Ávila (1997) não cita exemplos problemáticos, que causam confusão para classificar. Entretanto, na parte de uso de advérbios em interrogações, a autora exemplifica o COMO sendo advérbio de modo. Como já foi visto, o COMO funcionando como conjunção não aparece só em modais, mas também em orações que expressam outras circunstâncias: conformidade, causa e comparação.

Rocha Lima (1998), ao tratar das concessivas, dá um exemplo no qual aparece a locução SEM QUE e este pode ser confundido com modal, que também pode ser introduzida por essa locução. Cabe ao leitor observar qual é a idéia que está em evidência.

XXIII. “[**Sem que** seja estudante excelente], faz-se (contudo) respeitar de mestres e colegas”.
(cf. Rocha Lima 1998: 277)

Em XXIII, percebe-se a idéia de concessão, pois o estudante é respeitado *mesmo não sendo excelente*. Já em

8. “A cada momento temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos, [**sem que** se possa determinar a verba] por que foram effectuados”.
(E-B-91-JN-006)

há a idéia clara de modo: temos notícia dos gastos de que modo? Rocha Lima (1998:278) também dá um exemplo de condicional encabeçada por SEM QUE, cuja forma se assemelha à modal antes exemplificada:

XXIV. “Não dê conselhos, [**sem que** lhe sejam pedidos]”.

O mesmo autor aborda as comparativas e exemplifica as do tipo assimilativas como sendo introduzidas pela conjunção COMO que, segundo ele, equivale a “do mesmo modo que”. Por esta razão, é natural se confundir esse tipo de comparação com o modo de realizar algo. Em

XXV. “**Como** uma cascavel que se enroscava, / A cidade dos lázaros dormia ...”
(cf. Rocha Lima 1998: 280),

pode-se fazer a pergunta: A cidade dos lázaros dormia de que modo? Entretanto, encontram-se dois elementos explícitos sendo comparados – cascavel e cidade - e a comparação fica em evidência. Rocha Lima (1998:280) ainda dá um exemplo de oração introduzida por COMO SE e a considera comparativa-hipotética:

XXVI. “O velho fidalgo estremeceu [**como se** acordasse sobressaltado ...]”.

Como já foi mencionado, outros autores podem considerá-la adverbial modal, pois indica o modo como o velho fidalgo estremeceu. Ele cita também alguns exemplos de consecutivas que possuem uma forma semelhante à modal. Como já foi mostrado, as modais podem aparecer reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição SEM. Isto também pode ocorrer com as consecutivas:

XXVII. “Não abre a boca uma vez [**sem** dizer tolices]”. (cf. Rocha Lima 1998: 282)

A estrutura é semelhante a de uma consecutiva e, por isso, devem ser analisadas cuidadosamente:

9. “Barbeie-se todos os dias [**sem** irritar a pele]”. (E-B-93-JA-018)

Uma outra forma das consecutivas aparecerem é com a locução DE (TAL) MODO QUE. Pelo fato da conjunção QUE estar precedida pela locução adverbial de modo, elas estão incluídas no grupo de orações que se confundem com as modais.

XXVIII. “Explicarei a lição de modo [que todos me entendam]”.
(cf. Rocha Lima 1998: 282)

Abreu (2003), como outros autores já citados, mostra dois casos que favorecem as imbricações de modais com outros tipos de orações: a construção comparativa-hipotética introduzida por COMO SE e a construção consecutiva introduzida por locução adverbial de modo seguida de QUE.

1.2.2 Na abordagem semântica

Azeredo (2000) separa as orações adverbiais em grupos de acordo com as afinidades de sentido que possuem. Os grupos estabelecidos por ele são: causalidade (que envolve causais, condicionais, finais e consecutivas), situação (que envolve temporais, locativas e proporcionais), comparação (que envolve comparativas e conformativas) e contraste (que envolve contrastivas e concessivas). No grupo situação, ele afirma que se encontram as

orações que situam o fato expresso na oração principal: tempo, proporção e lugar. Geralmente, se diz que as noções básicas e mais encontradas nos advérbios são as de tempo, modo e lugar. Nesse grupo, há as circunstâncias de tempo e lugar. O modo não poderia ter afinidade de sentido com elas? No grupo comparação, ele separa a comparação intensiva da assimilativa. A última pode ser introduzida pela locução DA MESMA FORMA QUE, contribuindo para semelhança com a circunstância de modo. O exemplo dado por ele é:

XXIX. “[**Da mesma forma que** se acabou com a escravidão por motivos econômicos], vamos ter de acabar com a ignorância para sobreviver numa economia globalizada e cada vez mais competitiva”. (cf. Azeredo 2000: 234)

Azeredo (2000:236) ainda cita o caso da comparação em que o conteúdo da oração que exprime essa circunstância é “tomado como coisa irreal ou hipotética”. É o caso já abordado por outros autores das orações encabeçadas por COMO SE. Ao comentar as orações conformativas, o autor diz que a conjunção COMO possui um valor assimilativo e que, por isso, o conteúdo de uma oração confirma o da outra. Com este valor, o COMO se chama conjunção conformativa. Aqui, comparação e conformidade estão em um mesmo grupo por suas afinidades de sentido. Muitas vezes, o modo é também confundido com essas idéias.

No grupo contraste, ele distingue contrastivas de concessivas. As primeiras possuem um valor negativo, que contribui para afirmar o contrário do que seria mais plausível e as segundas expressam um dado irrelevante para que o conteúdo do restante do enunciado, isto é, o conteúdo da oração principal, seja afirmativo. Dentro do que ele chamou orações contrastivas, são dados exemplos parecidos com alguns exemplos do *corpus* VARPORT que claramente exprimem o modo. Até na forma de se apresentarem, as orações se assemelham a algumas modais:

XXX. “Ele saiu da sala [**sem que** dissesse uma única palavra]”. (cf. Azeredo 2000: 237)

Uma outra forma é introduzida pela preposição SEM seguida de verbo no infinitivo, o que pode ser visto nas modais. Ao explicar as formas nominais do verbo,

especificamente o gerúndio, Azeredo (2000) fornece exemplos que se parecem com as modais, mas o autor simplesmente comenta que o gerúndio pode equivaler a uma oração adverbial. A partir do exemplo XXXI, que se constitui de duas orações coordenadas, pode-se chegar a uma interpretação como a do exemplo XXXII.

XXXI. “O time explorou os contra-ataques e ganhou o jogo”. (cf. Azeredo, 2000: 243)

XXXII. “O time ganhou o jogo [explorando os contra-ataques]”. (cf. Azeredo 2000: 243)

O autor não cita a circunstância vinculada pelo gerúndio nesse caso. Entretanto, é possível entender a oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio como causal ou modal. Portanto, podem-se fazer as seguintes perguntas: Por que o time ganhou o jogo? Ou Como o time ganhou o jogo? O exemplo XXXIII também leva a uma interpretação modal das orações reduzidas de gerúndio destacadas.

XXXIII. “Existem órgãos que tentam ajudar essas pessoas, [retirando as crianças dos lixões], [levando-as para a escola] e [doando alimentos às suas famílias]”.
(cf. Azeredo, 2000: 243)

Pode-se fazer a seguinte pergunta: Existem órgãos que tentam ajudar essas pessoas de que maneira?

1.2.3 Na abordagem gerativista

Mateus *et alii* (2003:753) também citam o que outros autores chamaram de comparativas-hipotéticas; elas as denominam de comparativas condicionais: “são introduzidas pelo conector COMO SE, de valor simultaneamente comparativo e condicional. Surgem frequentemente em enunciados de valor contrafactual, mas podem também ter um valor hipotético”. O que elas chamam de contrafactual é sinônimo de irreal e um fato determina o outro, ou seja, se um fato possui uma idéia positiva, o outro caminha para essa mesma idéia. Um outro tópico abordado por elas e que é encontrado nos outros autores é o de consecutivas encabeçadas por locuções adverbiais de modo como DE

MANEIRA QUE, que devem ser observadas com cuidado. Algumas considerações feitas por Mateus *et alii* (2003) podem ajudar na diferenciação das condicionais, comparativas e modais.

As condicionais distinguem-se das adverbiais por não poderem se deslocar, não possuem tanta mobilidade no período em que se encontram. Preferencialmente, ela se coloca na primeira posição, isto é, antes da principal, ou matriz, sendo consideradas “adjuntos à esquerda à outra oração” (cf. Mateus *et alii* 2003:710). As comparativas, diferentes das condicionais e modais, não se apresentam na forma reduzida. As modais, que não são comentadas por Mateus *et alii* (2003), podem se apresentar, como já foi observado, tanto na forma desenvolvida quanto na reduzida. Com relação à posição no período, já foi percebido por Decat (1995) que, dependendo do discurso (narrativo, dissertativo, oral ou escrito) pode haver preferência pela posposição ou pela anteposição. Quando as autoras comentam as conformativas, as distinguem das comparativas, dizendo que as primeiras podem ser deslocadas, podem ser objeto de clivagem e são adjuntos, enquanto que nas segundas nada disso pode ser observado. É importante verificar o comportamento das modais nesses aspectos. Ainda em relação às conformativas, dois exemplos, quando são parafraseados por elas, dão margem a outra interpretação. Os exemplos XXXIV e XXXV foram parafraseados do seguinte modo: “A decoradora arranjou a sala da maneira **como** lhe recomendaram que fizesse”.

XXXIV. “A decoradora arranjou a sala **conforme** lhe recomendaram”.

(cf. Mateus *et alii*, 2003: 763)

XXXV. “A decoradora arranjou a sala **tal como** lhe recomendaram”.

(cf. Mateus *et alii*, 2003: 764)

1.2.4 Nas abordagens pragmático-discursiva e funcional-discursiva

Os estudos pragmático-discursivo e funcional-discursivo possuem em comum o fato de enfatizarem o uso. No caso da pesquisa feita aqui, tanto em um estudo como em outro, são levadas em conta as funções das orações no texto.

Koch e Vilela (2001) falam de uma série de determinações adverbiais, como a comparação, a proporção, a companhia, a restrição etc. Para eles, a comparação pode ser feita por meio de frase subordinada como no exemplo:

XXXVI. “Ele trabalha [**como se** estivesse a dormir]”. (cf. Koch e Vilela, 2001: 382)

Este tipo de comparação já foi comentado diversas vezes neste trabalho. Os autores ainda dizem que outras circunstâncias mais ou menos delimitáveis também podem ser expressas por uma frase subordinada:

XXXVII. “Ele foi-se embora [**sem que** apresentasse cumprimentos de despedida a ninguém]”. (cf. Koch e Vilela, 2001: 383)

e

XXXVIII. “Ele foi-se embora [**sem se** despedir de ninguém]”. (cf. Koch e Vilela, 2001: 383)

Os exemplos XXXVII e XXXVIII se assemelham ao que Azeredo (2000) chama de contrastivas, que por sua vez, se parecem com algumas adverbiais modais.

Dubois (1973: 414-5; *apud* Rodrigues, 2002:7) diz que o falante utiliza os modalizadores como uma maneira de ele manifestar o modo como considera seu enunciado. A partir dessa afirmação, ela observa que pode haver uma semelhança entre as relações expressas pelas “conjunções” concessivas e as modais. Neste mesmo trabalho, a autora ainda comenta sobre a teoria da argumentação e menciona um de seus representantes. Charaudeau (1992; *apud* Rodrigues, 2002:8) não leva em consideração o conteúdo de modo separadamente. A modal e a conformativa são tratadas por ele conjuntamente.

Apesar de o estudo apresentado aqui referir-se à língua portuguesa, foi de suma importância a leitura de autores de língua espanhola já que alguns deles tecem comentários acerca do item COMO e da locução conjuntiva COMO SE que podem perfeitamente ser aplicados à língua portuguesa.

Sánchez Márquez (1972; *apud* Ayora, 1991:9) comenta a respeito de COMO, que, para ele, pode ser incluído nas conjunções comparativas. Segundo o autor, as comparativas podem ser divididas em qualitativas, quantitativas e modais. Dessa forma, verifica-se que, em alguns casos, há confusão entre as comparativas e as modais. Ele é mais um autor que considera orações encabeçadas por COMO SE comparativas hipotéticas.

Uma visão diferente a respeito da construção COMO SE tem Ayora (1991). Para ele, COMO SI é uma locução modal utilizada com o modo subjuntivo.

Gili Gaya (1967; *apud* Ayora, 1991:9) diz que quando esta locução é usada com o subjuntivo forma orações que possuem tanto a idéia de modo como a de condição.

Decat (2001:146) observou que as relações de modo e conformidade podem se confundir em alguns casos. O exemplo que ela dá e que permite ambas leituras é o seguinte:

XXXIX. “Casamos, de papel passado e Igreja, [**como** pediram nossos pais, muito religiosos.]”.

Moura Neves (2000) atenta para o fato de as conformativas iniciadas por COMO só poderem se construir com o verbo no indicativo. É relevante, portanto, observar o modo e o tempo verbal no momento em que se está estudando determinado tipo de oração, justamente, para saber se isso é um fator capaz de diferenciar construções semelhantes. As comparativas não-correlativas, segundo a autora, podem se apresentar com a locução DO MESMO MODO QUE como em:

XL. “Tiãozinho, no entanto, tinha amizade pelo porquinho, **do mesmo modo que** Tico apreciava o Fumaça (GT)”.
(Moura Neves, 2000:900)

Apesar de possuir uma locução adverbial de modo, nota-se que há dois elementos explícitos sendo comparados; logo, a circunstância de comparação sobressai. A comparação feita entre predicados tem a possibilidade de ser qualitativa e, semelhante à comparação não-correlativa antes citada e vem iniciada por DO MESMO MODO QUE. Ela também trata das consecutivas iniciadas pelas locuções DE (TAL) MODO QUE, DE (TAL) MANEIRA QUE e as chama de locuções conjuntivas consecutivas, sendo esse tipo de consecutiva sem antecedente.

Os comentários feitos nesta seção com relação às orações mencionadas pelos autores supracitados que são capazes de ser confundidas com as modais podem ser visualizados no quadro a seguir.

Quadro 4: *Abordagem de alguns autores sobre as modais e sua relação com outras orações*

	Comp.	Comp. Hipot.	Concessiva	Conf.	Consec.	Cond.	Coord. Adit.	Contrast.	Final
Said Ali (1969)	-	+	-	+	+	-	-	-	-
Luft (1978)	-	-	-	+	-	+	-	-	-
Cunha & Cintra (1985)	+	-	-	-	-	-	-	-	-
Kury (1987)	+	+	+	+	+	-	+	-	-
Bechara (1994)	-	-	-	-	+	-	-	-	+
Rocha Lima (1998)	+	+	+	-	+	+	-	-	-
Abreu (2003)	-	+	-	-	+	-	-	-	-
Azeredo (2000)	+	+	-	+	-	-	-	+	-
Mateus <i>et alii</i> (2003)	+	+	-	+	+	+	-	-	-
Koch e Vilela (2001)	-	+	-	-	-	-	-	-	-
Rodrigues (2002)	-	-	+	-	-	-	-	-	-
Sánchez Márquez (1972)	+	+	-	-	-	-	-	-	-
Moura Neves (2000)	+	-	-	+	+	-	-	-	-
Decat (2001)	-	-	-	+	-	-	-	-	-

Das orações que se assemelham às modais, a mais citada pelos autores foi a comparativa-hipotética (8 autores); em seguida, aparecem as comparativas, conformativas e consecutivas (7 autores cada oração); as concessivas e condicionais são um pouco menos

mencionadas (3 autores cada oração) e as menos mencionadas são as coordenadas aditivas (Kury-1987), as contrastivas (Azeredo-2000) e as finais (Bechara-1994).

Não só as modais, mas também as orações semelhantes a elas, podem se apresentar na forma desenvolvida como foi visto anteriormente. A confusão que se dá entre as orações mencionadas, muitas vezes, se deve ao introdutor que as encabeçam, pois um determinado introdutor é capaz de encabeçar mais de um tipo de oração. Tendo em vista que alguns introdutores das orações modais passaram ou estão passando pelo processo de gramaticalização, isto é, passaram de um estatuto lexical para um estatuto gramatical ou de um estatuto gramatical para um mais gramatical, torna-se relevante tecer alguns comentários acerca do processo de gramaticalização propriamente dito. Pelo fato de este processo ser entendido de diferentes maneiras de acordo com o autor estudado, no item a seguir, serão apresentadas algumas possíveis interpretações bem como o surgimento das idéias pertinentes ao processo supracitado. Três introdutores das modais foram analisados no que tange ao processo de gramaticalização pelo qual passaram ou estão passando – COMO, SEM e A (cf. 4.4.).

2. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Antes da década de 90, já havia vários trabalhos que utilizavam o processo da gramaticalização para explicar algumas mudanças sintáticas. Sabendo-se que não há apenas um conceito de gramaticalização, destaca-se um dos mais citados que é o de Kurylowicz (1965; *apud* Traugott e Heine, 1991):

“Gramaticalização consiste no aumento de extensão de um morfema que passa do nível lexical para o nível gramatical ou de um nível menos gramatical para um mais gramatical”.⁵

Percebe-se, pela citação, que um item lexical pode, através do tempo e dependendo do contexto de uso, passar a um item gramatical. Por exemplo, um substantivo pode passar a ser usado como conjunção. É o caso da palavra *logo*, que no latim significava “lugar”, mas que hoje é utilizada como conjunção expressando a idéia de conclusão. O substantivo, por exemplo, pertence ao léxico, se refere, pois, a um nível mais concreto da língua e os itens pertencentes a esse grupo têm uma referência biossocial. A conjunção, por sua vez, pertence à gramática e esta se refere a um nível mais abstrato e interno da língua. Como exemplos de itens lexicais, têm-se substantivo, verbo, adjetivo e, como exemplos de itens gramaticais, têm-se preposição, conjunção, morfemas flexionais, pronomes, verbos auxiliares. Uma idéia que a gramaticalização envolve é a de que as categorias não são discretas, isto é, algumas palavras não estão totalmente fechadas em uma única categoria. Em determinados contextos, uma palavra pertencente a uma classe gramatical pode se comportar como sendo de outra classe. Um exemplo pode ser encontrado na seguinte frase: “A cerveja que desce redondo”, em que a palavra *redondo*, em princípio, pertence à classe dos adjetivos. No entanto, uma outra interpretação possível para essa frase é “A cerveja desce de uma certa maneira: redondo. Com isso, o adjetivo está se comportando como advérbio de modo. Como deve ser, então, classificado: como adjetivo ou como advérbio?”

Um outro aspecto muito discutido sobre a gramaticalização é se esta deve ser considerada um processo diacrônico ou sincrônico. Até 1970, ela era considerada

⁵ “Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”.

pertencente à lingüística diacrônica, porque servia para explicar fenômenos de mudança lingüística, ou seja, aqueles que se dão através do tempo. O exemplo de *logo*, já mencionado, se enquadra nessa idéia, pois está se comparando uma estrutura mais antiga, o latim, com uma mais recente, o português atual. Depois de 1970, a gramaticalização foi percebida também como um processo através do qual se tem uma melhor compreensão da gramática sincrônica. Traugott e Heine (1991) comentam essa discussão e adotam o termo pancrônico, que se refere à diacronia e sincronia ao mesmo tempo. Essa visão do processo está de acordo com Frajzyngier, Nichols e Timberlake (1975, 1977; *apud* Traugott e Heine, 1991:3) e é a que será adotada aqui. Não é possível entender a gramaticalização só com base na diacronia, pois o uso em uma época específica, independente de épocas passadas, pode contribuir para que um item passe pelo processo de gramaticalização. Isso está ligado ao papel da frequência, que será discutido mais adiante nesta seção.

O processo de gramaticalização e suas particularidades foram estudados por vários autores, como já foi dito. Givón (1979; *apud* Heine, 2003) foi crucial para pesquisas posteriores sobre gramaticalização, pois a partir de seus trabalhos surge uma nova perspectiva de análise. Ficou muito conhecida a sua frase “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (Heine 2003:576), pela qual se pode entender que um morfema que é encontrado hoje pode ter sido um substantivo, por exemplo, há um tempo atrás.

Meillet (1948 [1912]; *apud* Traugott e Heine, 1991:2) definiu a gramaticalização como a evolução de formas gramaticais (afixos, por exemplo) derivadas de formas lexicais. Também comentam a visão de Heine e Reh (1984; *apud* Traugott e Heine, 1991:2), que definiram o mesmo processo como

“...uma evolução onde formas lingüísticas perdem em complexidade semântica, significado pragmático, liberdade sintática e substância fonética”.⁶

Heine (2003) critica essa visão, pois parece que, quando um item se gramaticaliza, só há perda envolvida. Segundo ele, também há ganhos como em propriedades características de seu uso em novos contextos e, inclusive, às vezes, um item adquire um

⁶ “...an evolution whereby linguistic units lose in semantic complexity, pragmatic significance, syntactic freedom, and phonetic substance...”

significado que lembra muito pouco o original. Givón (1979; *apud* Traugott e Heine, 1991:3) caracteriza o processo em questão sob a perspectiva Discurso > Morfossintaxe. O esquema completo está representado a seguir:

Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

Um outro aspecto importante tratado pelos autores e que merece comentário é a unidirecionalidade. Uma vez que um item passou do nível lexical para o nível gramatical, não há como ele fazer o caminho inverso. Um tipo de unidirecionalidade citado pelos autores é o processo que envolve a passagem de um nível mais concreto para um nível mais abstrato. Heine *et al.* (1991; *apud* Traugott e Heine, 1991:4) mostram um esquema que se refere a metáforas em geral:

Pessoa > Objeto > Espaço > Tempo > Processo > Qualidade

e Traugott e König (1991; *apud* Traugott e Heine, 1991:4) apresentam um esquema que se refere a um caso particular:

Temporal > Causal > Concessivo

Um outro tipo de unidirecionalidade é o processo que envolve a diminuição da liberdade. Craig e Greenberg (1991; *apud* Traugott e Heine, 1991:5) dizem que “no nível da frase, formas podem se tornar menos livres e mais fixas através da gramaticalização; por exemplo, posições se tornam afixos”. Traugott e Heine (1991) afirmam que é a combinação dos processos supracitados que resulta na gramaticalização.

Esses autores ainda discutem sobre as condições para uma forma se gramaticalizar. Por que umas formas se gramaticalizam e outras não? Para eles, há apenas um grupo restrito de campos lexicais e, dentro deste grupo, há apenas um grupo restrito de itens lexicais que pode ser fonte para uma forma mais gramatical. Os exemplos que eles dão são: marcadores de caso, incluindo preposições e posposições, que derivam geralmente de partes do corpo ou verbos de movimento; marcadores de tempo e aspecto, que derivam

geralmente de configurações espaciais específicas; verbos modais, que derivam de termos que indicam posse ou desejo.

Uma condição para uma forma se tornar gramaticalizada é se seu conteúdo semântico ou as inferências que alguém pode fazer dele servem para criar um texto, ou seja, produzir discurso. Não só o conteúdo semântico é importante, a frequência com que a forma é usada também deve ser levada em consideração: “The more grammaticalized a form, the more frequent it is”⁷ (Bybee et al, 1985, Givón on serial verbs, Hook; *apud* Traugott e Heine, 1991:9).

Heine (2003) afirma que gramaticalização não é uma teoria, como alguns pensam, mas tem como objetivo descrever um processo pelo qual formas gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo e espaço, além de explicar porque elas são estruturadas da maneira que são. Além disso, o autor diz que não só os itens lexicais dão origem a formas gramaticais, mas formas gramaticais podem também se tornar mais gramaticais. Os itens lexicais requerem contextos específicos para passarem pelo processo de gramaticalização e, por isso, segundo ele, a gramaticalização se refere a contextos pragmáticos e morfossintáticos. Muitas vezes, em um determinado contexto, um item se torna ambíguo e essa ambigüidade favorece a mudança de significado desse item. Portanto, em alguns casos, o processo de gramaticalização surge de ambientes que promovem a ambigüidade de um item.

Apesar de haver um consenso entre vários autores de que gramaticalização é um processo que parte de itens lexicais dando origem a formas gramaticais e itens gramaticais formando itens mais gramaticais, há algumas diferenças de ponto de vista. Heine (2003) cita os autores Traugott (1980), Bybee (1985), Bybee *et al.* (1991,1994) e Hopper (1987). Traugott (1980; *apud* Heine, 2003:577) diz que a contribuição maior desse campo consiste em oferecer novas maneiras de reconstruir mudança semântica. Bybee (1985; *apud* Heine, 2003:577) e Bybee *et al.* (1991, 1994; *apud* Heine, 2003:577) vêem a gramaticalização como uma teoria que descreve e explica a estrutura de categorias gramaticais, além de considerarem a gramaticalização um processo que é constituído de vários estágios e Hopper (1987; *apud* Heine, 2003:577) considera gramaticalização sinônimo de gramática, que ele chama de gramática emergente. Para esse autor, o discurso é primordial.

⁷ Quanto mais gramaticalizado um item, mais freqüente ele é.

Heine (2003) ainda explica que expressões mais concretas podem ser usadas em contextos específicos para servir à gramática. Segundo ele, o processo de gramaticalização envolve quatro mecanismos inter-relacionados: dessemantização, extensão, decategorização e erosão. O primeiro trata da perda de conteúdo semântico; o segundo, do uso de uma forma em novos contextos; o terceiro, da perda das características das formas originais (por exemplo, uma forma independente perde essa característica e passa a ser dependente, presa) e o quarto, da redução fonética.

Com relação a um dos itens que foi observado neste trabalho, o COMO, pode-se considerar, após a análise de textos dos séculos XIX e XX, que houve uma extensão, pois ele, através do tempo, passou a ser utilizado em novos contextos: inicialmente, por exemplo, não expressava a relação de causa. Entretanto, posteriormente, isso já pôde ser observado. O exemplo a. que se segue, referente ao século XX, contém o item COMO com valor de preposição, já que pode ser substituído por DE, o que não foi observado no século XIX. Provavelmente, pode-se dizer que, com o tempo, o item estudado está adquirindo novos valores⁸.

a. “Começou a grande venda para prolongamento da casa **como** numero 44 da rua Assembléa, e renovação de todo o colossal stock de calçados da casa River.” (E-B-92-JA-002)

Além disso, houve decategorização, pois passou de advérbio interrogativo latino para conjunção, ainda no latim, apesar de ser possível encontrar o COMO funcionando como advérbio interrogativo até hoje. Finalmente, houve perda fonética, passando de *quo mo do* para “como”.

Observa-se, portanto, que há perda de propriedades, mas também há ganhos, pois uma forma passa a ser utilizada em novos contextos. Cada mecanismo citado proporciona uma evolução que pode ser descrita em um modelo de três estágios, chamado por Heine (2003) de “overlap model” (modelo de sobreposição). Este modelo explica que uma forma A é recrutada pelo processo de gramaticalização. Em seguida, esta forma adquire um novo uso, B, que apresenta ambigüidade com A e em terceiro lugar, A se perde e passa a existir somente a forma B. Segundo Heine (2003), nem todos os exemplos de gramaticalização

⁸ Os exemplos que envolvem o processo de gramaticalização dos itens que encabeçam as modais são apresentados por letras do alfabeto acompanhadas ou não de aspas duplas.

atingem o terceiro estágio. O autor trata de dois modelos pelos quais se pode descrever o processo que envolve a passagem de experiências humanas concretas para formas menos concretas. O primeiro modelo é o “transfer model” (modelo de transferência). De acordo com esse modelo, considera-se que há uma transferência de domínios da experiência humana (objetos físicos e movimentos físicos) para domínios mais abstratos como espaço, tempo, texto e outras relações. Estes domínios já foram apresentados neste capítulo.

Um exemplo do português para ilustrar os domínios supracitados é a frase: “Ele é meu braço direito”, em que se utilizou uma parte do corpo (PESSOA) para descrever uma QUALIDADE. Nessa frase, “braço direito” pode significar “ajudante”. O segundo modelo citado por Heine (2003) é o “contextual model” (modelo contextual), em que a gramaticalização requer contextos apropriados para ocorrer, leva a um aumento de contextos em que o item é usado e leva a um aumento na frequência do uso deste item. Essa relação entre gramaticalização e frequência será melhor observada mais adiante. Heine *et al.* (1991:113; *apud* Heine, 2003:588) propõem o modelo metonímico-metafórico de gramaticalização, que trata dos dois métodos citados anteriormente.

Um aspecto relevante exposto por Hopper e Traugott (1993) foi a interligação de cláusulas. Para os autores, “todas as línguas têm dispositivos para interligar as cláusulas no que chamamos de períodos complexos” (Hopper e Traugott, 1993:167). Eles propõem uma hierarquização dos períodos complexos que difere um pouco do que se encontra frequentemente em gramáticas tradicionais. De acordo com os autores, pode-se pensar em um declive de construções de combinação de cláusulas com três “pontos de aglomeração” (Hopper e Traugott, 1993:169): parataxe, hipotaxe e subordinação. A parataxe envolveria uma “independência relativa, exceto como forçada pela pragmática de ‘fazer sentido’ e relevância” (Hopper e Traugott, 1993:169); a hipotaxe envolveria uma “interdependência, em que há um núcleo, e uma ou mais cláusulas que não podem ficar sozinhas e que são, por conseguinte, relativamente dependentes” e a subordinação envolveria um “encaixamento, dependência completa” (Hopper e Traugott, 1993:170). Para resumir essas idéias, os autores estabeleceram combinações dos traços + dependente / - dependente, + encaixada / -encaixada. A parataxe é caracterizada pelos traços [- dependente] e [- encaixada], a hipotaxe é caracterizada pelos traços [+ dependente] e [- encaixada] e a subordinação é caracterizada pelos traços [+ dependente] e [+ encaixada]. Considerando esses traços, pode-

se afirmar que as orações tidas como subordinadas adverbiais, incluindo as modais, que estão sendo estudadas aqui, podem ser enquadradas como cláusulas hipotáticas.

Outro ponto importante a ser abordado é o papel que a frequência exerce no processo de gramaticalização e, para tratar disso, é relevante considerar a contribuição de Bybee (2003). Traugott (2003; *apud* Bybee, 2003:602) acredita que nenhuma das mudanças pode ser estudada sem se considerar o contexto em que o elemento gramaticalizado ocorre. Bybee (2003) afirma que não é suficiente definir gramaticalização apenas em relação a um item lexical, pois ela acredita que esse processo se dá na construção em que um elemento ocorre. Pode-se afirmar, portanto, que tanto um item como uma expressão podem sofrer gramaticalização.

A autora menciona que a repetição tem um papel crucial no processo de gramaticalização e que uma seqüência de palavras ou morfemas freqüentemente usados se tornam automáticos como uma única unidade. Haiman (1994; *apud* Bybee, 2003:603) considera o processo de gramaticalização como uma ritualização, que apresenta vários aspectos, todos resultantes da repetição: hábito, automatização, redução de formas e emancipação. Portanto, quando se usa muito uma determinada construção ou um determinado item (hábito), essa construção ou esse item se torna automático, isto é, é interpretado como uma única unidade, sendo, portanto, reanalisado. Após ser reanalisado, pode haver uma redução da forma. O exemplo que ela dá se refere ao modo de se tratar o futuro em inglês “be going to”. Na frase “I am going to see the king”, é possível se dizer “I’m gonna see the king”. O constante uso do verbo “to go” nessa construção fez com que os falantes reduzissem o tempo verbal em uma única forma “gonna”. A emancipação está ligada ao fato de que uma forma deixa de ter apenas um sentido (sentido literal) para adquirir um sentido dependente do contexto em que ocorre. Bybee (2003), ao tratar da ritualização, percebeu que com o hábito o organismo pára de responder da mesma maneira o estímulo repetido; ocorre redução fonológica quando um item ou uma construção é repetida; a freqüência proporciona uma autonomia para a construção, ou seja, os itens que formam a construção, se considerados separadamente, já não são tão utilizados com outros usos dos mesmos itens (no caso de go + to + ing em “be going to”); a construção passa a ser utilizada em novos contextos, caracterizando uma mudança semântica e a autonomia do

sintagma freqüente faz com que ele se torne mais penetrado (*entrenched*) na língua, conservando características morfossintáticas mais antigas.

Dois métodos que servem para controlar a freqüência de um item ou de uma construção são tratados por Bybee (2003). O primeiro método é o que ela chama de “token frequency” (freqüência de ocorrência); segundo, é o que ela chama de “type frequency” (freqüência de tipos).

2.1. Considerações acerca do introdutor *COMO*

Muitas considerações acerca da gramaticalização do item *COMO* são feitas por Barreto (1999) que trata da gramaticalização de vários itens conjuncionais. A autora explica que o *COMO* se origina de *quo mo*, uma forma que resulta da apócope sofrida pelo advérbio interrogativo latino *quo mo do*. No português arcaico, *COMO* podia exprimir as relações de modo, causa, comparação, finalidade, tempo e também fazia parte das correlações comparativas “tanto...como”, “assi...como” e das correlações modais “como...assi” e “bem como...assi”. Na baixa latinidade, a relação de causa também passou a ser expressa por *COMO* (cf. Ernout e Meillet, 1951; *apud* Barreto 1999:199). Como conjunção, o item estudado expressou, em princípio, a relação de modo, que já podia ser observada no advérbio latino. Essa relação foi conservada até o português contemporâneo. No século XIII, apresentava as variantes “en como” e “em como”. No mesmo século, as relações de comparação e tempo estavam presentes em *COMO*. Enquanto a primeira permanece no português contemporâneo, tanto escrito como falado, a segunda só é encontrada até o século XVII. Outras duas relações expressas por *COMO* no século XIII são as de causa e finalidade, sendo a primeira ainda encontrada no português contemporâneo. Uma outra relação, encontrada até os dias de hoje e que surgiu no século XVI, é a de conformidade. Pode-se dizer, portanto, que houve uma recategorização, pois o *COMO* passou da classe gramatical “advérbio” para a classe gramatical “conjunção”. Como se viu, primeiramente, o *COMO* conservou o valor modal. Quando a conjunção modal passou a exercer também valores de comparação e conformidade, adquiriu conteúdos semânticos específicos por processos metafóricos. Como conjunção causal, a gramaticalização aconteceu no latim. O valor de finalidade pode ser explicado

provavelmente por analogia ao uso da conjunção PORQUE tanto como conjunção causal como final, e a relação de tempo também pode ser devido à semelhança fônica com a forma *cum ~ quom*, conjunção temporal latina.

A conjunção COMO pode se associar às conjunções QUE e SE, que são condicionais, resultando no que Barreto (1999) chama de conjunções comparativas hipotéticas: COMO QUE e COMO SE. Essa mesma idéia é partilhada por Sánchez Márquez (1972: 247; *apud* Ayora:9). COMO SE apareceu em textos do século XIII enquanto que COMO QUE só foi encontrado em textos dos séculos XV e XVI. Rocha Lima (1987) e Cunha & Cintra (1985) também consideram COMO SE uma conjunção comparativa. Gili Gaya (1967; *apud* Ayora, 1991:9) analisa as orações encabeçadas por esta conjunção como intermediárias entre modais e condicionais, com verbo no subjuntivo.

Barreto (1999) ainda cita o COMO utilizado em correlações. A autora menciona Alvar e Pottier (1987:329), que explicam que o COMO era usado no latim em correlação com os advérbios comparativos: ASI, TALE-, TANTU- E TAN. No português, o COMO formou os itens conjuncionais COMO SE (condicional), COMO QUE (condicional) e COMO QUER QUE (concessiva e modal). Esta ocorreu entre os séculos XIII e XV, como conjunção concessiva e, nesses casos, geralmente o verbo vinha no modo subjuntivo. Atualmente, COMO QUER QUE funciona como conjunção modal e equivale à conjunção COMO. Entretanto, esta forma não é mencionada por gramáticos contemporâneos, provavelmente, por não ser muito utilizada pelos falantes. No capítulo 4.4, em 4.4.1, o item COMO é analisado tendo em vista seu processo de gramaticalização observado no *corpus*.

2.2. Considerações acerca do introdutor SEM QUE

Para uma análise da locução conjuntiva SEM QUE, faz-se necessário, primeiramente, analisar a preposição que a compõe, ou seja, SEM. Poggio (2002) comenta que esta é uma preposição portuguesa que provém do latim *sine*, que significava “exclusão”. Além disso, desde o latim, esta preposição é gramaticalizada e, no português, é formada por alterações gramaticais e semânticas. Alguns autores tecem comentários diferentes no que diz respeito à origem da preposição SEM e aos seus usos. W. Lindsay (1937; *apud* Poggio, 2002:219) afirma que sua origem está “em s(w)e-, raiz do pronome

reflexivo, acrescido da partícula –ne”. A autora ainda cita que “no latim arcaico, havia outra preposição com o sentido de SEM, mais tarde, *se*, uma forma ablativa do mesmo pronome”. A. Ernout e A. Meillet (1951; *apud* Poggio, 2002:219) dizem que “a preposição *sine* substitui, na época histórica, uma mais antiga *se*, *sed*, que se emprega apenas com negação”. V. Magnien (1948; *apud* Poggio, 2002:219) apresenta SEM como uma “preposição que rege ablativo”. Para a autora, *sine* pode ter o significado “sem”, “exclusão”. L. Rubio (1983; *apud* Poggio, 2002:220) considera que *sine* “une dois substantivos, entre os quais, o segundo exprime algo que falta no primeiro”. A.G. Cunha (1991; *apud* Poggio, 2002:220) também mostra que a preposição SEM provém do latim *sine* e que “é grafada SEN, no português arcaico, nos séculos XIII e XIV”. No *corpus* analisado por Poggio (2002:220), a preposição *sine* foi empregada com valor de “modo: exclusão” e a preposição *sen* foi empregada com valor de “modo” tanto para substituir o caso morfológico latino ablativo como para substituir o acusativo. Poggio (2002:99) comenta que “há preposições estreitamente ligadas a certos casos” e uma das citadas pela autora é a preposição SEM, que está estreitamente ligada “ao caso ‘maneira’”. Com isso, pode-se afirmar que a idéia de modo, maneira está presente desde a origem da preposição SEM. Poggio (2002:221) ainda atenta para um outro significado possível para a preposição *sine*: é empregada em “expressões latinas, como por exemplo *conditio sine qua non* (condição essencial à realização de uma transação, de um ato jurídico)”. Com isso, a preposição estudada também está vinculada à idéia de condição. Em relação à gramaticalização de *sen*, a autora afirma que há uma abstratização cada vez maior, partindo da noção de espaço, passando pela noção de tempo e adquirindo noções mais abstratas. Além disso, é comentado que a preposição SEM pode ser utilizada em locuções adverbiais como “sem dúvida”. Há, portanto, uma “recategorização sintática e semantização” (cf. Poggio 2002:221).

Barreto (1999:391) também sustenta a idéia de que a preposição SEM provém “da preposição latina *sine* que indicava ‘exclusão’, ‘ausência’, ‘condição’, ‘exceção’”. No capítulo 4.4, em 4.4.2, a preposição SEM é analisada tendo em vista seu processo de gramaticalização observado no *corpus*.

Além de poder se juntar a um verbo no infinitivo, a preposição SEM também pode formar uma locução conjuntiva ao se juntar à conjunção QUE. Com isso, há uma

recategorização sintática, pois, de preposição, SEM passou a formar uma locução conjuntiva. A respeito da locução SEM QUE, alguns autores tecem considerações interessantes.

Barreto (1999) cita que a locução SEM QUE constitui-se da preposição SEM seguida da conjunção QUE e que ela funciona como conjunção subordinativa modal. A autora supõe que o emprego desta locução se dá desde o século XVII. Bechara (1976; *apud* Barreto, 1999:390) afirma que a locução em estudo pode ser modal ou condicional e que alguns autores consideram-na apenas condicional. Poggio (1999:391) afirma que SEM QUE “passou a expressar, inicialmente, por um processo metafórico, a relação de modo”. A autora explica que é fácil compreender o uso de SEM QUE como modal e essa explicação se assemelha ao que Poggio (2002:220) observou a respeito das circunstâncias veiculadas por *sine*, que pode ter a idéia de “modo: exclusão”, ou seja, a idéia de modo está interligada à idéia de exclusão. Barreto (1999:391) explica que “se se exclui algo, algum motivo ou informação a respeito de um determinado fato, esse fato vai ocorrer de um modo diferente, melhor ou pior que o anterior”. A autora ainda comenta sobre a possibilidade de a locução SEM QUE ser condicional afirmando que esse valor semântico já podia ser encontrado na preposição latina.

Poggio (2002) cita que a locução SEM QUE pode ser consecutiva ou condicional. Não é feito nenhum comentário acerca da possibilidade de a circunstância de modo ser veiculada por ela. De acordo com Poggio (2002: 221), “SEM passa mais uma vez pelo processo de recategorização sintática e semanticização”. Em 4.4.2.1, a preposição SEM, especificamente em seu uso como parte integrante da locução conjuntiva SEM QUE, é analisada tendo em vista seu processo de gramaticalização observado no *corpus*.

2.3. Considerações acerca do introdutor A

Alguns autores tecem comentários acerca da preposição A. W. Lindsay (1937; *apud* Poggio, 2002:152) afirma que a proveniência da preposição latina A é do indo-europeu *ad*. Said Ali (1921; *apud* Poggio, 2002:152) cita que *ad* era usado, no latim, inicialmente, com os conceitos de “‘direção’ ou ‘movimento para algum ponto’, de ‘aproximação’ e final ‘junção de uma coisa a outra’”. Segundo Poggio (2002), *ad* teria várias acepções como

“direção”; “anexar”, “inclinar”, “proteção, defesa contra” (com idéia de movimento); “junto de”, “ao pé de” (sem idéia de movimento); “na presença de”, “perante”, entre tantas outras. M. Bassols de Climent (1956; *apud* Poggio, 2002:156) ainda aponta usos figurados de *ad* como “ ‘finalidade’, ‘resultado’ ou ‘conseqüência’, ‘comparação’, ‘**modo**’, ‘referência’ e ‘conformidade’”. No *corpus* analisado por Poggio (2002), encontrou-se, no século VI, o uso da preposição *ad* indicando “modo”. A autora ainda comenta que a acepção de “instrumento” já aparecia no latim. Em 4.4.3, a preposição A é analisada tendo em vista seu processo de gramaticalização observado no *corpus*.

Os estudos feitos sobre gramaticalização pelos autores apresentados neste capítulo foram de suma importância para a pesquisa realizada aqui, pois no capítulo 4, em 4.4, são mostrados os estágios percorridos pelos introdutores das modais COMO, SEM e A. O capítulo a seguir trata de noções que também são relevantes para esta pesquisa, que são a transitividade e os planos discursivos.

3. TRANSITIVIDADE E PLANOS DISCURSIVOS

Os conceitos de transitividade e de planos discursivos estão intimamente relacionados, como já fora observado por Hopper e Thompson (1980) e, por esse motivo, eles serão tratados aqui em conjunto. Foi constatado pelos autores supracitados que uma cláusula que é muita transitiva tende a funcionar no discurso no plano de “figura” e que uma cláusula que é pouco transitiva tende a funcionar no discurso no plano de “fundo”.

Essa relação entre transitividade e os planos discursivos “figura” e “fundo” é relevante para a pesquisa realizada aqui, pois um dos fatores levados em conta na análise dos dados do *corpus* é o plano discursivo (cf. capítulo 4, em 4.7.2). As modais são enquadradas dentro de um *continuum* que vai do “fundo 3” à “figura”.

Esperava-se que haveria uma frequência maior de orações modais nos dados do *corpus* analisados com a função de fundo pelo fato de alguns autores como Silveira (1990) terem explicitado que as orações subordinadas adverbiais, por expressarem determinadas circunstâncias, servem como um suporte, um comentário acerca do evento que é apresentado em um determinado texto. Além disso, Hopper e Thompson (1980) e Votre e Naro (1989) comentam que o gerúndio geralmente está relacionado com o plano discursivo “fundo”. Por esse motivo, acreditava-se que as orações modais reduzidas de gerúndio pertenceriam ao plano discursivo “fundo”, enquanto que as orações modais desenvolvidas e justapostas pertenceriam a planos discursivos que se aproximam do plano “figura” (“fundo 1” e “figura”).

No capítulo 2, um aspecto referente às modais foi comentado: a gramaticalização pela qual passam alguns introdutores. Já neste capítulo, dois outros aspectos serão mostrados: a transitividade e os planos discursivos. Aqui, é encontrada uma noção de transitividade diferente daquela que é apresentada aos alunos dos ensinos fundamental e médio. Para estes, a transitividade está restrita aos verbos, pois um verbo pode ser transitivo ou intransitivo, caso ele precise ou não de complemento. A noção de transitividade apresentada aqui é a que vai ao encontro das idéias de Hopper e Thompson (1980) e de Silveira (1990). Esses autores demonstram que uma oração inteira pode ser mais transitiva ou menos transitiva como será conferido a seguir. Faz-se necessário expor as idéias desses autores, pois quer se verificar se todas as orações modais se comportam da mesma maneira,

isto é, se possuem o mesmo grau de transitividade, ou se se comportam de diversas maneiras, isto é, se possuem diferentes graus de transitividade. O maior ou menor grau de transitividade interfere diretamente nos planos discursivos em que as modais podem ser enquadradas (figura ou fundo). O comportamento das modais no que tange aos graus de transitividade pode ser conferido em 4.7.1.

3.1. Por Hopper e Thompson (1980)

Hopper e Thompson (1980) discutem a noção de transitividade, que é tão presente nas gramáticas tradicionais. A visão adotada pelos autores difere significativamente da tradicional. Esta associa o termo apenas a verbos enquanto que aquela considera não só o verbo presente em uma sentença, mas também todos os outros termos que a compõem. Tradicionalmente, têm-se verbos transitivos, os que são complementados com objeto, e verbos intransitivos, os que não precisam de complementação. Dessa forma, os verbos que são agrupados em transitivos são tratados como se fossem iguais, isto é, da mesma natureza, o que não é verificado no uso real da língua. De acordo com Hopper e Thompson (1980), a transitividade envolve a efetividade com a qual uma ação se dá. Quanto mais efetiva a ação, mais transitiva é a sentença. Para esses autores, a transitividade envolve um número de componentes, em que apenas um deles é a presença de um objeto do verbo. Os objetivos desses autores são i) mostrar que a transitividade é uma relação crucial na língua, tendo um número de conseqüências previsíveis universalmente na gramática e ii) mostrar que as propriedades que definem a transitividade são determinadas discursivamente. A transitividade deve ser entendida, segundo Hopper e Thompson (1980), como uma atividade que é “transferida” de um agente para um paciente. Portanto, ela envolve, pelo menos, dois participantes e uma ação que é efetiva. O termo “transitividade” é utilizado porque trata de uma ação que “transita” do agente para o paciente e, por isso, quanto mais trânsito, mais transitiva será a sentença. Os componentes considerados por Hopper e Thompson (1980) são os apresentados no quadro 5 a seguir.

Quadro 5: *Componentes considerados em relação à Transitividade por Hopper e Thompson (1980)*

COMPONENTES	ALTA TRANSITIVIDADE	BAIXA TRANSITIVIDADE
Participantes	2 ou mais (Agente e Objeto)	Um
Cinese	Ação	Não-ação (estado)
Aspecto	Télico	Atélico
Punctualidade	Pontual	Não-pontual
Volitividade	Proposital	Não-proposital
Polaridade	Afirmativa	Negativa
Modalidade	Realis	Irrealis
Agentividade	Mais agente	Menos agente
Afetamento do Objeto	Objeto totalmente afetado	Objeto parcialmente afetado
Individualização do Objeto	Objeto muito individualizado	Objeto não-individualizado

Ao analisarem exemplos que mostram o uso real da língua, os autores atribuem pontuação 1 para cada componente que confere alta transitividade à cláusula e pontuação 0 para cada componente que confere baixa transitividade à cláusula. Esse procedimento foi efetuado aqui no que tange às modais. A partir da baixa ou alta transitividade apresentada por elas, foi possível enquadrá-las nos planos discursivos *figura* e *fundo* (cf. capítulo 4, em 4.7.2). Da mesma forma que a transitividade, Hopper e Thompson (1980) comentam que as partes do discurso “figura” e “fundo” devem ser analisadas a partir de um conjunto de propriedades, e não de uma só.

Em seguida, Hopper e Thompson (1980) comentam cada componente. Em relação aos participantes, só se pode ter a transferência de uma ação se houver, pelo menos, dois participantes. Em relação à cinese, ações podem ser transferidas de um participante para outro, enquanto que estados não (cf. ex. a’ e b’)⁹.

a’ Pedro bateu em seu irmão.

b’ Pedro gosta de seu irmão.

Em a’, há uma ação que é transferida de Pedro para seu irmão (bater), enquanto que em b’, o irmão de Pedro não é afetado apenas pelo fato de Pedro gostar dele. Apesar dessa

⁹ Os exemplos de minha autoria e que servem apenas para explicar determinados aspectos considerados na análise das modais são apresentados por letras do alfabeto acompanhadas por aspas simples.

diferença ser observada, tradicionalmente estes verbos seriam tratados da mesma forma, ou seja, como transitivos. Em relação ao aspecto, uma ação é mais efetivamente transferida quando é vista como completa do que quando está em progresso (cf. ex. c' e d').

c' Eu bebi água.

d' Eu estou bebendo água.

Em c', a ação de beber está completa e, por isso, é mais transitiva que d', em que a ação de beber está em progresso. Em relação à punctualidade, ações que se dão sem uma fase de transição são mais efetivas que as que envolvem uma duração maior. Dessa maneira, um verbo como “chutar” é punctual e um verbo como “carregar” não é punctual. Em relação à volitividade, quando o agente tem o propósito de fazer algo, a ação se dá mais efetivamente do que quando não há uma intenção definida (cf. ex. e' e f').

e' Carla leu o livro.

f' Carla perdeu a chave do carro.

Em e', o agente *Carla* teve a intenção de ler o livro, já em f', *Carla* não teve o objetivo de perder a chave, ela a perdeu involuntariamente. Em relação à polaridade, sentenças afirmativas indicam que as ações de fato ocorreram, enquanto que sentenças negativas indicam que as ações não se efetivaram. Em relação à modalidade, uma ação que não ocorreu ou que é possível de ocorrer é menos efetiva que uma que ocorreu ou que corresponde a um evento real. Em relação à agentividade, um participante que é mais ativo pode transferir uma ação mais efetivamente que um participante não tão ativo assim (cf. ex. g' e h').

g' Minha mãe me assustou.

h' Aquele ônibus me assustou.

Em g', *minha mãe* é um participante ativo, é mais potente em agentividade que *aquela ônibus* em h'. Em relação ao afetamento do objeto, uma ação é transferida em um grau maior se o objeto é afetado completamente do que se ele é parcialmente afetado (cf. ex. i' e j').

i' José comeu todo o bolo.

j' José comeu uma fatia de bolo.

Em i', o objeto *todo o bolo* foi afetado completamente, enquanto que, em j', o objeto *fatia de bolo* indica que o bolo não foi afetado completamente. Em relação à individualização do objeto, Hopper e Thompson (1980) levam em conta os fatores presentes no quadro 6.

Quadro 6: *Fatores considerados na Individualização do Objeto por Hopper e Thompson (1980)*

Individualizado	Não-individualizado
Próprio	Comum
Humano, animado	Inanimado
Concreto	Abstrato
Singular	Plural
Contável	Incontável
Determinado, específico	Não-determinado

Quanto mais características das apresentadas no quadro 6, na coluna da esquerda, o objeto possuir, mais individualizado ele será.

Considerando esses aspectos, a transitividade não é mais vista apenas como a transferência de uma ação de um participante para outro, mas sim como presente em diferentes partes de uma cláusula. Com isso, não é mais feita apenas a distinção entre cláusula transitiva e cláusula intransitiva, mas uma cláusula pode ser caracterizada como mais transitiva ou menos transitiva.

Um desconforto que essa nova noção de transitividade como um *continuum* pode causar é o fato de que uma sentença que apresenta dois participantes pode ser considerada

menos transitiva que uma que apresenta apenas um participante. Isto se dá porque o fato de se ter dois participantes não garante necessariamente que a sentença possua alta transitividade, pois outros fatores, que foram mostrados anteriormente, influenciam na transitividade global. Hopper e Thompson (1980) formularam a Hipótese da Transitividade como uma propriedade universal da gramática. De acordo com essa hipótese, um componente da transitividade pode influenciar em outro. Os autores analisaram diferentes línguas e um exemplo da hipótese formulada é que se um verbo é télico, isto é, se refere a uma alta transitividade, então o objeto também se encontrará no lado da transitividade alta, como, por exemplo, sendo individualizado.

Transitividade é uma noção crucial para entender um grande número de correlações recorrentes nas gramáticas de línguas. Os autores propõem uma visão pragmática para a transitividade e enfatizam o motivo desse conceito ser tão importante e tão presente nas gramáticas. Eles relacionam os componentes da transitividade com funções discursivas universais. Para Hopper e Thompson (1980), um universal lingüístico origina-se em uma função pragmática geral e não é explicado até que essa função seja isolada e relacionada com o universal. Na visão deles, é importante considerar a função comunicativa. São mencionados dois conceitos importantes no discurso, que são os conceitos de Figura (*Foreground*) e Fundo (*Background*). O primeiro está relacionado aos fatos do discurso e o segundo está relacionado com comentários feitos por um falante e sua vida pessoal. Portanto, o fundo amplia e comenta os fatos presentes no plano “figura”. A maior parte dos trabalhos que tratam dessas partes do discurso são feitos com a “narrativa”. Isso não quer dizer, entretanto, que não é possível observar esses aspectos em outros tipos textuais. Os autores dão um exemplo de receita culinária em que é possível se fazer uma análise no que se refere às noções de Figura e Fundo.

Para Hopper e Thompson (1980), em relação ao componente “Participantes”, há uma tendência do fundo estar associado com um SN-argumento e a figura com mais de um SN-argumento. Além disso, o fundo geralmente apresenta um verbo que está em uma forma que não permite a expressão de um agente, como, por exemplo, o gerúndio. Para os autores, o gerúndio é sempre apresentado como fundo, o que vai de encontro ao que Votre e Naro (1989:180) observam: “... fundo equivale à simultaneidade, onde ocorrem comentários, detalhamentos, descrições no presente não-marcado ou no gerúndio, em que a

dimensão temporal é irrelevante”. Para Hopper e Thompson (1980), às vezes, eventos significativos podem ser apresentados por uma forma associada a eventos menos importantes, como o gerúndio.

Em relação à cinese, nota-se que as cláusulas-figura geralmente narram eventos, isto é, mudanças de lugar ou condição. Comparando-se várias línguas, os autores constataram que a porcentagem de verbos classificados como cinéticos é maior nas cláusulas-figura do que nas cláusulas-fundo.

Em relação ao aspecto do verbo, cláusulas-figura possuem predominantemente verbos télicos, isto é, as ações são completas. Pelo fato de, em uma narrativa, ser apresentada uma seqüência de eventos, o discurso impõe uma interpretação perfectiva em eventos-figura. Por outro lado, no fundo, os eventos e as situações são apresentadas como em progresso ou simultâneos aos eventos-figura.

Em relação à punctualidade, os autores afirmam que verbos punctuais são mais prováveis de denotar os eventos do discurso, isto é, ocorrem preferencialmente como figura.

Em relação à volitividade, é comentado que um verbo volitivo requer um sujeito agente, humano ou, pelo menos, animado. Entretanto, esse tipo de sujeito não requer necessariamente um verbo volitivo. Na comparação entre várias línguas feita por eles, houve maior incidência de verbos volitivos em figura do que em fundo.

Em relação à agentividade, cláusulas-figura tendem a ter os agentes à esquerda da “Hierarquia da Agentividade”. Além disso, as propriedades de definitude e referencialidade são mais naturais nessas cláusulas, porque nelas, geralmente, continua-se falando de um mesmo participante em vez de introduzir um novo. Provavelmente, por esse motivo, geralmente há uma associação entre figura/informação dada e fundo/informação nova. Hopper e Thompson (1980) analisaram os componentes Modalidade e Polaridade juntos. Ao fazerem observações acerca de diferentes línguas, os autores observaram que todas as cláusulas-figura foram afirmativas e apresentaram verbos no indicativo, enquanto que, nas cláusulas-fundo, este número foi menor.

Em relação ao afetamento do objeto, é considerado que o total afetamento do objeto está relacionado com a perfectividade semântica do verbo. Portanto, quando uma ação é completa, há uma maior probabilidade de o objeto ser totalmente afetado e, quando a ação é

incompleta, há uma maior probabilidade de o objeto ser parcialmente afetado. Na pesquisa feita por eles, em cláusulas-figura, houve um número um pouco maior de objetos totalmente afetados do que em cláusulas-fundo.

Em relação à Individualização do Objeto, Timberlake (1975, 1977; *apud* Hopper e Thompson, 1980:253) notou que a definitude e a referencialidade dos objetos têm um papel mais importante se correlacionados com outros fatores de alta transitividade. Hopper e Thompson (1980) analisaram a individualização do objeto utilizando estes dois parâmetros. Foram dados dois pontos para os objetos que eram tanto definidos como referenciais, 1 ponto para os objetos que apresentassem ou uma ou outra dessas características e nenhum ponto para os objetos que não apresentassem nenhuma dessas características. Nas cláusulas-figura, a pontuação de objetos mais individualizados foi um pouco maior do que nas cláusulas-fundo. Ao se basearem em Bloomfield (1917), os autores chegam à conclusão de que é a referencialidade, e não a definitude, fator decisivo na individualização do objeto. A porcentagem de todos os componentes relacionados à alta transitividade foi maior nas cláusulas-figura do que nas cláusulas-fundo, comprovando a relação existente entre transitividade e as partes do discurso denominadas figura e fundo. Ainda é afirmado que propriedades semânticas e gramaticais que são irrelevantes para o plano discursivo figura também são irrelevantes para a transitividade.

3.2. Por Silveira (1990)

Silveira (1990) estuda a relevância em narrativas orais, que é uma propriedade perceptiva e discursiva caracterizada por dois planos diferentes na estruturação do todo, em que um dos planos é salientado em relação ao outro. O plano que é considerado relevante é denominado, de acordo com a Psicologia da Gestalt, de figura. Koffka (1936; *apud* Silveira, 1990:64) considera que a figura é um plano de relevo que privilegia alguns elementos em relação à neutralidade de um Fundo, que se caracteriza por um grau reduzido de diferenciação e serve de moldura para a Figura, determinando-a. Silveira (1990:67), ao conceituar narrativas, afirma que se tratam de “reportagens lingüísticas de um evento passado e acabado, estocado e disponível na memória dos indivíduos”. A seqüência dos eventos é associada às relações de causa e efeito. Labov (1972; *apud* Silveira, 1990:68)

salienta que uma narrativa bem formada é constituída das seguintes partes: 1. Introdução, que é composta por cláusulas que fazem uma síntese do assunto a ser narrado; 2. Orientação, que é constituída por informações a respeito dos participantes, do cenário e do tempo do evento que está sendo narrado; 3. Complicação, em que ocorre a narração propriamente dita, com uma cadeia de cláusulas; 4. Avaliação, em que há uma suspensão da narrativa por desvios avaliativos e comentários a respeito do que é narrado; 5. Finalidade, que é equivalente ao encerramento da narrativa, em que as situações narradas são resolvidas e 6. Moral, que nem sempre está presente e funciona como uma estratégia do falante para sinalizar que a narração se encerrou. Nesta parte, algumas observações gerais que mostram o efeito do evento sobre o narrador podem ser feitas. Labov (1972; *apud* Silveira, 1990:71) identificou dois tipos de orações: as narrativas, que são as seqüências de cláusulas, temporalmente ordenadas e as que funcionam como desvios avaliativos, que são constituídas por argumentos elaborados. Hopper (1979; *apud* Silveira, 1990:71) também constatou dois planos da narrativa: as cláusulas que reproduzem iconicamente o eixo dêitico-temporal, em que os fatos ocorreram no real foram chamadas de *Foreground* (Figura) e as cláusulas que clarificam circunstâncias factuais, dão suporte e comentam o que é relatado pela Figura foram chamadas de *Background* (Fundo). A figura é caracterizada pela seqüencialidade. Silveira (1990) resume os comentários feitos por Hopper (1979), relacionando os parâmetros da transitividade com as noções de figura e fundo.

Silveira (1990), ao propor uma revisão do conceito de Figura, afirma que, além do fato de cláusulas-figura serem caracterizadas pela seqüencialidade, há um outro fator característico dessas cláusulas: a importância. Para Hopper (1979; *apud* Silveira, 1990:84), nem todos os fatos de uma narrativa possuem o mesmo grau de importância. McCleary (1982; *apud* Silveira, 1990:85) fez um estudo em que estabeleceu quatro conjuntos de cláusulas: [+ seqüencial], [- seqüencial], [+ importante] e [- importante]. Esse estudo comprovou que há uma relação entre transitividade e a cadeia seqüencial de cláusulas. Entretanto, não foi possível estabelecer uma relação entre o que é seqüencial e o que é importante dentro da narrativa. Kálmar (1983; *apud* Silveira, 1990:85) também fez um estudo considerando a seqüencialidade e a importância. O resultado desse estudo foi que a transitividade se relaciona mais fortemente com o aspecto seqüencialidade. Para Kálmar

(1983; *apud* Silveira, 1990:86), seqüencialidade e importância se comportam de maneiras distintas. As cláusulas seqüenciais são consideradas importantes, mas também há cláusulas importantes que não são seqüenciais. O posicionamento adotado por Silveira (1990), em seu estudo, foi o de caracterizar as cláusulas-Figura como seqüenciais, já que há uma dificuldade em se estabelecer o que é importante para o desenvolvimento da narrativa.

Silveira (1990), ao propor uma revisão do conceito de Fundo, afirma que a definição dada por Hopper (1979) de que essas cláusulas ampliam e comentam as afirmações feitas pela Figura é muito abrangente e necessita de uma especificação maior. Para a autora, há diferentes tipos de cláusulas-Fundo, com funções distintas. Em seu estudo, pôde verificar 17 tipos dessas cláusulas. Com isso, se propôs uma Hierarquia de Fundidade, baseando-se em Slobin (1987), que aborda a identificação dos planos de Figura e Fundo como um processo contínuo, havendo, portanto, uma escala funcional. Para Silveira (1990), nem todos os tipos de Fundo estão no mesmo nível. Há aqueles que se aproximam mais da Figura e há aqueles que se distanciam mais. São propostos cinco níveis distintos de Fundidade.

O 1º nível se refere às cláusulas-Fundo que mais se aproximam da Figura porque apresentam informações concretas sobre o evento. Estas cláusulas fazem uma apresentação i) do evento; ii) do cenário; iii) dos participantes e iv) da fala dos participantes. Em i), têm-se cláusulas que situam o ouvinte sobre a estória que vai relatar, sendo comum a antecipação de um fato que ainda vai ocorrer. Em ii), têm-se cláusulas que situam o palco da estória. Em iii), têm-se cláusulas que identificam as personagens da narrativa e, em alguns casos, após a narrativa ter sido iniciada, o falante adiciona alguns detalhes a respeito desses personagens. Em iv), têm-se cláusulas que apresentam o discurso direto, isto é, a fala real da personagem.

O 2º nível se refere às cláusulas-Fundo que especificam o âmbito em que os fatos ocorrem através de circunstâncias, como as de i) tempo, ii) modo e iii) finalidade. Este nível já é um pouco mais abstrato que o 1º. Pelo fato deste trabalho focalizar as orações subordinadas adverbiais modais, cabe aqui ilustrar com um exemplo dado por Silveira (1990:97) de uma cláusula-Fundo que “detalha o modo como determinados fatos, relatados na seqüência narrativa, ocorrem”.

XLI. “ bom um determinado dia ... algumas pessoas ... se encontravam no consultório médico [aguardando sua vez] de serem atendidas ... quando de repente chega uma mulher que trazia uma criança para ser ... consultada né? ... pelo doutor ...”

O 3º nível se refere às cláusulas-Fundo que especificam vocábulos da cláusula anterior, ampliando as informações desta, através de i) especificação dos referentes e ii) especificação de processo-ação. Este nível é mais abstrato e mais elaborado linguisticamente. Em i), têm-se as cláusulas equivalentes às orações subordinadas adjetivas da classificação tradicional e em ii), têm-se as cláusulas que complementam o verbo da cláusula anterior, podendo ser equivalentes às orações subordinadas substantivas da classificação tradicional.

O 4º nível se refere às cláusulas-Fundo que especificam relações inferidas dos fatos narrados através de especificação de i) causa, ii) consequência e iii) adversidade. Estas cláusulas se afastam do evento, pois cada falante pode fazer sua própria inferência. Em i), o falante adiciona informações suplementares no momento em que ele relata a causa de um fato; em ii), também há uma adição de informações suplementares, porém esta se dá quando o falante apresenta as consequências de um fato e em iii), há a apresentação de um fato adverso ao que foi narrado anteriormente.

O 5º nível se refere às cláusulas-Fundo que apresentam interferências do falante no evento que está narrando através de uma apresentação de i) opinião, ii) resumo, iii) dúvida, iv) conclusão e v) canal. Estas interferências são pessoais, pois mudam de falante para falante. Em i), há uma quebra na seqüência narrativa e o falante expressa sua opinião a respeito do que está sendo relatado; em ii), após a seqüência de fatos ter sido apresentada, o falante resume o que estava relatando. Um exemplo dado pela autora é a cláusula-Fundo “bom... e assim foi...”; em iii), o narrador hesita ao relatar um fato já acabado; em iv), após a apresentação de uma seqüência de fatos, o falante encerra o que estava sendo relatado e em v), o falante tenta atrair a atenção do ouvinte para o que está sendo relatado, podendo fazê-lo formulando uma pergunta, o que envolve o ouvinte no relato da estória.

A autora deixa claro que esta hierarquia de fundidade proposta por ela serve aos dados de seu estudo. Em outro estudo, pode ocorrer de esta hierarquia ser modificada para atender certas necessidades. No estudo que será feito aqui, também será proposta uma

hierarquia de fundidade, porém especificamente relacionada às orações subordinadas adverbiais modais (cf. 4.7.2.).

3.3. Por Decat (2001)

Decat (2001) faz um estudo a respeito da articulação hipotática adverbial no português em uso. Em um dado momento, a autora tece comentários referentes às cláusulas adverbiais funcionando como Fundo. A autora afirma que este tipo de cláusula costuma ser utilizada como fundo, já que funciona como uma moldura e fornece uma informação necessária à compreensão do que é relatado no núcleo. Em seu estudo, observou que a hipotaxe adverbial, quando constituía o Fundo, ocorria em posição final em relação à cláusula matriz¹⁰. Além disso, a autora comenta que a cláusula adverbial fornece informação que localiza um evento circunstancialmente. Essas cláusulas equivalem ao 2º nível tratado por Silveira (1990). Segundo Labov e Waletzky (1967; *apud* Decat, 2001:151), as cláusulas hipotáticas que funcionam como fundo equivalem a uma orientação da narrativa, capacitando o leitor/ouvinte a compreender a informação presente na narração propriamente dita. A posição final das cláusulas hipotáticas também pode constituir uma forma de avaliação do falante/escritor sobre o que é encontrado na porção-núcleo. Essas cláusulas são equivalentes ao 4º nível tratado por Silveira (1990). Uma outra função das cláusulas adverbiais comentada por Decat (2001) é a guiadora, que corresponde de certa forma à apresentação do evento e do cenário encontrada no 1º nível tratado por Silveira (1990). Uma outra função comentada por Decat (2001) é a de retomada da informação presente no discurso precedente, podendo constituir uma recapitulação ou um resumo do que foi referido no parágrafo anterior. De certa forma, essa função das cláusulas adverbiais corresponde à apresentação de resumo encontrada no 5º nível tratado por Silveira (1990). Além disso, uma cláusula adverbial pode funcionar como tópico e marcar uma cláusula adverbial como tópico significa explicitar seu papel de coesão discursiva. Esse tipo de cláusula por funcionar como fundo, pode ter uma função referencial e avaliativa. O fato deste tipo de cláusula poder funcionar como tópico dá conta de sua função discursiva.

¹⁰ Na abordagem funcionalista, cláusula matriz equivale à oração principal da abordagem tradicional.

As considerações dos autores mencionados neste capítulo são relevantes, pois um dos fatores levado em conta na análise dos dados do *corpus* nesta pesquisa foi o plano discursivo em que as modais podem estar incluídas. Como pode ser conferido em 4.7.2, um *continuum* referente aos níveis de fundidade foi estabelecido. Foi de extrema importância fazer a leitura dos autores citados neste capítulo no que tange à transitividade, já que, como foi comentado, há uma estreita relação entre ela e os planos discursivos: os parâmetros que conferem alta transitividade a uma cláusula são responsáveis por enquadrá-la no plano discursivo figura. Da mesma maneira, os parâmetros que conferem baixa transitividade a uma cláusula são responsáveis por enquadrá-la no plano discursivo fundo. O fato de se ter incluído o plano discursivo como um dos fatores a serem observados deve-se ao interesse em perceber a função que as modais possuem no discurso.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS DO *CORPUS*

Alguns aspectos cruciais para a análise das modais foram comentados na teoria (cf. capítulos 2 e 3). Agora, esses aspectos serão utilizados, na prática, para uma observação mais apurada do comportamento das modais. Além da gramaticalização, da transitividade e dos planos discursivos, alguns fatores foram estabelecidos a fim de se analisar os dados do *corpus* coerentemente (cf. Introdução). Em seguida, esses fatores foram agrupados para serem submetidos a um tratamento estatístico, utilizando-se, pois, a metodologia da sociolinguística laboviana. Ao submeter os dados ao programa computacional GOLDVARB, foi necessário estabelecer a variável dependente e as variáveis independentes, a fim de observar qual (is) fator (es) influencia (m) um determinado comportamento das modais. Para cada subgrupo de fator, foi atribuído um código, pois é através dele que se faz a leitura computacional.

O primeiro grupo de fatores, que representa a variável dependente, é a forma de articulação da oração, que pode ser desenvolvida, reduzida ou justaposta. O segundo grupo de fatores, que representa a primeira variável independente, é o articulador sintático, que pode ser conjunção, locução conjuntiva e preposição. O terceiro grupo de fatores é a posição da subordinada em relação à principal, que pode ser anteposta, posposta ou intercalada. O quarto grupo de fatores é o gênero textual, que é composto por três gêneros referentes à língua escrita e um referente à língua falada: notícia, editorial, anúncio e entrevista. O quinto grupo de fatores é o plano discursivo, que pode ser fundo 1, fundo 2, fundo 3 e figura (cf. 4.7.2.). O sexto grupo de fatores é o tipo de verbo. Nesse grupo de fatores, foram levados em consideração os tipos semânticos de verbo de Halliday (1994; *apud* Scheibman, 2001:66), Dixon (1991; *apud* Scheibman, 2001:67) e Scheibman (2001): cognitivo, corpóreo, existencial, sensitivo, material, perceptivo, relacional e verbal. O sétimo grupo de fatores é a forma da redução e, portanto, não se aplica às modais desenvolvidas. As formas de redução das modais são de gerúndio e de infinitivo. O oitavo grupo de fatores é a variedade do português, que é composto pelo português brasileiro e pelo português europeu. O nono grupo de fatores se refere aos graus de formalismos propostos por Travaglia (1997). No que tange às modais, estas foram encontradas em textos formais, informais e semi-formais. O décimo grupo de fatores é a modalidade linguística,

isto é, dados referentes à língua escrita ou à língua falada. O décimo primeiro grupo de fatores se refere às amostras utilizadas, ou seja, dados pertencentes ao século XIX e dados pertencentes ao século XX. O décimo segundo, o décimo terceiro e o décimo quarto grupos de fatores são relacionados apenas aos dados de língua falada. O décimo segundo grupo de fatores se refere ao gênero do informante, isto é, masculino ou feminino. O décimo terceiro grupo de fatores é o nível de escolaridade, em que foram levados em conta os níveis médio (completo ou incompleto), fundamental (completo ou incompleto), superior (completo ou incompleto) e alfabetizado. O décimo quarto grupo de fatores é a faixa etária, em que se encontram dados pertencentes à faixa I (de 25 a 35 anos), à faixa II (de 36 a 55 anos) e à faixa III (de 56 em diante). O décimo quinto, o último grupo de fatores a ser considerado, é a região das amostras. Este grupo contém os seguintes subfatores: Lisboa, Coimbra, Rio de Janeiro e São Paulo.

Vale ressaltar que três grupos de fatores supracitados foram controlados, mas, por não exercerem influência significativa no comportamento das orações modais, não serão analisados aqui: o gênero dos informantes, a faixa etária e a região das amostras.

Foi importante para a análise das modais, além da sociolinguística como metodologia, a teoria funcional-discursiva.

Para analisar os dados do *corpus*, como já foi dito, foi utilizada a metodologia da sociolinguística laboviana, com a utilização do pacote computacional GOLDVARB. Sabe-se que o estudo feito aqui não envolve um fenômeno de variação. Entretanto, pensa-se que é importante dar um tratamento estatístico mais apurado, o que só é possível com o programa computacional. Dessa forma, torna-se possível fazer cruzamento de alguns grupos de fatores, o que propicia uma análise mais adequada dos dados. A sociolinguística relaciona os fatores sociais com um determinado uso linguístico. Geralmente, quando se tem um fenômeno que envolve variação ou uma mudança linguística, à luz da sociolinguística, este fenômeno é influenciado por fatores sociais. Dentre eles, estão o gênero do falante, a faixa etária, o nível de escolaridade, a região de coleta do dado, etc. A depender desses fatores, pode haver um uso diferenciado de uma construção específica.

Uma teoria muito importante para este trabalho é a do funcionalismo. Quando se fala em funcionalismo, se pensa na Escola Linguística de Praga, em que alguns estudiosos começaram a estudar determinados aspectos que estão vinculados ao funcionalismo, como,

por exemplo, a possibilidade de um item ser multifuncional, pois, a depender do contexto lingüístico e social, um item pode exercer uma diferente função. Um outro tópico importante ressaltado pelo funcionalismo é que as frases são consideradas unidades comunicativas, pois elas não são apenas constituídas de um bloco de palavras, mas apresentam aspectos que vão além disso. Uma frase envolve um falante ou escritor que emite uma mensagem para um ouvinte ou leitor, em um determinado momento com um objetivo específico. Além de frases, que caracterizam a linguagem verbal, a comunicação pode se dar através de gestos, expressões faciais, contato visual, que caracterizam a linguagem não-verbal. Apesar de se falar em funcionalismo de maneira genérica, sabe-se que há mais de um tipo de funcionalismo: “o conservador, o moderado e o extremado” (Nichols 1984; *apud* Moura Neves, 1997:55). O primeiro reconhece que o modelo formalista é inadequado, mas não apresenta nenhuma proposta de análise da estrutura; o segundo, além de encarar o formalismo como inadequado, propõe uma análise funcionalista da estrutura e o terceiro nega a existência da “estrutura como estrutura, e considera que as regras se baseiam internamente na função” (Moura Neves, 1997:56). Alguns nomes são comumente vinculados ao funcionalismo: Halliday, Dik, Givón, Heine, Hopper, Thompson, Traugott, etc.

Há algumas categorias e alguns conceitos que são comumente analisadas tomando-se como base a teoria funcionalista: informatividade, contrastividade, gramaticalização (cf. capítulo 2), transitividade, planos discursivos (cf. capítulo 3), marcação, iconicidade, entre outros. A informatividade envolve referentes nominais que são encontrados em um enunciado e podem ser “novos, inferíveis e dados” (Prince, 1980; *apud* Nobre, 2005:1). A contrastividade envolve um item que, geralmente, é menos “cotado” se comparado a outros para ser utilizado em uma determinada construção, mas é o escolhido para tal. Há alguns recursos de ordenação contrastiva: “deslocamento para a esquerda” e “topicalização” (Givón, 1990b; *apud* Nobre, 2005:1). A marcação indica que um item é mais marcado se é menos freqüente e possui complexidades estrutural e cognitiva maiores. A iconicidade tem como subprincípios os seguintes: quantidade - “quanto maior a quantidade de informações, maior a quantidade de formas utilizadas” (Givón, 1990a; *apud* Nobre, 2005:3) -, proximidade - “conceitos integrados no plano cognitivo também se apresentam integrados morfossintaticamente” (Givón, 1990a; *apud* Nobre, 2005:3) - e ordenação linear - a

informação mais importante, mais previsível, mais tópica e pouco acessível aparece primeiro. Para este trabalho, os conceitos mais relevantes e que serão aplicados às orações modais são gramaticalização, transitividade e planos discursivos (“figura” e “fundo”).

4.1. Descrição do *corpus*

Os dados foram retirados do *corpus* VARPORT (Análise Contrastiva de Variedades do Português), que se encontra disponível no site www.lettras.ufrj.br/varport. Há dados referentes à língua escrita e à língua falada, tanto na variedade europeia como na variedade brasileira. Em todos os momentos que os dados forem apresentados, encontrar-se-á, entre parênteses, um código que é fornecido pelo *corpus* VARPORT, a fim de tornar mais fácil a identificação deles.

O primeiro caracter se refere à modalidade lingüística, em que a letra E indica que o dado é de língua escrita, as letras OC indicam que o dado é de língua falada e se trata de um exemplo Oral Culto e as letras OP indicam que o dado se refere ao português Oral Popular.

O segundo caracter se refere à variedade do português, em que B indica português brasileiro e P português de Portugal.

O terceiro caracter se refere ao século e suas fases, em que 81 se refere à primeira fase do século XIX (de 1808 a 1840); 82 à segunda fase do século XIX (de 1841 a 1870); 83 à terceira fase do século XIX (de 1871 a 1900); 91 à primeira fase do século XX (de 1901 a 1924); 92 à segunda fase do século XX (de 1925 a 1949); 93 à terceira fase do século XX (de 1950 a 1974); 94 à quarta fase do século XX (de 1975 a 2000), 70 se refere à década de 70 nos dados de língua falada; 9C à década de 90 nos dados de língua falada culta no português do Brasil; 90 aos dados de língua falada popular no português do Brasil da década de 90 e nos dados do português de Portugal da década de 90; 9R aos dados provenientes de um recontato que foi feito na década de 90 no português do Brasil e RE aos dados provenientes de um recontato que foi feito na década de 90 no português de Portugal.

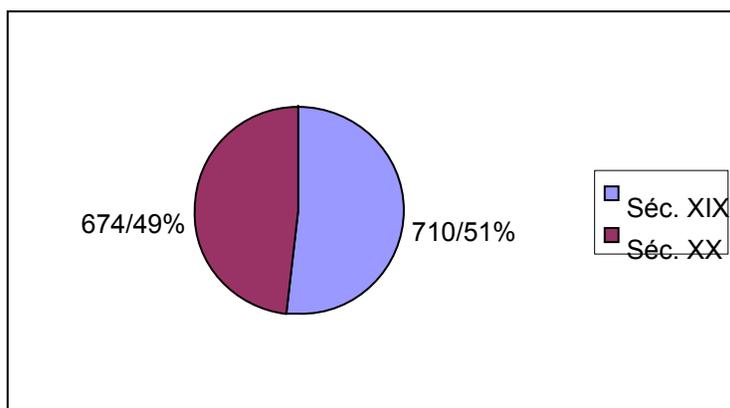
O quarto caracter se refere ao gênero textual nos dados de língua escrita e à faixa etária e gênero do informante nos dados de língua falada, em que JE indica que o dado é encontrado em um editorial; JA indica que o dado é encontrado em um anúncio; JN indica que o dado é encontrado em uma notícia; IM indica que o informante é do sexo masculino

e pertence à faixa etária 1; 2M indica que o informante é do sexo masculino e pertence à faixa etária 2; 3M indica que o informante é do sexo masculino e pertence à faixa etária 3; 1F indica que o informante é do sexo feminino e pertence à faixa etária 1; 2F indica que o informante é do sexo feminino e pertence à faixa etária 2 e 3F indica que o informante é do sexo feminino e pertence à faixa etária 3. No que se refere a esse carácter, quando os dados provêm de recontato, as faixas etárias consideradas são 1, 2, 3 e 4. Portanto, 4M indica que o informante é do sexo masculino e pertence à faixa etária 4 e 4F indica que o informante é do sexo feminino e pertence à faixa etária 4.

O quinto e último carácter se refere ao número do texto, por exemplo: se no VARPORT, há 10 editoriais, independente do século ou da variedade do português, o primeiro é indicado como 001 e o último é indicado como 010.

Houve uma certa dificuldade em encontrar dados que pudessem ser utilizados para a análise das modais. Isto se deu, principalmente, pelo fato de muitas construções apresentarem um matiz modal, apesar de, sintaticamente e/ou semanticamente, serem enquadradas em um outro tipo de oração. Como foi dito na introdução deste trabalho, foram lidos 1.384 textos retirados do *corpus* VARPORT. Estes textos são distribuídos de acordo com vários aspectos, como as amostras utilizadas, modalidade lingüística e gêneros textuais (cf. figuras 1, 2 e 3, respectivamente).

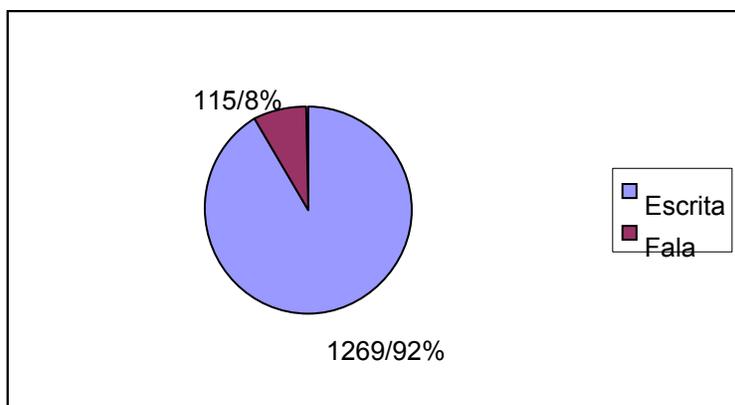
FIGURA 1: Distribuição dos textos lidos pelas amostras utilizadas



Pela figura 1, se pode conferir que há um equilíbrio no número de textos lidos de acordo com o século, já que as porcentagens são quase equivalentes.

Os textos também são distribuídos pela modalidade lingüística:

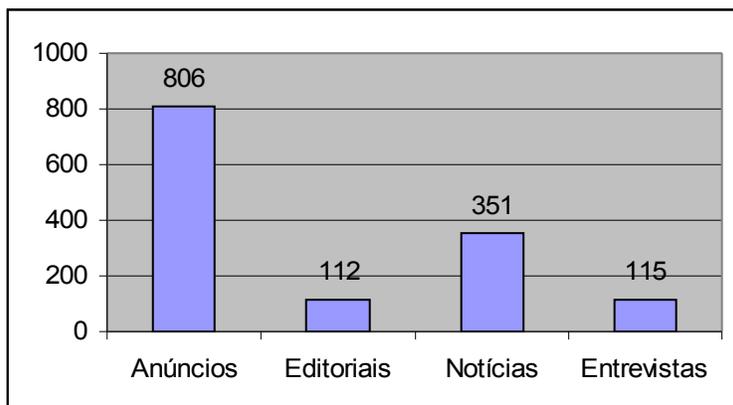
FIGURA 2: Distribuição dos textos lidos por modalidade lingüística



Pela figura 2, se verifica que a grande maioria dos textos lidos é referente à língua escrita. Isto se deu porque, do século XIX, só há textos de língua escrita. Portanto, somando-se todos os textos do século XIX com todos os textos de língua falada do século XX, é natural que se obtenha um número bem maior de textos de língua escrita do que de língua falada. Entretanto, pensa-se que essa diferença não represente um prejuízo na análise feita porque os textos de língua falada possuem uma extensão bem maior do que a maioria dos textos de língua escrita. Com isso, o número de palavras lidas durante a análise estaria razoavelmente equilibrado.

Os textos lidos também são distribuídos de acordo com o gênero textual. Essa distribuição pode ser conferida na figura 3.

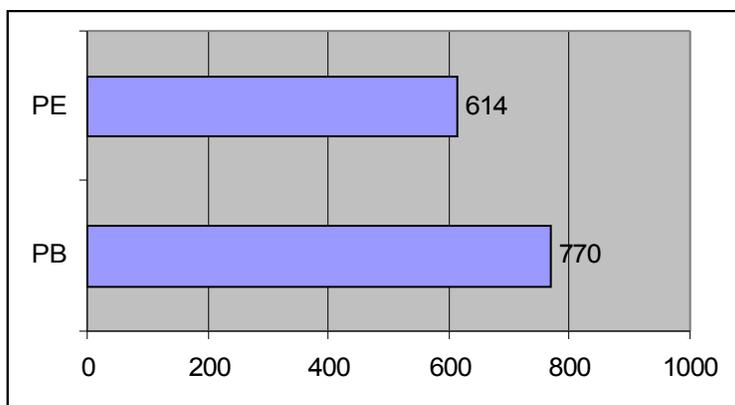
FIGURA 3: Distribuição dos textos lidos pelos gêneros textuais



É observado, na figura 3, que o número de anúncios lidos é maior do que o dos outros gêneros, correspondendo a 58,2% do total de textos. A quantidade de editoriais lidos corresponde a 8,1% do total de textos, a quantidade de notícias equivale a 25,4% dos textos lidos e o número de entrevistas lidas é equivalente a 8,3% do total de textos. Em princípio, poder-se-ia pensar que há uma discrepância que compromete a análise dos dados no que tange ao número de textos lidos e distribuídos pelos gêneros. No entanto, a quantidade referente a cada gênero está de acordo com a extensão que cada um geralmente tem. O fato de haver muitos anúncios lidos pode ser explicado pelo tamanho deles, que, geralmente, é muito pequeno. A segunda maior quantidade de textos lidos é encontrada nas notícias e isso é facilmente explicável. Esse é o gênero textual que se encontra na segunda posição se for considerada sua extensão. Nota-se que há um certo equilíbrio entre o número de editoriais e o número de entrevistas lidas. De fato, esses gêneros apresentam um tamanho praticamente equivalente e são os maiores em extensão. Conseqüentemente, tanto em um editorial quanto em uma notícia, há um número de palavras equivalente a vários anúncios e algumas notícias; da mesma forma que, em um anúncio, há um número de palavras equivalente a um pequeno pedaço de um editorial ou de uma entrevista. Com isso, a discrepância que é notada no que tange à quantidade de textos lidos distribuídos pelos gêneros não compromete a análise dos dados.

Os textos lidos, como foi comentado na introdução e no início deste capítulo, são representantes do português brasileiro (PB) ou do português europeu (PE) e a distribuição deles levando a variedade do português em consideração pode ser vista na figura 4.

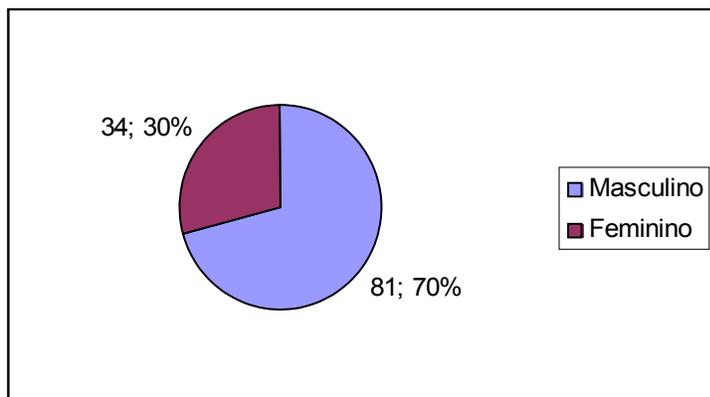
FIGURA 4: Distribuição dos textos lidos pela variedade do português



Como se nota, na figura 4, a quantidade de textos lidos que são referentes ao português brasileiro, o equivalente a 55,6% do total, é ligeiramente maior que a de textos referentes ao português europeu, o equivalente a 44,4% do total. Como a diferença não é muito grande, pode-se tirar conclusões acerca das modais no que tange ao seu uso nas duas variedades do português (cf. 4.11).

Os textos correspondentes à língua falada, tanto no português brasileiro como no português europeu, são distribuídos de acordo com o gênero do falante e sua faixa etária. A distribuição desses textos pelo gênero do falante pode ser encontrada na figura 5.

FIGURA 5: Distribuição dos textos lidos pelo gênero do falante



Como se pode notar, na figura 5, a quantidade de textos pertencentes a falantes do gênero masculino é bem maior do que a de pertencentes a falantes do gênero feminino. Entretanto, isto se deu pelo fato de que, no *corpus* VARPORT, no que tange ao português oral popular, seja brasileiro seja europeu, só há textos pertencentes ao gênero masculino. Se forem comparados apenas os textos referentes ao português oral culto, tanto brasileiro como europeu, a distribuição fica equivalente, com 34 textos referentes ao gênero masculino e 34 textos referentes ao gênero feminino.

4.2. Critérios para a caracterização das modais

Como já foi observado, há diferentes abordagens para as orações subordinadas adverbiais modais. Há semelhanças e diferenças entre os diversos tratamentos dados a estas orações. Isto se dá em relação à posição que elas podem ocupar, à possibilidade delas se apresentarem como reduzidas e/ou desenvolvidas, e aos conectores capazes de as introduzir (cf. capítulo 1; 1.1.;1.1.1. e 1.1.2.). Após esse levantamento do que é considerado oração modal para alguns autores, faz-se necessário expor o que será considerado oração modal aqui. Primeiramente, o princípio básico para se classificar uma oração como subordinada adverbial é estabelecer sua equivalência a um adjunto adverbial. Como tal, ela possui uma relação de adjunção a um verbo, no caso, ao verbo presente na oração principal. Com isso, é preciso observar se é possível estabelecer uma relação de modo entre o verbo da oração

principal e o verbo da oração subordinada. Em alguns casos, à primeira vista, uma relação de modo poderia estar presente. Entretanto, ao se analisar mais atentamente a oração em questão, observa-se que não há como se obter uma relação de adjunção entre o verbo da subordinada com o verbo da principal:

10. “...por isso que, [declarando-se logo no principio do artigo contra-Alma e divindade], - se declarou contra o senso comum” (E-B-81-JE-010)

11. “...estavão aglomerados, mulheres, homens, crianças, semi-nus, esfaimados [offerecendo um tal grao de deslocação], que até repugna descrever!” (E-B-83-JE-004)

No exemplo 10, poderia-se perguntar: De que modo se declarou contra o senso comum? No entanto, ao perceber o verbo da oração subordinada, constata-se que ele é o mesmo da oração principal. Conseqüentemente, fica difícil estabelecer uma relação de modo: * Declarou [declarando]. Uma possível interpretação para a oração em destaque é como temporal:

“...por isso que, [ao se declarar logo no principio do artigo contra-Alma e divindade], - se declarou contra o senso comum.”

A primeira impressão que leva a uma interpretação como modal se deve ao fato de o gerúndio, freqüentemente, estabelecer essa idéia. Como foi constatado que a interpretação mais adequada para a oração em destaque em 10 é como subordinada adverbial temporal, esta foi descartada, isto é, não foi contada como um dado de oração modal.

No exemplo 11, poderia-se perguntar: De que modo mulheres, homens, crianças estavam? A resposta seria: “oferecendo um tal grau de deslocação”. No entanto, ao se analisar mais atentamente o período, verifica-se que se trata de um verbo auxiliar “estar” com um verbo principal no gerúndio “oferecendo”, formando uma locução verbal. Essa locução dá a idéia de ação em progresso; portanto, está relacionada com o aspecto do verbo: imperfectivo.

Acredita-se que uma maneira mais eficaz de se obter uma definição do tipo de oração em questão é contrapô-la a outros tipos de oração e a outro mecanismo de organização do período, ou seja, a coordenação. A partir das diferenças estabelecidas,

poderá se chegar a traços pertencentes a uma oração e não pertencentes à outra, o que contribuirá para o reconhecimento do que é uma oração subordinada adverbial modal.

4.2.1. Modais e coordenação

Uma estreita relação observada durante a análise do *corpus* foi entre as orações modais e a coordenação. Sabe-se que, pelo fato de uma oração subordinada adverbial ser correspondente a um adjunto adverbial, ela apresenta um grau menor de encaixamento com a principal do que os outros tipos de subordinadas. Por esse motivo, alguns autores enquadraram-nas no processo de hipotaxe, como Decat (2001). Há outros indícios de semelhanças entre a coordenação e a articulação hipotática, como a confusão natural que se faz entre as coordenadas explicativas e as adverbiais causais, e entre as coordenadas adversativas e adverbiais concessivas. Pode-se fazer uma distinção entre esses dois tipos de mecanismo de organização de um período pela possibilidade ou não de mobilidade posicional. Geralmente, as coordenadas sindéticas aparecem pospostas às coordenadas assindéticas, enquanto que as orações adverbiais apresentam maior mobilidade, podendo estar antepostas ou pospostas à oração principal.

O principal aspecto responsável pela semelhança entre as modais e as coordenadas é o tempo verbal, mais precisamente, o gerúndio. Algumas orações coordenadas reduzidas de gerúndio podem veicular a idéia de modo, principalmente pelo gerúndio naturalmente estabelecer esse tipo de relação. Entretanto, se a oração for examinada mais atentamente, será constatado que, no nível sintático, se trata de coordenação. A presença do gerúndio em ambos os tipos de articulação é mostrada por autores como Said Ali (1969), Kury (1987), Bechara (1994) e Azeredo (2000).

Azeredo (2000) afirma que o gerúndio pode expressar noções como meio, instrumento, modo, tempo, causa, condição, adição, conclusão e conseqüência. Portanto, tanto adverbiais que exprimem as idéias antes mencionadas como as coordenadas aditivas e conclusivas podem se apresentar com o gerúndio.

Kury (1987), ao citar Said Ali (1969), afirma que, se o acontecimento que ocorre primeiro, isto é, a coordenada assindética, for uma oração desenvolvida, o gerúndio, denotando fato imediato, equivale a uma oração coordenada aditiva.

XLI. “Recebeu a jóia, [entregando-a depois à esposa]”.

=

Recebeu a jóia [e entregou-a depois à esposa].

Kury (1987) menciona outros exemplos:

XLII. “(A mocidade) ama a vigília, [aborrecendo o sono]”.

=

(A mocidade) ama a vigília [e aborrece o sono].

XLIII. “Nos últimos tempos o Patrão ia à fazenda quase diariamente, [nunca regressando com o sol ainda alto]”.

=

Nos últimos tempos o Patrão ia à fazenda quase diariamente [e nunca regressava com o sol ainda alto].

Os exemplos XLI, XLII e XLIII ajudam a diferenciar o gerúndio na coordenação do gerúndio na subordinação adverbial, especificamente, na oração modal, já que não é possível dizer, por exemplo: “Recebeu a jóia de que modo? Entregando-a depois à esposa”. Aqui, se encontram dois fatos, em que um ocorre imediatamente após o outro.

Bechara (1994) faz o mesmo comentário de Kury (1987) e também usa o mesmo exemplo.

No *corpus* analisado, também foram encontrados exemplos que, à primeira vista, são polêmicos por estarem na linha tênue que separa a coordenação da subordinação adverbial modal:

12. “Algumas juntas geraes de districtos recusaram-se dividir os respectivos contingentes [fundando-se o artigo constitucional] que determina que os impostos sejam votados pelas côrtes”.

(E-B-82-JN-022)

=

Algumas juntas geraes de districtos recusaram-se dividir os respectivos contingentes [e fundaram o artigo constitucional] que determina que os impostos sejam votados pelas côrtes.

13. “Um belo dia um filho deste, de 8 annos de idade vendo a onça a devorar um capado, correu a tomal-o, [espantando-a]”. (E-B-83-JN-054)

=

Um belo dia um filho deste, de 8 annos de idade vendo a onça a devorar um capado, correu a tomal-o, [e espantou-a].

No exemplo 12, poderia se fazer a pergunta: De que modo as juntas “geraes” recusaram-se a dividir os contingentes? A resposta seria: fundando-se o artigo constitucional. Entretanto, se a oração em destaque for analisada mais atentamente, vê-se que o acontecimento representado nela se deu após o acontecimento representado pela oração anterior. Desse modo, pode-se dizer que, em um primeiro momento, as juntas “geraes” recusaram-se a dividir os respectivos contingentes e, posteriormente, fundaram o artigo constitucional.

No exemplo 13, poderia se fazer a pergunta: De que modo o menino tomou o capado? A resposta seria: espantando a onça. Entretanto, se a oração em destaque for analisada mais atentamente, vê-se que é possível substituir o gerúndio pela conjunção E acompanhada pelo verbo no pretérito perfeito: “O menino correu a tomá-lo e espantou-a”. Uma outra interpretação possível é como oração subordinada adjetiva, ou o que Mateus *et alii* (2003) denominam subordinação relativa apositiva de frase. Tomando esta interpretação, o período em questão poderia ser parafraseado assim:

“Um belo dia, um filho deste, de 8 annos de idade vendo a onça a devorar um capado, correu a tomal-o, [o que espantou-a].”

Um recurso utilizado e que pôde contribuir para a interpretação da oração em destaque como coordenada é o uso da vírgula, que indica uma pausa e, conseqüentemente, que o acontecimento retratado na segunda oração se deu posteriormente ao retratado na primeira. Esse traço de seqüências de acontecimento é muito relevante na distinção entre

modal e coordenação, já que a modal indica o modo como um acontecimento se deu e, por isso, representa uma situação simultânea à representada na oração principal:

14. “Estão certos os arenistas que pleiteiam participar da escolha dos novos dirigentes nacionais do Partido. Esta é, aliás, a melhor maneira de vitalizar a vida partidária [estimulando, ao mesmo tempo, a apresentação formal de novas lideranças na expectativa de oportunidades políticas].” (E-B-94-JE-001)

15. “Você pode comprar o seu celular digital em qualquer uma de nossas lojas no Rio de Janeiro, que o Ponto Frio garante a entrega do seu aparelho já habilitado. Você sai [falando na hora].” (E-B-94-JA-020)

Os exemplos 14 e 15 demonstram que a situação retratada na oração em destaque se dá simultaneamente à retratada na oração principal. Esta simultaneidade ainda é reforçada pelas expressões “ao mesmo tempo” e “na hora”, respectivamente.

Com isso, se constata que a modal possui um traço [+ simultâneo], enquanto a coordenada possui um traço [- simultâneo].

4.2.2. Modais e orações fronteiriças

Como já foi observado no capítulo 1, algumas orações possuem uma estreita relação com as modais, o que acaba criando uma confusão no momento de classificá-las. As modais, portanto, possuem semelhanças com as conformativas, comparativas, concessivas e condicionais. Barreto (1999), ao tratar da gramaticalização das conjunções na língua portuguesa, tece comentários que ajudaram a diferenciar as modais das orações supracitadas.

4.2.2.1. Modais e conformativas

A primeira semelhança tratada aqui será entre as modais e as conformativas. Barreto (1999:201) afirma que “a relação de conformidade se refere a algo, isto é, a algum fato que induz a realização de outro; há uma conformidade entre o pensamento expresso na oração subordinada e o da oração principal”. Baseado no pensamento da autora, no *corpus* analisado, pôde-se distinguir mais facilmente uma modal de uma conformativa. As modais

que se confundem com as conformativas são as introduzidas pela conjunção COMO, pois ambos os tipos de adverbiais podem ser encabeçadas por tal conjunção. Os exemplos 16 e 17 são de conformativas e estão de acordo com o que foi observado por Barreto (1999).

16. “[**Como** se vê], a instituição maldita ficou golpeada profundamente, e é justo que não se demore a lei, e nesse sentido fazemos nossas as palavras do Dr. Joaquim Nabuco”.
(E-B-83-JN-046)

17. “Se continuarmos a tentar esquecer casos como esse, o regime vai ter que aprender a conviver com esses “fantasmas” ou então chamar a Polícia para apurar tudo direitinho, [**como** sugeriu o Ministro]”.
(E-B-94-JE-004)

Em 16, o pensamento expresso na oração subordinada, isto é, “como se vê”, está de acordo ou em conformidade com o fato que consta na oração principal, isto é, “a instituição maldita ficou golpeada”. O fato que ocorreu pode ser confirmado, comprovado pelo que aparece na oração subordinada. Já em 17, a oração subordinada, isto é, “como sugeriu o Ministro”, induz a realização do fato que consta na oração principal, pois o que terá que acontecer (fato presente na oração principal) depende da sugestão dada pelo Ministro e é induzido por ela.

Como foi comentado por Barreto (1999:202), “a relação de modo não possui esse caráter de indução”:

18. “A Hespanha com a sua povoação de onze milhões de almas pôde, sendo [**como** tem sido], ajudada pela Grã-Bretanha, que lhe fornece cabedal e armas, apresentar pelo menos 300 soldados”.
(E-B-81-JN-012)

19 (ex. 2 reescrito) “Esperamos, na expectativa sympathica, para applaudil-o e julgal-o [**como** merece]”.
(E-B-83-JN-045)

Em 18, não há uma relação de conformidade entre a oração subordinada e a oração principal. Há uma explicação do modo como a “Hespanha” é ajudada. Além disso, também não há indução para que o fato presente na oração principal se realize. Uma primeira interpretação poderia levar a classificar a oração em destaque como comparativa, pois há uma comparação entre a possibilidade de “ser ajudada” com o fato de já estar sendo

ajudada, ou seja, dois momentos estariam sendo comparados. No entanto, não há dois termos para estabelecer uma comparação, como no exemplo 20:

20. “O ajustamento deve ser o maior possível entre os órgãos federais e estaduais, preservado e fortalecido, [**como** também deve ser o papel da Sudene, na coordenação do desenvolvimento econômico regional]”. (E-B-94-JE-002)

Em 20, há uma comparação entre “o ajustamento preservado e fortalecido entre órgãos federais e estaduais” e “o papel preservado e fortalecido da Sudene”. Como numa comparação pode haver termos repetidos, a elipse de um deles pode ocorrer. Foi o que aconteceu no segundo termo da comparação no exemplo supracitado, já que a expressão “o maior possível” está elíptica no segundo termo da comparação.

Em 19, entende-se que alguém deve ser aplaudido e julgado da maneira que merece. Não há uma relação de confirmação ou comprovação entre o fato de ser aplaudido e julgado com o fato de merecer, nem, tampouco, “como merece” induz a realização de alguém ser julgado ou aplaudido. A partir dessas constatações, percebe-se que uma oração subordinada conformativa possui o poder de induzir a realização de um fato que aparece na oração principal e que uma oração modal não possui esse poder.

Com isso, é possível atribuir um traço [- poder indutivo] para uma modal e um traço [+ poder indutivo] para uma conformativa.

4.2.2.2. Modais e comparativas

A segunda semelhança tratada aqui será entre as modais e as comparativas. Como já foi mencionado anteriormente, em uma comparação, há uma necessidade de se ter dois termos para que ela seja efetiva. Em alguns casos, há termos repetidos e, portanto, a elipse é permitida. Já em uma modal, não há termos repetidos, portanto, ela não permite a elipse.

k'. João é forte [**como** um touro].

Em k', está claro que há dois termos sendo comparados: “João” e “um touro”. O que se diz a respeito dos dois termos é o mesmo: o fato de serem fortes. Como a informação a respeito de cada termo é repetida, permite-se a elipse dela. No exemplo mostrado, o verbo

relacionado com o segundo termo não aparece, mas o período é entendido da seguinte maneira:

João é forte [**como** um touro é forte].

Por isso, apesar de não haver um verbo explícito em relação ao segundo termo da comparação no primeiro exemplo, interpreta-se o período como composto por duas orações, sendo a primeira, principal, e a segunda, subordinada adverbial comparativa.

Já em uma modal, não há comparação envolvida, logo, não há dois termos a serem comparados. Conseqüentemente, não há o que tornar elíptico:

21. “O seguro propiciou a que em breve a família reunida pudesse de novo continuar [**como se** nada houvera acontecido]” (E-B-93-JA-027)

22. (ex. 3 reescrito) “A Inspectoria, esquecida da velha legislação Brasileira, entra, [**como se** fôra sua casa], em todos os bancos.” (E-B-92-JE-004)

Em 21, a oração em destaque mostra a maneira como a família reunida poderia continuar e, em 22, a oração em destaque mostra de que maneira a Inspectoria entra em todos os bancos. A possibilidade de se introduzir uma modal com a locução COMO SE será comentada mais adiante (cf. 4.2.2.6).

Com isso, se constata que a modal possui um traço [- elipse] e a comparativa possui um traço [+ elipse].

4.2.2.3. Modais e concessivas

A terceira semelhança tratada aqui será entre as modais e as concessivas. Como já foi visto no capítulo 1, esses dois tipos de oração subordinada podem ser introduzidos pela locução SEM QUE e pela preposição SEM seguida de verbo no infinitivo. Em alguns casos, fica um pouco difícil estabelecer uma distinção entre essas estruturas. Por isso, é necessário observar cada uma delas com atenção e estabelecer as diferenças para que se chegue a uma conclusão do que pode ser classificado como modal e do que pode ser classificado como concessiva. García (1994) afirma que a concessiva consiste numa

restrição que é abandonada em seguida. Kury (1987) comenta que, quando a locução SEM QUE pode ser substituída por “embora não” ou “ainda que não”, tem-se uma concessiva. Tendo em vista essas afirmações, resta analisar alguns casos e verificar qual classificação seria mais adequada:

23. “Foi affixada nas esquinas de Valencia uma proclamação aconselhando os federaes a proclamarem imediatamente o cantão valenciano, [**sem** esperar pela decisão dos constituintes]”. (E-P-83-JN-008)

24. “Consta por informações fidedignas, que a Provincia de Pernambuco, [**sem** mesmo saber dos procedimentos do Rio de Janeiro, relativamente á instalação de Cortes no Brasil], tomou a deliberação de as fazer pedir a S.A.R”. (E-B-81-JN-016)

Em 23, a oração em destaque representaria um obstáculo, uma restrição para a realização do fato encontrado na oração principal, pois era necessário que se esperasse pela decisão dos constituintes para tomar a atitude de se proclamar o cantão valenciano. No entanto, a atitude foi tomada assim mesmo, isto é, a restrição foi abandonada em seguida. Com isso, este exemplo poderia ser reescrito da seguinte maneira:

“Foi affixada nas esquinas de Valencia uma proclamação aconselhando os federaes a proclamarem imediatamente o cantão valenciano, [**embora não** tivessem esperado pela decisão dos constituintes]”.

Além disso, em 24, na oração que apresenta a preposição SEM, há a palavra “mesmo”, que reforça a idéia de concessão. Este exemplo pode ser reescrito assim:

“Consta por informações fidedignas, que a Provincia de Pernambuco, [**ainda que não** soubesse dos procedimentos do Rio de Janeiro, relativamente á instalação de Cortes no Brasil], tomou a deliberação de as fazer pedir a S.A.R.”

Por esse motivo, as orações em destaque nos dois exemplos anteriores são classificadas como concessivas. Já as modais introduzidas por SEM QUE ou por SEM + infinitivo não representam nenhum obstáculo, nenhuma restrição para a realização do fato encontrado na oração principal. A interpretação que se pode dar a essas orações é a de que explicam o modo como algo acontece com a ausência ou negação de um fato, que é representada pela preposição SEM:

25. “Alliviar a guarda nacional do serviço ordinario [**sem** prejudicar os fins elevados] para que foi instituída, é uma necessidade cuja satisfação não deve ser demorada”.

(E-B-82-JN-011)

26. “Depois dessa reunião, foi publicado um comunicado official em que o sr. Hitler anuncia as linhas geraes de seu governo, que representa, em seu modo de ver, uma concentração de todas as forças nacionaes, o qual procurará corresponder aos ansejos da Allemanha, [**sem** recorrer a medidas extremas], quer na politica interior, quer nas relações com os estrangeiros”.

(E-B-92-JN-001)

27. “O juiz Adair Longuini, cumprimentado ontem publicamente pelo advogado de acusação Márcio Tomás Bastos, possibilitou, [**sem** deixar de ser enérgico], que um grande número de pessoas na maioria seringueiros - participasse da platéia em sistema de rodízio.”

(E-B-94-JN-023)

28. “Esta pomada tem a vantagem de não se misturar com cabellos, e de fixar o chinó por espaço de dous ou tres mezes, [**sem que** a mais abundante transpiração o despegue].”

(E-P-82-JA-005)

Em nenhum dos exemplos anteriormente apresentados, a oração em destaque representa uma restrição para a realização do fato na oração principal. Em 25, não se pode dizer que o fato de prejudicar os fins elevados seria condição para alliviar a guarda nacional do serviço ordinario. Pelo contrário, o não prejuízo dos fins elevados é que seria necessário. Em 26, o fato de recorrer a medidas extremas não é condição para corresponder aos anseios da Alemanha. Em 27, o fato de deixar de ser enérgico não representa uma condição para a realização da ação pelo juiz e, em 28, o fato de que a mais abundante transpiração despegue o chinó não é condição para fixá-lo.

Com isso, se constata que a modal possui um traço [- restrição abandonada] e a concessiva possui um traço [+ restrição abandonada].

4.2.2.4. Modais e condicionais

A quarta semelhança tratada aqui será entre as modais e as condicionais. Como já foi visto no capítulo 1, esses dois tipos de oração subordinada podem ser introduzidos pela locução SEM QUE, pela preposição SEM seguida de verbo no infinitivo e podem ser reduzidas de gerúndio. Algumas orações dão margem às duas interpretações, mas é importante analisá-las com cuidado e perceber quais são as diferenças entre elas que possam ajudar em uma classificação mais adequada. Mateus *et alii* (2003) afirmam que as

condicionais não podem se deslocar e, geralmente, se encontram antepostas à principal. Para as autoras, as condicionais reduzidas não apresentam mobilidade. Isso não quer dizer que não existam condicionais pospostas à principal:

29. “Não comprem leques, luvas, perfumarias, chapéus de senhora, fôrmas, culettes, grampes, veos, lenços, meias, carteiras, gravatas, joias de fantasia e artigos para presentes, [sem primeiro ver os preços baratíssimos] por que vende a casa”. (E-B-91-JA-017)

Em 29, é possível encontrar uma condicional reduzida de infinitivo. Se for levada em conta a opinião de Mateus *et alii* (2003), não haveria uma mobilidade. Portanto, a estrutura abaixo seria menos aceitável:

[Sem primeiro ver os preços baratíssimos] por que vende a casa, não comprem leques, luvas, perfumarias, chapéus de senhora, fôrmas, culettes, grampes, veos, lenços, meias, carteiras, gravatas, joias de fantasia e artigos para presentes.

Já uma modal possui maior mobilidade posicional, como pode ser verificado a seguir:

30. “Graças á Divina Providencia, que com tantas forças productivas dotou o paiz, esperi que, mediante a severa economia e fiscalisação em que proseguirá o governo, alcançaremos em breve tempo extinguir o deficit dos annos passados, sem a menor quebra do nosso credito e [sem paralyzar o progresso nacional]”. (E-B-82-JN-011)

Nesse caso, a oração em destaque poderia aparecer anteposta à principal sem causar estranhamento ao leitor:

“Graças á Divina Providencia, que com tantas forças productivas dotou o paiz, esperi que, mediante a severa economia e fiscalisação em que proseguirá o governo, alcançaremos em breve tempo, sem a menor quebra do nosso credito e [sem paralyzar o progresso nacional], extinguir o deficit dos annos passados”.

É interessante observar também o comportamento das condicionais e das modais reduzidas de gerúndio no que tange à mobilidade posicional. Em 31, encontram-se exemplos de condicionais reduzidas de gerúndio:

31. “A diversidade, a variedade e a maleabilidade do EXPRESSO dão-lhe possibilidades quase inesgotáveis de adaptação a situações novas e de resposta a necessidades diferentes.

E já provamos que tudo isto pode ser feito [conservando a fidelidade dos leitores], [garantindo a identidade do projecto] e [respeitando a matriz da fundação]”.

(E-P-95-JE-008)

Cada verbo que se encontra no gerúndio, nas orações em destaque, pode ser substituído pela construção SE + verbo SER no futuro do subjuntivo + verbo principal no particípio, o que comprova se tratarem de orações condicionais:

“A diversidade, a variedade e a maleabilidade do EXPRESSO dão-lhe possibilidades quase inesgotáveis de adaptação a situações novas e de resposta a necessidades diferentes. E já provamos que tudo isto pode ser feito [se a fidelidade dos leitores **for conservada**], [se a identidade do projecto **for garantida**] e [se a matriz da fundação **for respeitada**].”

Se cada condicional for anteposta à principal, tem-se o seguinte:

“A diversidade, a variedade e a maleabilidade do EXPRESSO dão-lhe possibilidades quase inesgotáveis de adaptação a situações novas e de resposta a necessidades diferentes. E já provamos que tudo isto, [conservando a fidelidade dos leitores], [garantindo a identidade do projecto] e [respeitando a matriz da fundação] pode ser feito”.

O resultado não é totalmente impossível, mas causa um certo estranhamento, tornando a estrutura menos aceitável e confirmando que as condicionais reduzidas não possuem alto grau de mobilidade.

Já as modais apresentam maior mobilidade que as condicionais:

32. “Paiz vastíssimo, inculto, despovoado, onde tudo ainda se acha por fazer, o Brasil está a exigir de seus filhos, de todos quantos aqui encontram nova patria, que dêem exemplo de actividade quasi sobre-humana, [multiplicando suas forças], [aproveitando avaramente o tempo, hora por hora, minuto por minuto]”.

(E-B-91-JN-012)

“Paiz vastíssimo, inculto, despovoado, onde tudo ainda se acha por fazer, o Brasil está a exigir de seus filhos, de todos quantos aqui encontram nova patria, que, [multiplicando suas forças], [aproveitando avaramente o tempo, hora por hora, minuto por minuto], dêem exemplo de actividade quasi sobre-humana”.

Além de reduzidas, como já foi visto, tanto as modais como as condicionais podem ser introduzidas pela locução SEM QUE. Faz-se necessário observar se há diferença entre esses tipos de oração quanto à mobilidade posicional. Segue um exemplo de condicional desenvolvida:

33. “Todos sabem que não podem ter lugar as corridas n’aquelle prado [**sem que** haja movimentos de trens especiaes]”. (E-B-83-JN-044)

“Todos sabem que, [**sem que** haja movimentos de trens especiaes], não podem ter lugar as corridas n’aquelle prado.”

Acredita-se que é possível a anteposição de condicionais desenvolvidas sem que se torne a estrutura inaceitável.

Resta agora observar o comportamento das modais introduzidas pela locução SEM QUE, no que tange à mobilidade posicional (cf. ex. 8 repetido a seguir):

8. “A cada momento temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos, [**sem que** se possa determinar a verba]”. (E-B-91-JN-006)

“A cada momento, [**sem que** se possa determinar a verba], temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos”.

Também parece ser possível tanto a anteposição como a posposição de modais sem causar prejuízo à compreensão do período.

Com isso, pode-se perceber que, principalmente nas orações reduzidas, uma diferença importante entre modais e condicionais é a maior ou menor mobilidade posicional. Dessa forma, se constata que as modais possuem um traço [+ mobilidade posicional], enquanto que as condicionais possuem um traço [- mobilidade posicional]. Nesse caso, [+] indica “maior” e [-] indica “menor”, já que não se pode afirmar que as condicionais não possuem mobilidade alguma.

No que se refere às condicionais introduzidas pela preposição SEM, seja formando a locução SEM QUE, seja seguidas de verbo no infinitivo, uma maneira de reconhecê-las e diferenciá-las das modais, ou de qualquer outra oração que se possa confundir com elas, é substituindo os conectores pela locução “SE NÃO” seguida de verbo no futuro do subjuntivo (cf. ex. 29, repetido a seguir):

29. “Não comprem leques, luvas, perfumarias, chapéos de senhora, fôrmas, culettes, grampes, veos, lenços, meias, carteiras, gravatas, joias de fantasia e artigos para presentes, [**sem** primeiro ver os preços baratíssimos] por que vende a casa”. (E-B-91-JA-017)

29 reescrito:

“Não comprem leques, luvas, perfumarias, chapéus de senhora, fôrmas, culettes, grampes, veos, lenços, meias, carteiras, gravatas, joias de fantasia e artigos para presentes, [**se não vir** primeiro os preços baratíssimos] por que vende a casa”.

e 33, repetido a seguir:

33. “Todos sabem que não podem ter lugar as corridas n’aquelle prado [**sem que** haja movimentos de trens especiaes]”. (E-B-83-JN-044)

33 reescrito:

“Todos sabem que não podem ter lugar as corridas n’aquelle prado [**se não houver** movimentos de trens especiaes].”

Essa substituição já não se mostra possível nas modais (cf. ex. 30 repetido a seguir):

30. “Graças á Divina Providencia, que com tantas forças productivas dotou o paiz, esperi que, mediante a severa economia e fiscalisação em que proseguirá o governo, alcançaremos em breve tempo, sem a menor quebra do nosso credito e [**sem** paralyzar o progresso nacional], extinguir o deficit dos annos passados”. (E-B-82-JN-011)

30 não pode ser reescrito sem prejuízo do conteúdo da informação:

* “Graças á Divina Providencia, que com tantas forças productivas dotou o paiz, esperi que, mediante a severa economia e fiscalisação em que proseguirá o governo, alcançaremos em breve tempo, sem a menor quebra do nosso credito e [**se não paralyzar** o progresso nacional], extinguir o deficit dos annos passados”.

e

8. “A cada momento temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos, [**sem que** se possa determinar a verba]”. (E-B-91-JN-006)

8 também não pode ser reescrito:

* “A cada momento temos noticia de gastos extraordinarios que attingem centenas e milhares de contos, [**se não puder** determinar a verba]”.

Com isso, pode-se dizer que as modais possuem um traço [- SE NÃO] e as condicionais possuem um traço [+ SE NÃO], pois as modais introduzidas por SEM + infinitivo e por SEM QUE não podem ser substituídas por SE NÃO e as condicionais introduzidas por SEM + infinitivo e por SEM QUE podem.

4.2.2.5. Modais e consecutivas

A quinta semelhança tratada aqui será entre modais e consecutivas. Como já foi visto no capítulo 1, esses dois tipos de oração subordinada podem ser introduzidos pela locução SEM QUE. Entretanto, não há dificuldade em diferenciá-las:

34. “Desde que ocupámos a nossa ilha de Timor, nos principios do seculo XVI, até 1.701, periodo em que a colonia foi “governada” e administrada pelos frades dominicanos, dois largos seculos por eles consumidos em sustentar escaramuças, hoje com os nativos, amanhã com os holandeses, [**sem que** houvesse tempo] de se ocuparem da agricultura, que então se limitava a produção dos generos com que os freis sustentavam e mantinham a sua missão, algumas escolas e tambem os soldados e capitães da milicia indigena que organizaram, de que era seu comandante o vigario superior da missão”. (E-P-92-JN-001)

35. “Consta-nos que o Governo tomára algumas prevenções, não despresando o annuncio dos inimigos; e sabemos que a revista se passou, como é costume, [**sem que** ouvesse a mais leve alteração do socego]”. (E-P-81-JN-006)

Em 34, entende-se que, pelo fato de os frades terem se ocupado em “sustentar escaramuças”, não tiveram tempo de se ocuparem com a agricultura. Com isso, a falta de tempo é uma conseqüência da ocupação dos frades com outras atividades. Em 35, entende-se que a revista foi feita de um determinado modo, de uma determinada maneira: “sem que ouvesse a mais leve alteração do socego”. Por isso, interpreta-se a oração destacada como modal.

Por outro lado, construções que dão margem a mais de uma interpretação e que também já foram comentadas no capítulo 1 são DE MODO QUE, DE MANEIRA QUE, DE SORTE QUE, DE FORMA QUE, etc. Pelo fato de terem em sua composição palavras do campo semântico de “modo”, podem levar o leitor a atribuir à oração que é encabeçada por tais locuções uma idéia de modo. Conseqüentemente, a oração seria classificada como modal. Barreto (1999) afirma que as modais podem ser introduzidas por essas locuções. No entanto, na verdade, parecem se tratar de consecutivas. O exemplo a seguir foi utilizado pela autora e retirado do *corpus* falado, um trecho de diálogo do projeto NURC/Salvador.

XLIV. “... esses móveis têm que estar bem localizados em... em termos, assim, de... eh... não estarem, assim, muito expostos a sol e estarem, assim, **de forma que** possam receber uma iluminação durante o dia, assim, satisfatória, uma...”

Entende-se que os móveis têm que estar de uma forma tal que permita a recepção da luz do dia. Se os móveis ficarem dessa forma, a consequência é que eles vão receber a iluminação adequada. Portanto, a locução DE FORMA QUE parece estar encabeçando uma oração subordinada adverbial consecutiva, e não uma oração subordinada adverbial modal.

No *corpus* utilizado para esta pesquisa, foram encontradas algumas consecutivas introduzidas pelas locuções supracitadas:

36. “...administração que vem de terminar o seu mandato e em cujo período foi feita a reforma dos respectivos estatutos, [**de modo a** atender às exigências demonstradas pela prática e pela experiência]”. (E-B-91-JE-004)

37. “As medidas que agora se anuncia constituem, por isso mesmo, um compromisso, e um compromisso que não pode se perder nem se fracionar, ao longo do tempo pulverizando recursos e [influindo, **desse modo**, no nível de rentabilidade social de sua utilização]”. (E-B-94-JE-002)

38. “A liquidação dos adiantamentos há de, portanto, fazer-se [**de maneira a** não deixar uma sombra de dúvida na consciência colectiva da nação]”. (E-P-91-JE-002)

Aqui, todas as orações que estiverem encabeçadas pelas locuções já referidas serão consideradas consecutivas, e não modais.

Cabe, nesse momento, mencionar um comentário feito por Decat (1995) referente às modais. Para a autora, algumas cláusulas que expressam a circunstância de modo podem ser parafraseadas como adjetivas. Acredita-se que essas modais são as introduzidas pela conjunção COMO, a qual carrega em si a idéia de modo. Com isso, a conjunção seria entendida como “do modo como”, em que COMO seria equivalente a um pronome relativo, pois está se referindo ao antecedente “modo”:

39. “...cumpre ao sr. Quintino Bocayuva, presidente do Estado tomar as providencias energicas que o caso exige, mandando submeter as victimas a corpo de delicto e abrir rigoroso inquerito por uma commissão insuspeita, afim de castigar os culpados [**como** elles merecem], e estamos certos de que s.Ex. o fará”. (E-B-91-JN-002)

39 reescrito:

“...cumpre ao sr. Quintino Bocayuva, presidente do Estado tomar as providencias energicas que o caso exige, mandando submeter as victimas a corpo de delicto e abrir rigoroso inquerito por uma commissão insuspeita, afim de castigar os culpados [**do modo como** elles merecem], e estamos certos de que s.Ex. o fará”.

Dessa forma, quando locuções do tipo DE MODO QUE aparecem explícitas, classifica-se a oração como consecutiva e, quando a conjunção pode ser substituída pela expressão DO MODO COMO, caracterizando uma equivalência à oração subordinada adjetiva, classifica-se a oração como modal. Com isso, se constata que as modais introduzidas por COMO possuem um traço [+ adjetiva], por poderem ser equivalentes a uma oração adjetiva, e que as consecutivas possuem um traço [- adjetiva].

4.2.2.6. Modais e comparativo-hipotéticas

Na realidade, não serão mostradas as semelhanças e diferenças entre as modais e as comparativo-hipotéticas. O que se pretende, agora, é propor uma classificação tomando como base o critério semântico. Há divergências no que tange ao tratamento das orações introduzidas pela locução conjuntiva COMO SE. A maioria dos autores consultados considera que, quando a conjunção comparativa COMO se junta à conjunção condicional SE, estabelece-se uma comparação hipotética. Realmente, não há como negar que há a possibilidade de se interpretar uma oração desse tipo como comparativo-hipotética:

40. “Outra moça usando pantalonas e não podendo regressar, sem tratar do que pretendia no STF, procurou um banheiro que fica por fora do palácio, tirou a calça comprida e, tranqüilamente usando apenas a túnica [**como se** fosse a minissaia] resolveu seu compromisso, no recinto do Supremo”. (E-B-93-JN-016)

40 reescrito:

“Outra moça usando pantalonas e não podendo regressar, sem tratar do que pretendia no STF, procurou um banheiro que fica por fora do palácio, tirou a calça comprida e, tranqüilamente usando apenas a túnica [**como usaria se** fosse a minissaia] resolveu seu compromisso, no recinto do Supremo”.

Por outro lado, também não há como negar que há a possibilidade de se interpretar uma oração desse tipo como modal. Isso porque, em vez de se considerar que COMO é uma conjunção subordinativa comparativa, pode-se analisá-la como uma conjunção subordinativa modal. O valor de modo inerente ao vocábulo COMO já foi comentado aqui. Além disso, há alguns autores que já atentaram para o fato de que a locução conjuntiva COMO SE pode introduzir orações modais. É o caso de Rodrigues (1999), Ayora (1991) e Gili Gaya (1967; *apud* Ayora, 1991:9). As considerações desses autores encontram-se no capítulo 1. Nessa pesquisa, está-se concordando com tais autores pelo fato de se reconhecer

que a idéia de modo nessas orações sobressai. Dessa forma, para o exemplo 40 antes mostrado, pode-se fazer a pergunta: De que modo a moça usava uma túnica? A resposta é: como se fosse a minissaia.

Pôde-se observar que, ao confrontar as modais com outros tipos de oração, surgiu uma maneira de tentar definir o que é uma oração subordinada adverbial modal e como reconhecê-la. Foi possível estabelecer algumas características dessa oração e, a partir delas, chegou-se a alguns critérios que garantem classificar uma oração como modal ou não. Ao se confrontar as modais com a coordenação, pôde-se perceber que as primeiras possuem um traço [+ simultâneo]; com as conformativas, observou-se que possuem um traço [- poder indutivo]; com as comparativas, notou-se que possuem um traço [- elipse]; com as concessivas, verificou-se que possuem um traço [- restrição abandonada]; com as condicionais, constatou-se que possuem um traço [+ mobilidade posicional] e um traço [- SE NÃO] e com as consecutivas, pôde-se ver que possuem um traço [+ adjetiva]. A partir desses traços, pode-se chegar a uma caracterização de cada tipo de modal, ou seja, dependendo se é reduzida ou desenvolvida e, nesse último caso, dependendo do conector que a encabeça. Também é possível agrupar os diferentes tipos de modais e se obter uma caracterização geral. A partir da comparação feita entre as modais e outras orações, chega-se aos seguintes traços caracterizadores do(s) uso(s) de orações modais:

Quadro 7: *Traços característicos de cada tipo de modal*

TIPO DE MODAL	TRAÇOS CARACTERÍSTICOS
Reduzida de gerúndio	[+ simultâneo], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO]
Introduzida por COMO	[- poder indutivo], [- elipse], [+ adjetiva]
Introduzida por COMO SE	[- elipse]
Introduzida por SEM QUE	[- restrição abandonada], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO]
Introduzida por SEM + infinitivo	[- restrição abandonada], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO]

Agrupando os traços acima, referentes a cada tipo de modal, tem-se uma caracterização geral das modais mostrada a seguir:

Quadro 8: *Caracterização geral das modais*

4.3. Frequência das formas de articulação das modais	[+ simultâneo]
	[- poder indutivo]
	[- elipse]
	[- restrição abandonada]
	[+ mobilidade posicional]
	[- SE NÃO]
	[+ adjetiva]

No *corpus* analisado, foi possível encontrar modais desenvolvidas, reduzidas e justapostas, o que significa que as modais apresentam uma variada possibilidade de articulação com a oração principal. Com isso, percebe-se que alguns autores não dão conta deste resultado que foi observado no uso real da língua, já que excluem uma possibilidade ou outra. Como era de se esperar, o gerúndio frequentemente estabelece uma relação de modo e, no *corpus*, as reduzidas de gerúndio foram as mais frequentes (cf. Tabela 1).

Tabela 1: *Formas de articulação das modais*

Reduzidas de gerúndio	189 (72%)
Justapostas	54 (20%)
Desenvolvidas	21 (8%)
TOTAL	264 (100%)

A maior parte das modais se apresentou na forma reduzida de gerúndio (cf. ex. 41), seguida da forma justaposta (cf. ex. 42) e a forma menos freqüente foi a desenvolvida (cf. ex. 43). É importante lembrar que, durante este trabalho, está se chamando de justaposta a oração subordinada modal que é introduzida por uma preposição e, ao mesmo tempo, apresenta o verbo na forma de infinitivo. Além disso, está se levando em conta que o conceito de conector engloba não só conjunções, mas também preposições, advérbios, etc. O resultado apresentado na tabela 1 serve para mostrar que não só o conhecimento a respeito dos possíveis introdutores de um determinado tipo de oração é importante, como também o conhecimento a respeito das outras possibilidades de articulação entre as orações subordinadas e a oração principal, pois, muitas vezes, no uso real da língua, o que se observa é um pequeno número de ocorrências daquela oração com um conectivo e um grande número de ocorrências da forma reduzida ou justaposta.

41. “José Gonçalves de Oliveira Sanches, recebeu dos Estados Unidos da America um sortimento de ventiladores para café, os mais perfeitos que há, os quaes ventilão rapidamente o café, [soprando-o] e com as diferentes peneiras que tem, podem limpar toda a qualidade de grãos”. (E-B-82-JA-060)

42. “O sulfureto de carbono, Cruzeiro do Sul, é o único que, sendo preparado especialmente para a lavoura, é puro, e por isso mesmo extingue os insetos, [sem offender as plantas], nem estragar os terrenos”. (E-B-83-JA-047)

43. “Deixando a questão pelo lado do desleixamento, que tantas vezes tem sido notado em todos os jornaes desta capital, encaremo-la [como podermos] pelo lado da política”. (E-P-81-JE-009)

Em 41, entende-se que os ventiladores para café ventilam de uma determinada maneira: soprando. Na oração principal, já se encontra um advérbio de modo “rapidamente”, mas isso não impede que haja também uma oração expressando a mesma circunstância. Em 42, interpreta-se o período da seguinte maneira: o sulfureto de carbono

extingue os insetos de um modo (“sem offender as plantas”). Em 43, entende-se que é preciso que encaremos a questão de alguma maneira: “como podermos”.

Pela tabela 1, observa-se que as modais desenvolvidas não são tão freqüentes. No *corpus* analisado, das 21 orações modais desenvolvidas, 81% (17/21) são introduzidas por locuções conjuntivas e 19% (4/21) por conjunção. A conjunção que aparece é COMO e as locuções conjuntivas encontradas são: COMO QUE, COMO SE e SEM QUE. Dentre as justapostas, a grande maioria é introduzida pela preposição SEM seguida de verbo no infinitivo, mas uma outra possibilidade é a combinação da preposição A com verbo no infinitivo.

4.4. O processo de gramaticalização dos introdutores das modais

4.4.1. O processo de gramaticalização do item COMO

Um aspecto que favorece o processo de gramaticalização é a polissemia de um item. Se um item adquire significados distintos em diversos contextos, pode-se examinar se um significado é mais gramatical que outro, o que caracterizaria, assim, a gramaticalização de um modo geral. Um dos introdutores da oração modal altamente polissêmico é o COMO. Isso já havia sido observado por Ayora (1991), em um trabalho exclusivamente dedicado ao item supracitado. O autor lista diversos significados para o COMO, que poderiam estar dispostos em uma escala que parte de valores menos gramaticais para valores mais gramaticais. O exemplo a¹¹ é reescrito em seguida e contém o uso de COMO com o valor de preposição.

a. “Começou a grande venda para prolongamento da casa **como** numero 44 da rua Assembléa, e renovação de todo o colossal stock de calçados da Casa River”.

(E-B-92-JA-002)

Como já foi dito, o valor inicial de COMO é de advérbio interrogativo. Um valor semelhante a esse é o de pronome interrogativo. Esses dois valores estariam em um

¹¹ Vale lembrar que, assim como foi dito na nota 8, todos os exemplos que contém introdutores das orações modais que passaram ou estão passando pelo processo de gramaticalização são apresentados por letras do alfabeto acompanhadas ou não de aspas duplas.

extremo da escala, que corresponde aos valores menos gramaticais. O pronome interrogativo é aquele que aparece em frases interrogativas diretas e ainda carrega a idéia de modo, pois pode ser substituído pela expressão DE QUE MODO? (cf. ex. b).

b. “Ora se o nosso correspondente conhece, que o partido moderado he composto em grande parte de fermentidos, etc, e se alem disso conhece, que este he o partido, que sustente o Sr. Feijó **como** deixará de convir de que elle he igual aos seus sustentadores?”

(E-B-81-JE-006)

Há vários valores de COMO que não introduzem oração e, pelo fato de não estabelecer uma conexão entre orações como as conjunções, esses valores estariam no meio da escala citada anteriormente. Neste trabalho, o que importa mais é estabelecer uma comparação entre as orações modais e outras orações, portanto, os vários exemplos de COMO que não funcionam como conjunção não serão explorados aqui com detalhes. Os valores que estão no meio da escala seriam: demarcador modal, especificador modal, valor modal propriamente dito, aditivo, comparativo não-oracional, exemplificador e causal não-oracional. Percebe-se que além da relação de modo, o COMO não-oracional pode estabelecer as relações de comparação e de causa.

Um valor de COMO não muito comum de ocorrer e que estaria em um estágio um pouco mais avançado do processo de gramaticalização que os antes citados é o de preposição. Pelo fato de a preposição ser uma classe de palavras que estabelece uma relação, uma conexão entre termos de orações ou entre orações, ela é considerada mais gramatical que classes como substantivo, adjetivo, pronome e advérbio. O COMO preposicional pode ser substituído por DE ou por COM e pode ser conferido no exemplo **a** reescrito anteriormente.

Como conjunção, o COMO pode adquirir valores distintos. A conjunção seria a classe de palavras mais gramatical em que o COMO pode ser inserido, ficando, dessa forma, no outro extremo da escala. Por outro lado, dentro da categoria “conjunção”, há aquelas que poderiam estar menos gramaticalizadas e outras mais gramaticalizadas. As conjunções coordenativas se encontram em orações que não apresentam uma dependência sintática em relação à anterior como acontece com as conjunções subordinativas. Além disso, aquelas não possuem mobilidade posicional, estando sempre pospostas à oração coordenada assindética. Em seguida, têm-se as conjunções que encabeçam as orações

adverbiais. Estas se diferenciam das conjunções coordenativas pelo fato de possuírem maior mobilidade posicional. Elas se encontram em orações que apresentam uma dependência sintática e/ou semântica em relação à oração principal. Essas orações se enquadram no processo de subordinação por causa dessa dependência. Entretanto, dentro do processo de subordinação, é possível encontrar diferentes graus de encaixamento da oração subordinada na oração principal. As adverbiais estão em um grau menor de encaixamento, funcionando como adjunto adverbial. As adjetivas estão em um grau intermediário de encaixamento, pois funcionam como adjunto adnominal, mas são encabeçadas por um pronome relativo que estabelece uma ligação direta com um antecedente. As substantivas estão em um grau máximo de encaixamento na oração principal.

Como conjunção coordenativa, o COMO pode estabelecer uma relação de adição, podendo ser substituído pelo item conjuncional MAS TAMBÉM (cf. **c**) e uma relação de adversidade, oposição (cf. **d**).

c. “É público e notório de que a comissão apresentou o parecer no dia 12 de outubro do ano passado, e tendo decorrido mais de quatro mezes V. Ex^a não só tem dado publicidade desse parecer, **como** ainda o não apresentou ao Monarcha...” (E-B-82-JE-003)

d. “Aliás, o Sr. Sampaio Corrêa, o relator do projecto, respondendo hontem ao deputado gaúcho, mostrou que a culpa não era tanto sua, **como** sim do Diario do Congresso”. (E-B-91-JN-014)

Tanto em **c** como em **d**, verifica-se que o significado de COMO pode ser explicado por um outro termo que está presente no contexto, o que caracteriza uma mudança metonímica, segundo Barreto (1999). Em **c**, COMO ocorre com a palavra AINDA e, provavelmente, por assimilação, adquiriu o significado de adição. Em **d**, COMO ocorre com a palavra SIM e, provavelmente, por assimilação, adquiriu o significado de adversidade, oposição.

Como conjunção integrante, o COMO aparece, na maioria das vezes, encabeçando orações subordinadas substantivas **objetivas diretas** e pode também encabeçar as orações subordinadas substantivas **completivas nominais**. Para Ayora (1991), o primeiro caso é denominado de introdutor de oração subordinada substantiva e o segundo caso é denominado de complemento modal de nome, por ser evidente o valor modal de COMO.

Tem-se, então, em **e**, um exemplo de introdutor de oração subordinada substantiva e, em **f**, um complemento modal de nome.

e. “Pois agora, essa encantadora estrela da Metro ensina a você **como** ter uma cútis tão suave e perfeita”. (E-B-93-JA-002)

f. “Sem custo ou compromisso de qualquer especie, nosso tecnico especializado nos metodos do Dr. Scholl lhe fará uma demonstração de **como** se allivia e suprime qualquer mal estar de seos pés com presteza e para sempre”. (E-B-92-JA-033)

Como conjunção subordinativa, o COMO pode expressar as seguintes circunstâncias: modo, comparação, comparação hipotética (para alguns autores), conformidade e causa. Segundo Barreto (1999), COMO, primeiramente, possuía o valor de modo, funcionando como advérbio. Naturalmente, essa circunstância permaneceu e também é encontrada no COMO conjunção modal (cf. **g**, que é o exemplo 2 reescrito).

g. “Esperamos, na espectativa sympathica, para applaudil-o e julgal-o **como** merece”. (E-B-83-JN-045)

Um valor que é mencionado por Ayora (1991:62) e se assemelha à idéia de modo é o inserido em repetição enfática sintática. Para o autor, uma repetição enfática, como o nome sugere, serve para enfatizar ou dar mais importância a uma mensagem. Entretanto, esta repetição não é necessária. Ela pode se dar no nível semântico e no nível sintático. No nível sintático, “os dois verbos que aparecem pertencem ao mesmo lexema. Sua fórmula pode ser representada da seguinte maneira: V1 + COMO +V1. Em alguns casos, pode-se omitir uma das formas verbais”. Este valor de COMO pode ser conferido em **h**.

h. “Velho **como** era, e só vivendo para os seus ideais de sábio e de filosofo, em que poderia ter Czeslaw Bialobrowski incorrido, a ponto de ter sido colocado diante de um pelotão de soldados para ser fuzilado?” (E-B-92-JN-014)

Em **h**, antes da palavra “velho” subentende-se o verbo “ser”: “Sendo velho como era”. Como comentado anteriormente, uma das formas verbais pode ser omitida. Para Ayora (1991:62), quando o primeiro verbo se encontra no gerúndio, há uma idéia de causa, isto é, “o gerúndio é portador da causa cujo efeito ou resultado se enuncia na oração que

acompanha a estrutura de repetição enfática”. Aplicando esta idéia ao exemplo **h**, entende-se que “por ser velho como era”, em que poderia Czeslaw Bialobrowski incorrido, a ponto de ter sido colocado diante de um pelotão de soldados para ser fuzilado?

Para Barreto (1999:203), quando o COMO conjunção modal passa a conjunção comparativa ou conformativa, experimenta uma “aquisição de conteúdos semânticos específicos, por processos metafóricos”. Como foi visto em 4.2.2, há uma estreita ligação entre as relações de modo, comparação e conformidade. Em **i**, tem-se um exemplo de COMO comparativo; em **j**, de COMO comparativo-hipotético (que, neste trabalho, está sendo tratado como modal) e, em **k**, de COMO conformativo.

i. “O kioske Rio de Janeiro declara ao Senhor Salles, e também ao seu Anjo Máo, que é falso o que dizem Vossa Reverendíssima terem os donos do kioske dando-lhes satisfação; seria preciso que eles prezassem tanto a sua dignidade **como** Vossa Reverendíssima prezam a sua, para lhes dar o que não merecem”. (E-B-83-JA-006)

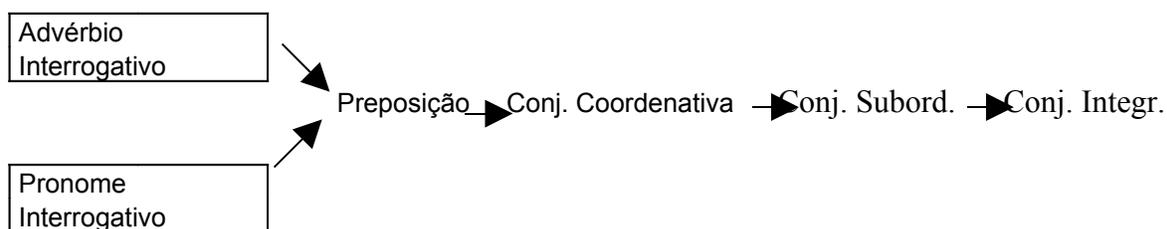
j. “O Brasil tem sido, nas fases negativas do seu desenvolvimento político, um país sujeito, e por assim dizer condenado, à repetição cíclica dos mesmos erros, **como se** fossemos um pouco vítima de alguma dessas psicoses que impedem o homem de aprender com a sua experiência”. (E-B-93-JE-003)

k. “Paira sobre nós aquelle apodo de – eternos inimigos da Ordem – **como** lá disse a Noticia, o que pouco mais ou menos nos indigita á execração dos corações bem formados e aos espiritos de alto descortino, isto é, dos amigos do governo”. (E-B-91-JE-001)

Conforme Barreto (1999:202), quando a conjunção modal COMO passou a conjunção causal “experimentou um processo de sintaticização em relação ao português arcaico. Enquanto, no português arcaico, a conjunção causal **como** era empregada em posição interfrástica, hoje ela ocorre apenas em posição inicial no período”. Portanto, pode-se notar que há uma rigidez quanto à posição. A oração subordinada adverbial causal introduzida por COMO não pode ter sua posição modificada como acontece com outros tipos de oração adverbial. Isso a torna semelhante às orações coordenadas e às orações subordinadas substantivas. Em **I**, tem-se um exemplo de COMO causal.

l. “Molestias Secretas / Cápsulas Raquin / Unicas capsulas de glúten de copahiba, aprovadas pela Academia de Medicina de Pariz. **Como** não se abrem no estomago toleram-se sempre bem e não causam eructação”. (E-B-83-JA-059)

Retomando a escala proposta de graus de gramaticalização (cf. início da seção 4.4.1), pode-se afirmar que os pronomes e advérbios interrogativos são classes de palavras menos gramaticais, seguidas dos valores de COMO não-oracionais. Em seguida, tem-se o COMO preposicional, pois já começa a haver uma relação de ligação entre termos ou entre orações e finalmente, o COMO conjuncional. Levando-se em consideração o aspecto da fixação, as conjunções coordenativas e integrantes seriam mais gramaticalizadas do que as conjunções subordinativas, pois são mais fixas, dependentes. Para estabelecer uma escala que represente de forma coerente os estágios de gramaticalização experimentados pelo item COMO, considerou-se que quanto maior a dependência sintática que a conjunção estabelece entre as orações, mais gramatical ela será. Portanto, uma conjunção coordenativa é um item menos gramatical seguido de uma conjunção subordinativa e, finalmente, dando origem a uma conjunção integrante.



Pelo esquema anterior, constata-se que o item COMO conjuncional pode ser usado como conjunção coordenativa, subordinativa e integrante. No primeiro caso, o item pode introduzir orações coordenadas **aditivas** e **adversativas**. No segundo caso, o item pode introduzir orações subordinadas adverbiais **modais**, **comparativas**, **comparativo-hipotéticas**, **conformativas** e **causais**. No terceiro caso, o item pode introduzir orações subordinadas substantivas **objetivas diretas** e **completivas nominais**.

4.4.2. O processo de gramaticalização do item SEM

No *corpus* analisado para esta pesquisa, a preposição SEM seguida de verbos no infinitivo é capaz de encabeçar as orações modais, conservando o valor original de “modo” (cf. exemplos **m** e **n**).

m. “São versões vagas e confusas, que ora associam o fenômeno a isto, ora àquilo e do mesmo modo, a êste ou àquele grupo, [**sem** deixar coisa alguma definida]”.
(E-B-93-JE-003)

n. “Filtro Pasteur: o único que, esterilizando a agua, [**sem** tirar-lhe absolutamente nenhum dos seus principios constitutivos], impede a transmissão desses pequenos seres, tão perigosos para a saude”.
(E-B-91-JA-011)

Em **m**, entende-se que as versões associam o fenômeno de alguma maneira e, em **n**, entende-se que o filtro impede a transmissão dos pequenos seres de um determinado modo.

Uma outra idéia possível de ser veiculada pela preposição SEM apontada tanto por Barreto (1999) como por Poggio (2002) é a de condição. Por esse motivo, é de fácil compreensão que haja orações condicionais encabeçadas pela preposição SEM (cf. **o**).

o. “Os proprietarios deste conhecido estabelecimento chamam a atenção do publico e dos seus amigos e frequezas para não comprarem bilhetes em outra qualquer casa, [**sem** primeiro verificarem que é uma realidade o que anunciam]”.
(E-B-91-JA-004)

Em **o**, entende-se que os amigos e “frequezas” só podem comprar os bilhetes com uma condição: se verificarem que é uma realidade o que “anunciam”. Além dessas circunstâncias, no *corpus* analisado, também foi encontrada a preposição SEM encabeçando orações subordinadas adverbiais concessivas (cf. **p**).

p. “Já partirão socorros de todo o genero para as costas da Hespanha, e sabemos que huns 8.000 homens de tropas se deverião fazer á véla para ir unir-se ao General Spencer defronte de Cadiz, debaixo do commando do General Ferguson, que recebo ordem de partir, [**sem** esperar o corpo de tropas], que está ás ordens immediatas de Sir Arthur Wellesley”.
(E-B-81-JN-008)

Em **p**, entende-se que o General Ferguson “recebeo” ordem de partir, mesmo sem esperar o corpo de tropas, o que representaria um impedimento para partir.

Há um exemplo, no *corpus*, em que a oração na qual a preposição SEM se encontra não expressa nenhuma das idéias anteriores, mas simplesmente uma adição de uma informação. Esta representa um fato que é seqüencial ao apresentado na oração anterior e é negativa justamente pela presença de SEM. Por essas características, a oração poderia ser substituída por uma oração coordenada sindética aditiva (cf. **q**).

q. “No incendio da Santa Rosa interessantes produções se perderam, que eram remmetidas para imprimir em Lisboa [**sem** se haver dellas deixado copias]”. (E-B-83-JN-039)

q pode ser reescrito da seguinte maneira:

“No incendio da Santa Rosa interessantes produções se perderam, que eram remmetidas para imprimir em Lisboa [**e não** se havia dellas deixado copias]”.

Há ainda alguns exemplos em que a preposição SEM introduz uma oração, mas a idéia que é por ela veiculada é a de exclusão, isto é, o valor original da preposição é mantido. Entretanto, não está relacionando dois substantivos, mas duas orações. A oração poderia receber uma classificação inovadora: oração subordinada adverbial **exclusiva** ou **excludente** (cf. **r**). Esta oração se refere ao fato contido na oração principal, entretanto, exclui uma informação, isto é, deixa de levar em conta um determinado aspecto que explicaria melhor o conteúdo da oração principal, como se vê no exemplo a seguir.

r. “A nossa principal ferrovia fica, na verdade, à mercê de situações imprevistas como esta, pois tôda a sua Guarda Ferroviária monta a 210 funcionários, e isto para servir ao Rio, a São Paulo e a Minas Gerais, [**sem** contar com a vigilância das estações intermediárias]”. (E-B-92-JN-038)

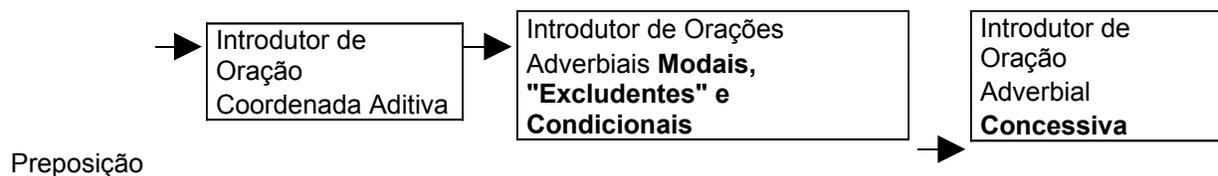
r pode ser reescrito da seguinte maneira:

“A nossa principal ferrovia fica, na verdade, à mercê de situações imprevistas como esta, pois tôda a sua Guarda Ferroviária monta a 210 funcionários, e isto para servir ao Rio, a São Paulo e a Minas Gerais, [**sem levar em consideração / excluindo / sem falar (n)**a vigilância das estações intermediárias]”.

Em **r**, afirma-se que a Guarda Ferroviária monta 210 funcionários que servem ao Rio, a São Paulo e a Minas. Na oração subordinada, encontra-se o que não foi mencionado, não foi contabilizado quando Rio, São Paulo e Minas Gerais foram citados: a vigilância das

estações intermediárias. Por excluir essa informação do conteúdo da oração principal, propõe-se que esse tipo de oração seja denominada **exclusiva** ou **excludente**.

Levando os exemplos do *corpus* em consideração, alguns comentários podem ser feitos acerca do processo de gramaticalização experimentado pelo item SEM. Primeiramente, ele funcionava apenas como preposição que ligava dois substantivos. Em seguida, SEM preposição se juntou a verbos no infinitivo para introduzir orações. Apesar de não se ter uma conjunção propriamente dita, SEM possui a função desta categoria, que é mais gramatical do que a categoria “preposição”. Os tipos de oração que a preposição SEM pode introduzir são os equivalentes a uma coordenada aditiva e a algumas orações subordinadas adverbiais. No que se refere à dependência sintática entre as orações, as coordenadas estão em menor grau e as adverbiais em um grau um pouco maior. Dos tipos de adverbiais, SEM é capaz de introduzir as que expressam as circunstâncias que remontam o valor original da preposição, isto é, “modo”, “exclusão” e “condição” e, posteriormente, passando por um processo de semanticização, introduz orações com noções mais abstratas como as concessivas. A partir dessas considerações, podem-se estabelecer estágios do processo de gramaticalização da preposição SEM, partindo-se de um item menos gramatical (preposição), passando por um item que estabelece uma relação de ligação entre orações independentes (coordenadas) e atingindo um item que estabelece uma relação de ligação entre orações dependentes (adverbiais).



4.4.2.1. O processo de gramaticalização do item SEM na locução conjuntiva SEM QUE

No *corpus* analisado para esta pesquisa, os usos de SEM QUE se assemelham aos usos da preposição SEM com verbos no infinitivo. Com o sentido original da preposição, a locução SEM QUE encabeça orações modais (cf. exemplos **s** e **t**).

s. “O governo neste districto não tem satisfeito aos pagamentos mensaes dos empregados, andando todos a morrer de fome, e de penuria: e ainda quando ordena o pagamento de algum mez, passam dois e trez mezes [**sem que** o contador lhes satisfaça]”.

(E-P-82-JN-010)

t. “Mas se o bem publico exigir uma luta implacavel contra determinadas pretenções daninhas - sejam elas quaes forem - então o Século saberá cumprir até ao fim o seu dever, [**sem que** nada o possa deter no seu caminho]”.

(E-P-91-JE-004)

Em **s**, entende-se que os empregados passam dois e trez mezes de um determinado modo: “sem que o contador lhes satisfaça” e, em **t**, entende-se que o Século saberá cumprir o seu dever de um determinado modo: “sem que nada o possa deter no seu caminho”.

Uma outra circunstância veiculada pela locução conjuntiva em questão é a de condição, o que é considerado por alguns autores (cf. **u**).

u. “O governo auctorisou o general a proceder com todo o rigor das leis militares contra os cabeças de motim, mas parece que o general lhe expoz a conveniencia de mandar os insubordinados para Madrid, para ahi se reorganisarem, [**sem que** passem por Barcelona], pois se ali fossem desmoralisar-se-hiam completamente”.

(E-P-83-JN-008)

Em **u**, entende-se que os insubordinados devem se organizar com uma condição: não passar por Barcelona, pois eles se desmoralizariam completamente.

Além dessas circunstâncias, no *corpus* analisado, também foi encontrada a locução SEM QUE encabeçando orações subordinadas adverbiais concessivas (cf. **v**).

v. “Temos, até agora, assistido, [**sem que** o nosso nome brilhe em primeiro plano], aos grandes feitos esportivos”.

(E-B-92-JN-008)

v pode ser reescrito da seguinte maneira:

“Temos até agora, assistido, [**apesar de** o nosso nome não brilhar em primeiro plano], aos grandes feitos esportivos”.

Semelhantemente ao uso da preposição SEM, há um exemplo no *corpus* em que a oração introduzida pela locução SEM QUE não expressa nenhuma das idéias anteriores, mas simplesmente uma adição de uma informação. Esta representa um fato que é seqüencial ao apresentado na oração anterior e é negativa justamente pela presença de SEM. Por essas características, a oração poderia ser substituída por uma oração coordenada sindética aditiva (cf. w).

w. “A experiencia demonstra aos doentes a razão da preferencia, porque a agua de Sedlitz quando legitima (frascos com rotulos em portuguez, rolha e capsula com a marca das fontes) não tem rival no seu effeito certo e suave, [**sem que** o seu uso, embora prolongado, fadigue sequer os organismos os mais delicados]”. (E-P-83-JA-049)

w pode ser reescrito da seguinte maneira:

“A experiencia demonstra aos doentes a razão da preferencia, porque a agua de Sedlitz quando legitima (frascos com rotulos em portuguez, rolha e capsula com a marca das fontes) não tem rival no seu effeito certo e suave, e o seu uso, embora prolongado, **não** fadiga sequer os organismos os mais delicados”.

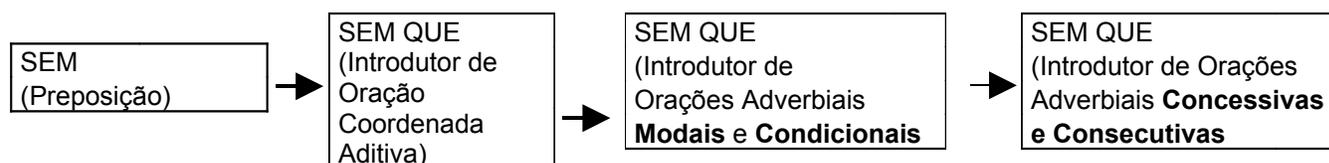
No *corpus* analisado, diferentemente do que aconteceu com a preposição SEM seguida de um verbo no infinitivo, não foi encontrado nenhum caso em que a locução SEM QUE expressasse puramente a idéia de exclusão. No entanto, foram encontrados exemplos da locução supracitada expressando uma idéia que não foi encontrada com a preposição SEM seguida de um verbo no infinitivo: a de consequência (cf. x). Esta possibilidade já havia sido observada por Poggio (2002).

x. “... serão os expositores esmagados pela dictadura do Jury tyranico, [**sem que** possam fazer valer os seus direitos contra juizos menos esclarecidos]”. (E-B-91-JE-003)

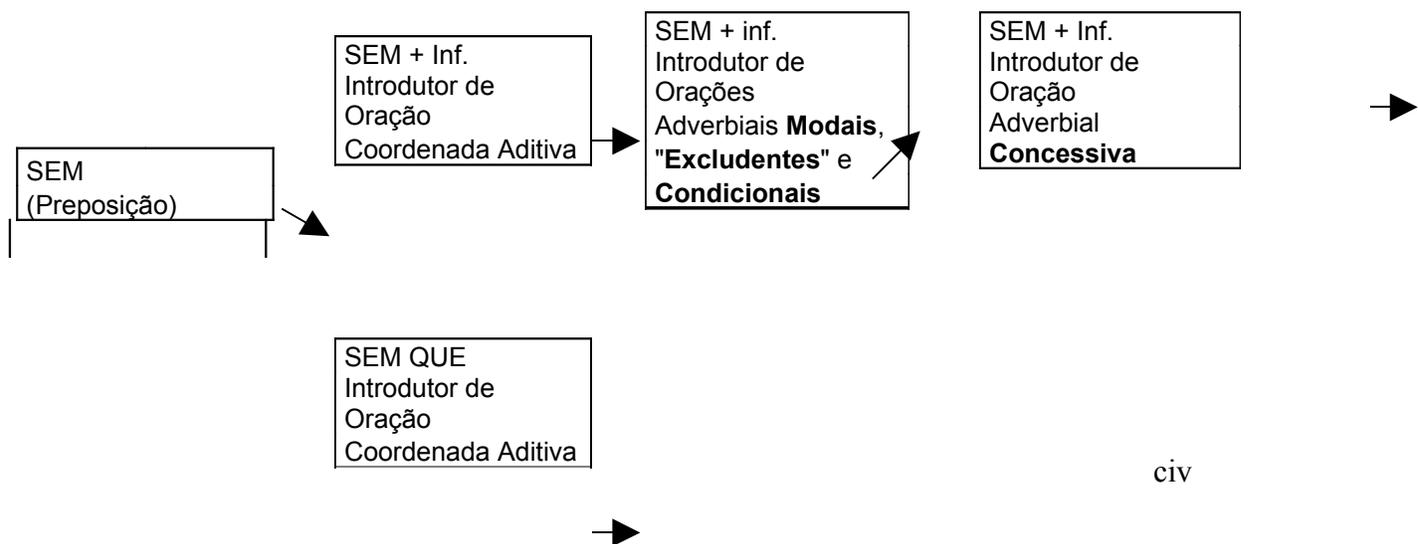
Em x, entende-se que os expositores serão esmagados pela dictadura e uma consequência disso é que eles não poderão fazer valer os seus direitos contra juizos menos esclarecidos.

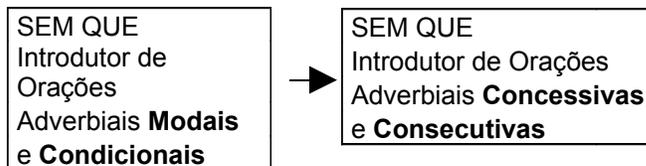
No que se refere à locução SEM QUE, podem ser feitos alguns comentários. Primeiramente, o item SEM funcionava como preposição (item menos gramatical). Em seguida se juntou à conjunção QUE, formando a locução conjuntiva SEM QUE. Com isso, houve uma recategorização sintática, pois mudou de categoria: de preposição a termo da

locução conjuntiva. Funcionando na locução, pôde introduzir uma oração que equivale a uma coordenada aditiva. Além disso, expressou as circunstâncias que já estavam presentes na origem de SEM: “modo” e “condição”. Posteriormente, por um processo de semanticização, adquiriu novos significados, expressando as circunstâncias de “concessão” e “conseqüência”. A partir dessas considerações, podem-se estabelecer estágios do processo de gramaticalização do item SEM, considerando-se seu uso como parte da locução SEM QUE. Pode-se partir de um item menos gramatical (preposição), passando por um item que estabelece uma relação de ligação entre orações independentes (coordenadas) e atingindo a um item que estabelece uma relação de ligação entre orações dependentes (adverbiais). A escala pode ser conferida a seguir:



Portanto, foram observados os estágios do processo de gramaticalização experimentados pela preposição SEM, passando pelo seu uso com verbos no infinitivo até chegar na locução conjuntiva SEM QUE. As duas escalas apresentadas anteriormente poderiam ser agrupadas em uma só, resultando na escala a seguir:





4.4.3. O processo de gramaticalização do item A

No *corpus* analisado para esta pesquisa, foram encontrados alguns exemplos em que a preposição A seguida de verbo no infinitivo introduz orações modais. Este uso foi mais recorrente em Portugal e corresponde ao infinitivo gerundivo. Entretanto, foi encontrado um exemplo no português do Brasil que pode receber mais de uma interpretação (cf. **y**).

y. “... eu me apresentarei [**a** policial]”. (E-B-83-JE-008)

Em **y**, a oração em destaque pode expressar as circunstâncias de finalidade ou de modo. No entanto, acredita-se que a idéia de modo sobressai, podendo o período ser reescrito da seguinte maneira:

“... eu me apresentarei [policiando]”.

Em Portugal, é muito comum o gerúndio ser substituído pela expressão A + infinitivo. Por isso, ela recebe o nome de infinitivo gerundivo (cf. **a**”).

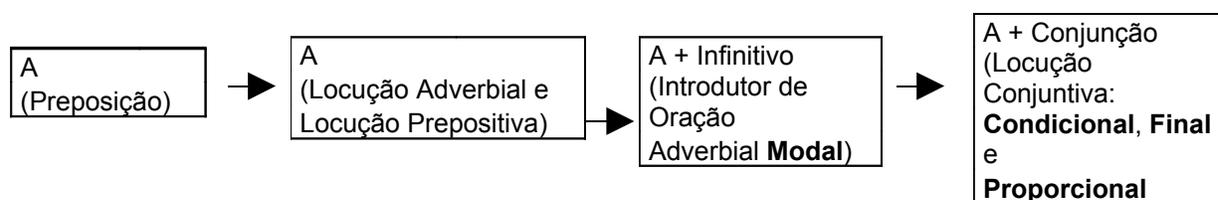
a”. “Depois de assassinar a esposa, o criminoso teve de sustentar luta com um dos seus criados, que entrou no quarto e conseguiu dominar [**a** desarmar o patrão]”. (E-P-92-JN-006)

Em **a**”, pode-se fazer a pergunta: O criado conseguiu dominar de que maneira?, em que a resposta seria: a desarmar o patrão. Além disso, exemplo a pode ser reescrito da seguinte maneira:

“Depois de assassinar a esposa, o criminoso teve de sustentar luta com um dos seus criados, que entrou no quarto e conseguiu dominar [desarmando o patrão]”.

Poggio (2002:160) aborda a expressão “estar a + infinitivo”. Segundo a autora, “denota ‘ação mais próxima’ ou ‘imediate’ e, em Portugal, expressa ‘tempo presente’”. Ela ainda mostra um exemplo, confirmando que a expressão supracitada é um caso de infinitivo gerundivo, pois é possível a substituição da preposição A + verbo no infinitivo pelo gerúndio.

Para Poggio (2002), a preposição A pode formar locuções adverbiais, locuções prepositivas e locuções conjuntivas. Estas podem ser subordinativas finais, condicionais e proporcionais. Com isso, constata-se que o item A passou por um processo de gramaticalização desde o latim. Passando de preposição a locuções, o item A passa por uma recategorização sintática, pois muda de categoria e adquirindo novos significados, o item A sofre o processo de semanticização. Nos casos encontrados no *corpus* analisado para esta pesquisa, o item A não forma locução conjuntiva, mas, juntamente com um verbo no infinitivo, introduz orações modais. Conseqüentemente, desempenha um papel que geralmente é desempenhado por uma conjunção. Pode-se estabelecer uma escala representando os estágios de gramaticalização experimentados pelo item A. Parte-se de uma categoria menos gramatical (preposição), passa-se por uma categoria intermediária (locução adverbial e locução prepositiva), atinge-se um nível um pouco mais gramatical (introdutor de oração subordinada adverbial modal) e chega-se a um nível mais gramatical, em que forma uma locução conjuntiva. A escala pode ser conferida a seguir:



4.5. Frequência das modais no que tange à posição referente à principal

No *corpus* analisado, verificou-se que as modais possuem uma certa mobilidade posicional, pois é possível que elas se apresentem antepostas, pospostas ou intercaladas em

relação à oração principal. Em todas as formas de articulação, ou seja, desenvolvidas, reduzidas de gerúndio e justapostas, a posição mais freqüente foi a posposição, como pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2: *Posição das modais em relação à oração principal*

Pospostas	257 (97%)
Antepostas	6 (2%)
Intercaladas	1 (1%)
TOTAL	264 (100%)

É fácil de entender o porquê da grande maioria das modais se apresentarem pospostas à oração principal. Geralmente, quando se narra ou se expõe um fato, primeiramente são dados os detalhes em relação aos participantes, isto é, os agentes, os pacientes, etc., e o que realmente aconteceu com eles. As circunstâncias mais comuns de serem privilegiadas são as de tempo e lugar, pois é relevante situar um determinado acontecimento no espaço e no tempo. Em seguida, há uma preocupação com a maneira como tudo aconteceu. Portanto, por ser lembrada posteriormente, a circunstância de modo, na maioria das vezes, é representada por orações que se posicionam após a oração principal, em que se tem o acontecimento propriamente dito. Sendo assim, o resultado verificado era esperado.

44. “...as inspirações do travesseiro influem profundamente nos homens da época; a quadra do somno é para elles um tempo de devoção, e arrependimento, e purificam-se dos máus pensamentos do dia, [elevando a alma ás cogitações do patriotismo por entre o silencio nocturno]”. (E-P-82-JE-002)

45. “O tema não é inédito. O que reveste toda a obra de vivo interesse e, por vezes, intensa expectativa, é a maneira como, [sem cair na minucia], a acção decorre no sentido de evidenciar o character de um homem que oculta o que se passa na sua alma para se voltar á tarefa de executar as proezas sem deixar rasto”. (E-P-92-JN-011)

46. “Quantas vezes lá, sua esposa chegou a V.S. alarmada para contar-lhe um sonho em que ella o viu envolvido em circunstancias tragicas, em que ella sentiu, [como se fosse real], a oppressão de um grande perigo a ameaçar a felicidade da familia”. (E-B-92-JA-035)

Em 44, há um exemplo de modal posposta à principal e entende-se o período assim: purificam-se dos máus pensamentos de uma maneira (“elevando a alma às cogitações do patriotismo por entre o silencio nocturno”). Em 45, há um exemplo de modal anteposta à principal e entende-se o período da seguinte forma: De alguma maneira a ação decorre. Como? “Sem cair na minucia”. Em 46, há um exemplo de modal intercalada, pois a oração interrompe a informação contida na principal. A oração principal é: “Ella sentiu a opressão de um grande perigo” e a modal é “como se fosse real”. Além disso, pode-se fazer a pergunta: De que modo ela sentiu a opressão do perigo?”.

4.6. Frequência das modais em relação ao gênero textual

Já foi verificado que o gerúndio é a forma de articulação das modais mais freqüente. Quer-se saber se o gênero textual em que a oração se encontra pode influenciar na forma de ela se articular. Acreditava-se que o gerúndio seria a forma mais freqüente em todos os gêneros. Entretanto, pensava-se que nos gêneros pertencentes à língua escrita, haveria uma regularidade maior, isto é, as outras formas de articulação (justapostas e desenvolvidas) não apareceriam tão freqüentemente quanto nos gêneros pertencentes à língua falada. Portanto, em anúncios, editoriais e notícias, o gerúndio apareceria em quase 100% das modais e nas entrevistas, haveria um equilíbrio entre as três formas de articulação das orações estudadas.

Como nesta seção, o gênero textual será observado como um fator para a análise das orações modais, faz-se necessário apresentar alguns comentários acerca dele feitos por autores pertencentes à teoria dos gêneros.

Um texto sempre está inserido em uma cultura, em um contexto social e, dependendo das características apresentadas por ele, pode ser enquadrado em um grupo maior que é denominado gênero textual. Os autores que seguem uma linha de pensamento condizente com a teoria dos gêneros diferenciam gênero textual de tipo textual, o que será conferido mais adiante, nesta seção. Um texto, quando é produzido, sempre tem um objetivo a ser alcançado, pois é elaborado por um falante ou escritor, que, por sua vez, faz parte de um grupo social e é provido de uma cultura específica. Alguns nomes são comumente vinculados à teoria dos gêneros: Bronckart, Bakhtin, Marcuschi, etc.

No presente trabalho, foram comparados os seguintes gêneros: notícias, editoriais, anúncios e entrevistas. Para tal comparação, torna-se necessário estabelecer a diferença entre tipo e gênero textuais, visto que pode haver, em um determinado gênero, a predominância de um determinado tipo de texto, caracterizando o que se chama de seqüências textuais. Não houve uma preocupação muito grande, durante a pesquisa, de equilibrar o número de dados de acordo com o gênero textual em que estes se encontravam, visto que cada gênero aqui estudado possui especificidades e tamanhos distintos. Dos gêneros analisados, as entrevistas eram os de tamanho maior, seguidas dos editoriais, notícias e anúncios, respectivamente. Portanto, um número relativamente grande de anúncios equivale a um número reduzido de editoriais. Com isso, acredita-se que, mesmo não havendo um controle rigoroso do número de dados distribuídos por gêneros textuais, a análise feita é coerente e não fica prejudicada, visto que houve a preocupação de equilibrar tamanho e quantidade de dados por gênero e textos.

Sempre que um texto é produzido, seja verbal ou não-verbal, há um objetivo a ser alcançado e há relações entre quem produz e quem recebe o texto. Dependendo da intenção com que esse texto foi produzido, ele pode apresentar diferentes características. Cada texto se insere em um conjunto mais amplo de textos ou gênero. Vale ressaltar que gênero de texto e gênero de discurso são conceitos distintos, havendo autores como Bronckart (1999:75; *apud* FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO e Secretaria de Estado de Educação, 2004:52) que preferem a primeira nomenclatura:

“Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão gênero de texto, em vez de gênero de discurso”.

Os papéis sociais que o produtor e o receptor desempenham também são importantes quando um texto é criado. Todo texto está inserido em um contexto e este inclui o lugar social, a posição social do produtor na interação, a posição social do receptor e o objetivo da interação. Cada gênero de texto pretende alcançar um objetivo comunicativo. Por exemplo, uma notícia relata fatos ou acontecimentos reais, com a finalidade de despertar o interesse do leitor e, para isso, é composta de manchetes, que são títulos chamativos. Além disso, não há opinião ou comentário pessoal de quem a produz. Já um editorial é um texto jornalístico de caráter opinativo, em que vários assuntos atuais são

discutidos. Um editorial possui um caráter persuasivo. Em um gênero de texto, o que é mais relevante são as funções comunicativas: “Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais” (cf. Marcuschi, 2002: 20). Essa caracterização proposta por Marcuschi (2002: 20) é muito importante para distinguir gênero de tipo textual. O primeiro apresenta características sócio-comunicativas enquanto que o segundo é definido pela natureza lingüística, isto é, por características como tempo verbal e aspectos sintáticos utilizados. Além disso, os gêneros textuais constituem um grupo mais aberto ao passo que os tipos textuais constituem um grupo mais fechado: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (cf. Marcuschi, 2002:22). Há uma pequena diferença entre esses tipos textuais e os considerados pela perspectiva sócio-interacionista: descrição, injunção, explicação, argumentação e diálogo. No entanto, não se aborda tal distinção aqui.

Quando alguém diz que uma carta pessoal é um tipo de texto informal, segundo Marcuschi (2002), está cometendo um equívoco, já que uma carta pessoal é um gênero textual, pois tem uma funcionalidade. Por exemplo, quando se escreve uma carta pessoal para a mãe, objetiva-se dar uma informação acerca da vida de quem escreve ou descreve fatos importantes para o autor do texto. Além disso, geralmente, uma carta pessoal é um gênero textual informal. Entretanto, ela pode englobar tipos textuais diferentes: a carta pessoal “pode conter uma seqüência narrativa (conta uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de algo), uma descrição (descreve uma situação) e assim por diante” (cf. Marcuschi 2002:25).

As idéias antes expostas pertencem à teoria dos gêneros. De acordo com esta teoria, o gênero textual pode influenciar no comportamento de uma estrutura específica. Cada um tem sua especificidade e, por isso, de uma certa maneira, esse é um fator relevante quando se estuda qualquer fenômeno. Evidentemente, alguns fenômenos são mais influenciados pelos gêneros textuais que outros. Para se estudar as modais, achou-se necessário que estes fossem levados em consideração e, por esse motivo, o *corpus* estabelecido é composto de diferentes gêneros textuais (cf. 4.1.).

No *corpus* analisado, pôde-se observar que o gênero textual não exerceu uma grande influência sobre as formas de articulação das modais, principalmente, se forem comparados os gêneros que pertencem à língua escrita. O resultado pode ser visto na tabela

3, em que, na vertical, são mostrados os gêneros textuais e, na horizontal, as formas de articulação das modais. Na parte de baixo, na última linha, é mostrado o total de cada forma de articulação das modais distribuído pelos gêneros textuais.

Tabela 3: *Distribuição das modais pelos gêneros textuais no que tange à forma de articulação*

	Anúncios	Editoriais	Notícias	Entrevistas
Reduzidas	64 (77%)	54 (70%)	54 (73%)	17 (54%)
Desenvolvidas	5 (6%)	6 (7%)	8 (10%)	2 (6%)
Justapostas	14 (16%)	17 (22%)	11 (15%)	12 (38%)
TOTAL	83 (100%)	77 (100%)	73 (100%)	31 (100%)

O gênero textual não exerceu muita influência no que tange à forma de articulação das modais, pois, em todos os gêneros, as reduzidas foram as mais freqüentes, seguidas das justapostas e desenvolvidas. Há uma pequena diferença quando se comparam gêneros textuais referentes à língua escrita e gêneros textuais referentes à língua falada. Enquanto nos anúncios, editoriais e notícias há uma grande diferença entre o percentual de reduzidas e o de justapostas, nas entrevistas, essa diferença diminui, havendo um equilíbrio: 54% de reduzidas (cf. ex. 47) e 38% de justapostas (cf. ex. 48). Este resultado confirma o que era esperado.

47. “Morrerei [dizendo] que ela estava verde”. (OC-B-70-3F-001)

48. “Eh, há pouco tempo eu comecei a, a me preocupar um pouco mais com o cabelo. E eu normalmente, eu cortava assim [**sem** escolher muito o barbeiro], inclusive nunca tive um barbeiro certo”. (OC-B-70-1M-001)

Em 47, pode-se dizer que morrerei de alguma maneira: “dizendo algo” e, em 48, pode-se dizer que eu cortava o cabelo de um modo: “sem escolher o barbeiro”. Provavelmente, o equilíbrio entre reduzidas e justapostas nas entrevistas se dá pelo fato de este gênero configurar um grau de formalidade menor, apesar de se tratar de português oral culto. Nos textos mais formais, houve uma opção pelo uso do gerúndio, havendo uma regularidade, uma padronização, enquanto que, nos textos mais informais, houve uma

maior variedade de usos já que o gerúndio não foi tão utilizado quanto nos textos mais formais.

4.7. Os planos discursivos *figura* e *fundo*, e transitividade

Para a análise do *corpus*, foi estabelecido, como proposto por Silveira (1990), um *continuum*, em que os planos discursivos “figura” e “fundo” não são vistos como opostos, mas é feita uma escala na qual uma oração pode se encontrar em um nível de fundidade que se aproxime mais ou se afaste mais do plano “figura”. Com isso, é possível afirmar que uma determinada oração pode apresentar características que a enquadrariam no plano “figura”, mas, ao mesmo tempo, pode apresentar características que a enquadrariam no plano “fundo”. Ao fazer essa escala, a análise se torna mais interessante, pois não há a necessidade de se estabelecer rigidamente uma distinção entre “figura” e “fundo”. Além disso, torna-se mais fácil analisar determinados exemplos em que é incerto afirmar que estão em um plano discursivo ou em outro.

Para que o *continuum* fosse estabelecido, fez-se uma relação entre os graus de transitividade e os planos discursivos “figura” e “fundo” (cf. capítulo 3). Como foi visto, considera-se que uma oração subordinada adverbial apresenta características que a enquadram no plano discursivo “fundo”. Entretanto, esta visão é discutível. Será que uma oração adverbial sempre servirá como um comentário, uma avaliação ou um suporte para a figura? Ou será que é possível uma oração adverbial apresentar características que a aproximam do plano discursivo “figura”? É para responder a essas perguntas que foi estabelecido o *continuum* mencionado anteriormente.

4.7.1. Transitividade: redefinição de alguns parâmetros

Ao analisar os parâmetros de transitividade, foram redefinidos alguns aspectos. Geralmente, quando se observam uma oração reduzida de gerúndio e uma oração reduzida de infinitivo, é atribuído um grau muito baixo de transitividade pelo fato de a maioria dos parâmetros receber grau 0.

Em relação aos participantes, Hopper e Thompson (1980) atribuiriam grau 0 à seguinte cláusula:

49. “Scientificamos aos excelentíssimos amigos que nos honraram, [subscrevendo ações para a fundação da empresa]”. (E-B-83-JA-010)

Entretanto, considerando o período como um todo, é visível que a cláusula em destaque se refere aos amigos, pois estes nos honraram subscrevendo ações. Por este motivo, será dada a pontuação 1 para participantes: há o agente “amigos” e há um objeto “ações”. Em relação à cinese, foi observado o tipo semântico de verbo, isto é, se o verbo é de ação, é dado grau 1 para cinese, se o verbo é de percepção, por exemplo, é dado grau 0 para cinese. Por isso, em 50, é dado grau 1 para cinese, já que o verbo “afugentar” expressa uma ação.

50. “Cabe às lideranças esclarecidas consolidar êste avanço, [afugentando o vácuo] que se faz em tórno das ideologias que a nada conduzem”. (E-B-93-JE-004)

Em relação ao parâmetro Aspecto, foi considerada a visão de Hopper e Thompson (1980) para a contabilização, isto é, tanto o gerúndio como o infinitivo estão relacionados a ações incompletas. Dessa forma, às modais reduzidas e justapostas, foi atribuído grau 0 para Aspecto. Em relação à punctualidade, foi levado em conta o aspecto lexical do verbo, ou seja, se o verbo expressa uma ação que tem duração curta, ele recebe grau 1 de punctualidade e se o verbo expressa uma ação que se dá por um tempo mais longo, ele recebe grau 0 de punctualidade. Assim, em 51, que equivale à reescritura do exemplo 30, tem-se uma cláusula com grau 1 de punctualidade, já que o verbo “paralisar” possui um significado que expressa uma ação de duração curta. Geralmente, não se toma algo como sendo paralisado aos poucos, mas sim, de maneira instantânea.

51. “Graças á Divina Providencia, que com tantas forças productivas dotou o paiz, esperi que, mediante a severa economia e fiscalisação em que proseguirá o governo, alcançaremos em breve tempo extinguir o deficit dos annos passados, sem a menor quebra do nosso credito e [sem paralyzar o progresso nacional]”. (E-B-82-JN-011)

Em relação à volitividade, não foi feita nenhuma redefinição em relação ao que Hopper e Thompson (1980) consideram, ou seja, se o agente exerceu uma ação por vontade própria, a cláusula recebe grau 1 e se o agente exerceu a ação sem que houvesse a vontade própria, a cláusula recebe grau 0. Em 52, a cláusula em destaque recebe grau 1 de volitividade, pois o ato de não fazer monopólio da verdade é tido como por vontade própria.

52. “Lá verá V.S. que usamos da linguagem lhana, [**sem** fazermos monopólio da verdade], nem servirmos de cobertura aos criminosos”. (E-B-83-JE-008)

Em relação à polaridade, as cláusulas que estão na afirmativa recebem grau 1 e as cláusulas que possuem uma idéia de negação recebem grau 0. No *corpus* analisado, todas as orações modais reduzidas de infinitivo, denominadas aqui de justapostas, são introduzidas pela preposição SEM. Acredita-se que essa preposição carrega em si a idéia de ausência de algo, ou seja, a idéia de negação. Em 53, que equivale ao exemplo 9 reescrito, a cláusula em destaque pode ser reescrita como “não irritando a pele”. Portanto, carrega a idéia de negação e recebe grau 0 de polaridade.

53. “Barbeie-se todos os dias [**sem** irritar a pele], usando Creme de Barbear Colgate”. (E-B-93-JA-018)

Em relação à modalidade, foi-se ao encontro da proposta de Hopper e Thompson (1980), isto é, ações reais que acontecem ou já aconteceram representadas pelo indicativo recebem grau 1 e ações irreais representadas pelo subjuntivo, pelo indicativo, quando se refere a ações que ainda vão ocorrer e outras formas verbais recebem grau 0. Por isso, todas as orações reduzidas e justapostas receberam grau 0 de modalidade. Em relação à agentividade, se o agente é animado e tem um potencial forte na ação, a cláusula recebe grau 1 e se o agente é inanimado ou não tem potencial forte na ação, a cláusula recebe grau 0. Em 54, o agente tem forte potencial na ação de “não bater”e, por isso, a cláusula em destaque recebe grau 1 de agentividade.

54. “Em apenas 3 segundos prepare [**sem** bater] um leite muito mais gostoso!” (E-B-93-JA-029)

Em relação à individuação do objeto, a cláusula que tivesse um objeto mais individualizado receberia grau 1 e a que tivesse um objeto menos individualizado receberia grau 0. Para analisar o grau de individualização, foram usados os aspectos propostos por Hopper e Thompson (1980) presentes no quadro 6 (cf. capítulo 3, em 3.1.). O objeto que apresentasse pelo menos 4 características de um dos lados da tabela, seria considerado individualizado ou não-individualizado. Se o objeto tivesse três características de cada lado, o aspecto de referencialidade/definitude seria decisivo para se classificar o objeto como individualizado ou não. Em 55, o objeto foi considerado individualizado e, portanto, a cláusula recebe grau 1 de Individualização do Objeto.

55. “Está informado que o que houve foi erro de arrecadação, mas pede que o caso se esclareça, [ouvindo-se o prefeito]”. (E-B-91-JN-001)

Em 55, o objeto “o prefeito” possui os seguintes traços de individualizado: humano, concreto, singular, contável e referencial/definido, totalizando 5 traços de individualizado. Finalmente, em relação ao afetamento do objeto, também foi considerada a proposta de Hopper e Thompson (1980): objeto parcialmente afetado recebe grau 0 e objeto totalmente afetado recebe grau 1. Por esse motivo, em 56, a cláusula em destaque recebe grau 1 de afetamento do objeto, já que a Tropa foi afetada totalmente.

56. “...elle bem sabe disto, e que portanto deve cumprir vossos dezejios [fazendo recolher toda vossa Tropa do Sul]”. (E-B-81-JE-003)

4.7.2. Modais e os planos discursivos Figura e Fundo

No que tange aos planos discursivos “figura” e “fundo”, as modais, primeiramente, foram analisadas tomando-se como base os parâmetros apresentados em 4.7.1. que são referentes à transitividade. Em seguida, a partir dos graus obtidos de transitividade, as modais foram enquadradas em níveis de fundidade distintos. Portanto, uma oração modal que apresenta grau baixo de transitividade encontra-se em um nível de fundidade que se

afasta do plano “figura”; uma oração modal que apresenta grau intermediário de transitividade encontra-se em um nível de fundidade intermediário, que já está um pouco mais próximo do plano “figura” e uma oração modal que apresenta um grau alto de transitividade encontra-se em um nível de fundidade que se aproxima do plano “figura” ou já se encontra neste plano discursivo.

No *corpus* analisado, as modais que obtiveram graus 0, 1 e 2 de transitividade foram enquadradas no nível “Fundo 3”, que é o nível de fundidade que se afasta mais do plano “figura”; as modais que obtiveram graus 3 e 4 de transitividade foram enquadradas no nível “Fundo 2”, que é o nível de fundidade intermediário e que já se aproxima um pouco do plano “figura”; as modais que obtiveram graus 5 e 6 de transitividade foram enquadradas no nível “Fundo 1”, que é o nível de fundidade que se aproxima mais do plano “figura” e as modais que obtiveram graus 7, 8 e 9 de transitividade foram enquadradas no plano “figura”. A distribuição das modais pelo plano discursivo é encontrada na tabela 4, em que, na horizontal, são mostrados os resultados referentes aos planos discursivos e, na vertical, são mostrados percentuais distribuídos pelas formas de articulação das modais. Na última linha, são apresentados os totais de modais que foram encontradas no *corpus* de acordo com a forma de articulação.

Tabela 4: *Distribuição das modais pelos planos discursivos “figura” e “fundo”*

	Reduzidas	Desenvolvidas	Justapostas
Figura	30 (93%)	0 (0%)	2 (6%)
Fundo 1	91 (88%)	1 (0%)	11 (10%)
Fundo 2	65 (63%)	12 (11%)	25 (24%)
Fundo 3	3 (11%)	8 (29%)	16 (59%)
TOTAL	189 (100%)	21 (100%)	54 (100%)

Pela tabela 4, observa-se que as modais, no que se refere aos planos discursivos “figura” e “fundo”, não podem ser consideradas como tendo o mesmo comportamento. A depender da forma de articulação, o plano discursivo em que ela se encontra é diferente. Dentre as reduzidas, o maior percentual se enquadra como “figura”, seguido do “fundo 1”, isto é, o fundo que se aproxima mais da “figura” e, dentre as desenvolvidas e justapostas, os

maiores percentuais se enquadram como “fundo 3”, seguido do “fundo 2”, isto é, os fundos que se distanciam mais da “figura”.

Parece que os parâmetros de transitividade que influenciaram mais nessa diferença foram: Polaridade, Afetamento do Objeto, Volitividade e Agentividade. Como ilustração, têm-se os exemplos 57, 58 e 59.

57. “No silencio da prisão, diz a Gazeta dos Tribunaes, Clementina ouvia de continuo os ultimos gritos de sua desditosa mãe, e quando chegava a noite, seu cadaver ensanguentado se lhe apresentava diante dos olhos, [accusando-a da sua morte]”. (E-B-81-JN-022)

58. “Acabam por la [...], por lidarem com as bonecas [**como se fossem pessoas**]”. (OC-P-70-1F-004)

59. “Finalmente que tem por muito reccomendado que não consintam nos pulpitos discursos que não tenham o character exclusivamente evangelico e circunscriptos aos assumptos de que os oradores sagrados podem occupar-se, e que procedam de forma que sempre tenham bem presente o estado melindroso a que chegou a igreja, pelos erros daquelle que melhores catholicos se dizem, os quaes a cada passo, provocam novos conflictos [**sem se lembrarem do**] que era a igreja no seculo XVI e o que é hoje”. (E-B-83-JN-009)

Em 57, pode-se fazer a seguinte análise: apesar de se tratar de um cadáver, o agente, aqui, foi visto como capaz de exercer uma ação, já que representa o que Clementina realmente sentiu. Feita essa consideração, os parâmetros foram analisados da seguinte maneira: Participantes (1), pois há dois participantes - o cadáver e Clementina; Cinese (1), pois o verbo “acusar” é um verbo de ação; Punctualidade (0), pois o ato de acusar não é punctual, mas sim um processo que tem uma certa duração; **Volitividade (1)**, pois, apesar de se tratar de um cadáver, pensa-se que ele acusou por vontade própria; **Polaridade (1)**, pois a cláusula é afirmativa; Modalidade (0), pois o verbo não se encontra no modo indicativo; **Agentividade (1)**, pois o agente é humano, apesar de ser cadáver, e tem um potencial forte para exercer a ação de acusar; Individualização do Objeto (1), pois “Clementina”, representada pelo pronome pessoal oblíquo “a” possui os traços i) próprio, ii) humano, iii) concreto, iv) singular e v) referencial/definido e **Afetamento do Objeto (1)**, pois Clementina foi totalmente afetada pela acusação do cadáver.

Em 58, pode-se fazer a seguinte análise: Participantes (0), pois o sujeito indeterminado lida com as bonecas, mas não há objeto que sofra alguma ação, pois na oração modal, tem-se um verbo de ligação. Com isso, é atribuída uma qualidade. Além disso, o sujeito da oração modal é “bonecas”; Cinese (0), pois, como já foi observado, o verbo da oração analisada é de ligação e, por isso, não expressa ação; Aspecto (1), pois o verbo “ser” não está dando a idéia de uma ação em progresso, mas sim um fato completo; Punctualidade (0), pois o fato de “ser como pessoas” possui uma certa duração, não se refere apenas ao momento em que acontece a situação; **Volitividade (0)**, pois o fato de as bonecas serem como pessoas independe da vontade do sujeito que está lidando com elas; **Polaridade (1)**, pois a oração modal é afirmativa; Modalidade (0), pois o verbo está no modo subjuntivo, o que sugere algo que não é real, é uma hipótese; **Agentividade (0)**, pois não há um sujeito com grande potencial agentivo; **Afetamento do Objeto (0)**, pois não há objeto sendo afetado por alguma ação. O que se pode dizer é que as bonecas poderiam ser como pessoas, mas não existe uma ação sendo transferida para um objeto e Individualização do Objeto (1), pois as bonecas são concretas, contáveis e determinadas (específicas), o que é conferido pelo artigo “as”.

Em 59, pode-se fazer a seguinte análise: Participantes (0), pois só há um participante - os católicos, não há um objeto específico do verbo lembrar, há um fato (“do que era a igreja no século XVI e o que é hoje”), mas esse fato não foi considerado como objeto na presente análise; Cinese (0), pois o verbo “lembrar-se” não é um verbo de ação, e sim um verbo cognitivo; Punctualidade (0), pois o ato de lembrar-se não é punctual, já que é um processo que tem uma certa duração; **Volitividade (0)**, pois os católicos provocam conflitos e, naturalmente não se lembram de como era a igreja - o ato de lembrar, nesse exemplo, é algo natural, que não depende da vontade do agente; **Polaridade (0)**, pois a preposição SEM dá uma idéia de negação; Modalidade (0), pois o verbo não se encontra no indicativo; **Agentividade (0)**, pois, apesar de o agente ser animado - os católicos - ele não tem um potencial forte para exercer a ação, já que não se trata de uma ação por excelência; Individualização do Objeto (0), pois, como já foi mencionado, não há um objeto específico e, portanto, o **Afetamento do Objeto também será (0)**.

Como se pode notar, a modal reduzida mostrada apresenta grau 1 nos parâmetros mencionados, a modal desenvolvida mostrada apresenta grau 1 apenas no parâmetro

Polaridade e a modal justaposta mostrada apresenta grau 0 em todos os parâmetros mencionados.

Um outro aspecto interessante a ser comentado acerca dos níveis de fundidade é a sua relação com os gêneros textuais em que as modais se encontram. Em todos os gêneros, houve um certo equilíbrio entre os percentuais de modais que se enquadraram nos planos discursivos fundo 1 e fundo 2. Entretanto, no gênero notícia, o percentual referente às modais que se enquadraram no plano discursivo figura foi maior do que nos outros gêneros textuais: notícia (22%), editorial (9%), anúncio (6%) e entrevista (13%). Provavelmente, isto se deve ao fato de que uma notícia se aproxima mais dos textos tidos como narrativos. Em uma narração, é comum se contar uma história em que há personagens em um determinado local, em uma determinada época, exercendo algumas ações. Portanto, as ações se dão mais efetivamente nas notícias do que em editoriais e anúncios. É interessante observar também que o percentual de modais que se enquadraram no plano discursivo figura no gênero entrevista também foi relativamente alto, o que pode ser explicado pelo fato de que, em uma entrevista, o falante está contando casos, histórias que aconteceram com ele ou com outrem. Conseqüentemente, uma entrevista poderia ser enquadrada no tipo textual narrativo oral.

4.8. Relação entre as modais e os tipos semânticos de verbo

Para a análise do *corpus* no que tange ao tipo de verbo, foram levados em consideração os tipos semânticos de verbo propostos por Halliday (1994; *apud* Scheibman, 2001:66), baseados em três experiências humanas: ser, sentir e fazer. As categorias são as seguintes: cognitivo, existencial, sensitivo, material, perceptivo, relacional e verbal. Além desses sete tipos de verbo, foram considerados o corpóreo, proposto por Dixon (1991; *apud* Scheibman, 2001:67) e o possessivo/relacional, que surgiu durante a análise de dados feita por Scheibman (2001). Os tipos semânticos se referem ao verbo principal; portanto, se um verbo modal ou auxiliar for utilizado, o que será analisado semanticamente não é ele, mas sim o verbo principal a ele associado.

Verbos do tipo cognitivo se referem ao ato de pensar, raciocinar; verbos do tipo existencial se referem ao fato de algo existir, estar presente, acontecer; verbos do tipo

sensitivo se referem a sentimentos e sensações; verbos do tipo material são verbos de ação; verbos do tipo perceptivo se referem à percepção, observação; verbos do tipo relacional são os verbos de ligação das gramáticas tradicionais; verbos do tipo verbal se referem ao ato de dizer, falar; verbos do tipo corpóreo se referem a ações que ocorrem relacionadas ao corpo, ao organismo e verbos do tipo possessivo/relacional se referem à idéia de posse, da capacidade de obter algo

No quadro 9, são listados alguns exemplos de verbos para ilustrar os tipos semânticos verbais utilizados.

Quadro 9: *Tipos semânticos verbais*

TIPOS SEMÂNTICOS DE VERBO	EXEMPLOS
Cognitivo	Presumir, saber, entender, pensar
Corpóreo	Repousar, fumar
Existencial	Acontecer, estar, haver
Sensitivo	Prezar, sofrer, querer, sentir
Material	Fazer, ir, proceder
Perceptivo	Verificar, ver
Possessivo/relacional	Ter, conter, conseguir
Relacional	Ser, tornar-se
Verbal	Dizer, sublinhar*

* Nesse caso, o verbo está sendo utilizado com o significado de “salientar”.

Esperava-se que o tipo semântico verbal mais comum de ocorrer nas orações modais fosse o material, que engloba verbos de ação, pois o tipo de oração considerada explica a maneira como algo acontece. Uma pessoa exerce uma ação e a maneira como isto acontece também configura uma ação. Da mesma forma, um fato ocorre de uma determinada maneira, que é expressa por um verbo de ação. De fato, o tipo semântico de verbo que ocorreu mais freqüentemente nas orações modais foi o material, confirmando a hipótese antes lembrada. A tabela 5 mostra os percentuais de cada tipo de verbo que ocorreu nas modais. Na horizontal, são apresentados os tipos de verbo e, na vertical, podem ser encontrados os percentuais distribuídos pelas modais. Na parte de baixo, é mostrado o total de orações encontradas.

Tabela 5: *Distribuição dos tipos semânticos verbais pelas orações modais*

TIPOS SEMÂNTICOS VERBAIS	ORAÇÕES MODAIS
Material	155 (58%)
Verbal	31 (11%)
Sensitivo	17 (6%)
Corpóreo	11 (4%)
Cognitivo	13 (4%)
Possessivo	10 (3%)
Perceptivo	8 (3%)
Relacional	9 (3%)
Existencial	10 (3%)
TOTAL	264 (100%)

Pela tabela 5, é possível observar que os tipos semânticos verbais mais comuns foram o material (cf. ex. 60), o verbal (cf. ex. 61) e o sensitivo (cf. ex. 62). O material já era esperado; o verbal ocorreu, provavelmente, porque alguém pode fazer alguma coisa dizendo determinadas palavras e o sensitivo ocorreu, provavelmente, porque alguém pode fazer alguma coisa com um determinado sentimento.

60. “Foram estes que, terminada a busca que fizeram a toda a casa, [**abrindo**] e [**despejando** gavetas] deixaram tudo num completo reboliço, saíram primeiro da casa, ficando o “chefe” a vigiar a vítima...” (E-P-94-JN-004)

61. “A Gazeta da Allemanha do Norte, quer attenuar o effeito produzido pelo Post, no seu artigo belicoso, e pela apreciação da nota do governo de Berlin, [**dizendo**] que na ultima troca de notas não se tratou de assumpto que offendesse a imprensa, mas de materia de grande importancia para a paz das nações e de um ponto principal no direito das gentes actual”. (E-P-83-JN-009)

62. “... e finalmente custa a crer que podessem transportar tantos despojos [sem **serem presentidos** pela policia em cousa alguma]”. (E-B-82-JN-029)

Em 60, pode-se fazer a pergunta: De que modo eles fizeram a busca? A resposta é encontrada nas duas orações modais destacadas, em que os verbos “abrir” e “despejar” denotam ação e, por isso, são considerados verbos do tipo “material”. Em 61, pode-se fazer a pergunta: De que modo a Gazeta da Allemanha do Norte quer attenuar o effeito produzido pelo Post? A resposta é encontrada na oração modal destacada, em que o verbo “dizer” denota o ato de falar, expressar com palavras e, por isso, é considerado um verbo do

tipo “verbal”. Em 62, pode-se fazer a pergunta: De que modo puderam transportar tantos despojos? A resposta é encontrada na oração modal destacada, em que há uma estrutura de voz passiva “serem presentidos” e, como já foi citado, quando há um verbo auxiliar e um verbo principal, o último é analisado. Dessa forma, o verbo “pressentir” denota uma sensação, um sentimento e, por isso, é considerado um verbo do tipo “sensitivo”.

Feita a análise das modais como um todo em relação aos tipos semânticos de verbo, é interessante observar se os três tipos de modais, ou seja, reduzidas, desenvolvidas e justapostas, apresentam os mesmos tipos de verbo. Para isso, as três formas de articulação das modais foram desmembradas no que se refere aos tipos semânticos verbais. A tabela 6 mostra os percentuais dos tipos de verbo que ocorreram em cada forma de articulação das modais. Na horizontal, são apresentados os tipos semânticos verbais e, na vertical, são apresentadas as três formas de articulação das orações em questão. Na quinta coluna, são mostrados os totais de ocorrências de cada tipo semântico verbal.

Tabela 6: *Distribuição dos tipos semânticos verbais pelas formas de articulação das modais*

TIPOS SEMÂNTICOS VERBAIS	REDUZIDAS	DESENVOLVIDAS	JUSTAPOSTAS	TOTAL
Material	125 (80%)	3 (1%)	27 (15%)	155 (100%)
Verbal	27 (87%)	0 (0%)	4 (12%)	31 (100%)
Corpóreo	7 (63%)	1 (9%)	3 (27%)	11 (100%)
Possessivo	7 (70%)	1 (10%)	2 (20%)	10 (100%)
Perceptivo	4 (50%)	0 (0%)	4 (50%)	8 (100%)
Sensitivo	6 (35%)	4 (23%)	7 (41%)	17 (100%)
Relacional	0 (0%)	6 (66%)	3 (33%)	9 (100%)
Cognitivo	9 (69%)	1 (7%)	3 (23%)	13 (100%)
Existencial	4 (40%)	5 (50%)	1 (10%)	10 (100%)

Pela tabela 6, pode-se perceber que os tipos semânticos de verbo que mais ocorrem nas reduzidas são o “material” e o “verbal”, respectivamente. Os usos desses tipos de verbo já foram explicados anteriormente. Os tipos semânticos de verbo que mais ocorrem nas desenvolvidas são o “relacional”, o “existencial” e o “sensitivo”, respectivamente. As desenvolvidas são introduzidas pela conjunção COMO e pelas locuções conjuntivas COMO

QUE, COMO SE e SEM QUE. Tomando isto como base, pode-se afirmar que o tipo “relacional” ocorreu freqüentemente com a locução COMO SE, pois esta carrega por si só uma idéia de condição, hipótese. O verbo “ser” foi utilizado com esta locução no modo subjuntivo. Entende-se que algo se deu “**como se fosse**” de outra maneira (cf. ex. 40, j, 46 e 58). O tipo “existencial” ocorreu mais freqüentemente com as locuções COMO SE e SEM QUE. O verbo “haver” foi o mais utilizado em construções do tipo “**como se (não) houvesse**”, “**como se nada houvera**” e “**sem que ouvesse**” (cf. ex. 35). O tipo “sensitivo” ocorreu freqüentemente com a conjunção COMO e com a locução SEM QUE em construções do tipo “**como merece (m)**”, “**sem que lhes satisfaça**” (cf. ex. 2, 39 e s). Os tipos semânticos de verbo que ocorreram mais nas justapostas foram o “material” e o “sensitivo”. O uso do primeiro já foi explicado e o uso do segundo se dá nas construções com a preposição SEM seguida de verbo no infinitivo, como: “**sem sentir-se**”, “**sem serem presentidos**”, “**sem querer**”, “**sem offender**”, etc. (cf. ex. 42 e 62).

Um outro aspecto interessante a observar referente aos tipos semânticos de verbo é a relação que eles tem com os níveis de fundidade. Espera-se que um verbo que indica ação, isto é, do tipo material, confira à oração em que se encontra um grau maior de transitividade e, conseqüentemente, um nível de fundidade menor porque há maior probabilidade de a ação ocorrer efetivamente. Por outro lado, verbos dos tipos sensitivo e perceptivo devem conferir à oração em que se encontram um grau de transitividade menor e, conseqüentemente, um nível de fundidade maior porque não indicam uma ação propriamente dita, mas estão ligados a sensações e percepção. O que se pôde constatar foi exatamente isso: de todas as modais que se enquadram no plano discursivo de figura, 26 (81%) apresentam verbos do tipo material; de todas as modais que se enquadram no plano discursivo de fundo 1, 79 (77%) apresentam verbos do tipo material e 12 (12%) apresentam verbos do tipo verbal; de todas as modais que se enquadram no plano discursivo de fundo 2, 46 (45%) apresentam verbos do tipo material e 15 (15%) apresentam verbos do tipo verbal; de todas as modais que se enquadram no plano discursivo de fundo 3, a maioria (7 – 26%) apresenta verbos do tipo sensitivo.

4.9. Distribuição das modais por graus de formalismo dos textos

Um fator que também merece ser considerado é o grau de formalismo dos textos consultados. Para estabelecer os diferentes graus de formalismo, foi utilizado o quadro de Bowen (1972; *apud* Travaglia, 1997:54), que é reproduzido no quadro 10. Em seu quadro, o autor subdivide tanto a língua escrita como a língua falada em cinco graus de formalismo. Assim, faz-se necessário apresentar um resumo de suas idéias.

Quadro 10: *Variedades de modo X Graus de Formalismo*

LÍNGUA FALADA	LÍNGUA ESCRITA
Oratório	Hiperformal
Formal (Deliberativo)	Formal
Coloquial	Semiformal
Coloquial Distenso	Informal
Familiar	Pessoal

O grau oratório é “elaborado” e “usado quase exclusivamente por especialistas”. Alguns exemplos são “os sermões do Padre Antônio Vieira e as orações de Rui Barbosa”. Na língua escrita, o grau que equivale ao oratório é o hiperformal, que é “uma composição escrita para efeitos grandiosos” e um exemplo é “o soneto” (Travaglia 1997:54).

O grau formal ou deliberativo é usado quando o falante se dirige a uma platéia grande ou média e exige uma preparação prévia. Um exemplo seria uma conferência científica. O grau formal na língua escrita inclui a “escrita dos bons jornais e revistas, por exemplo, cuidadosamente editada e elaborada” (Travaglia 1997:55).

O grau coloquial é aquele encontrado em qualquer diálogo que envolva duas pessoas com papéis de participantes ativas. O grau semiformal, na escrita, inclui “cartas comerciais e de recomendação, declarações, reportagens, escritas para posterior leitura pelos locutores nas rádios e televisões, relatórios e projetos” (Travaglia 1997:55).

O grau coloquial distenso é encontrado quando se tem “uma completa integração entre falante e ouvinte” e um exemplo seria “conversações descontraídas entre amigos, colegas de trabalho” (Travaglia 1997:55). O grau informal, na escrita, é representado por “correspondência entre membros de uma família” e é caracterizado “pelo uso de formas abreviadas (...) construções simples, sentenças fragmentadas” (Travaglia 1997:55).

O grau familiar é “usado na vida familiar privada” e nele aparecem “elementos da linguagem afetiva com função emotiva” (Travaglia 1997:55). O grau pessoal inclui “quase

sempre notas para uso próprio”. Como exemplos, têm-se “um recado anotado ao telefone, um bilhete que deixamos para avisar alguém da casa de algo ou mesmo uma lista de compras de uma dona de casa” (Travaglia 1997:55).

Na análise do *corpus*, só foram encontrados textos com três graus de formalismo: formal (representado, na maioria, pelos editoriais e algumas notícias), semiformal (representado, na maioria, por alguns anúncios e algumas notícias) e o equivalente ao coloquial distenso, que foi chamado, neste trabalho, de informal (representado pelos dados coletados de entrevistas, já que todas são do tipo DID - Diálogo entre Informante-Documentador). Geralmente, um anúncio é mais informal que uma notícia, que, por sua vez, é mais informal que um editorial. Entretanto, é muito simplificador fazer essa consideração. Portanto, houve casos de notícias e até de anúncios em que o vocabulário utilizado é típico de um texto formal e houve casos de anúncios e notícias que apresentaram um vocabulário típico de um texto semiformal. Vale ressaltar que os anúncios que compõem o *corpus* não possuem as mesmas características de uma propaganda, um anúncio que comumente se vê em televisão. Entende-se por anúncio, nesta pesquisa, o gênero de texto que é composto de palavras como “Procura-se” e “Vende-se”, já que, em sua maioria, retrata a procura de algum bandido ou a venda de algum imóvel. Portanto, não foram encontrados anúncios com o grau informal.

Todos os editoriais foram considerados formais; alguns anúncios foram considerados formais (cf. ex. 21), pois há determinados vocábulos como “propiciou” e o tempo verbal “houvera acontecido” que são típicos de um texto mais elaborado, e outros semiformais (cf. ex. 4); algumas notícias foram consideradas formais (cf. ex. 8) e outras semiformais (cf. ex. 45). Todas as entrevistas foram consideradas informais.

No *corpus* analisado, houve um número maior de orações subordinadas adverbiais modais em textos formais (151/57%), seguidos dos textos semiformais (82/31%) e informais (31/11%), respectivamente. Esse resultado confirma o que era esperado, ou seja, que a subordinação é encontrada mais freqüentemente em textos mais formais por ser um processo mais complexo de organização das orações no período. Em relação às formas de articulação, não houve muita diferença entre os textos, pois as reduzidas foram as mais freqüentes em todos, independentemente do grau de formalismo. Entretanto, nos textos informais, que, nesta pesquisa, são representados pelas entrevistas, houve um equilíbrio

entre as reduzidas (17/54%) e as justapostas (12/38%), o que já fora observado em 4.6. É importante lembrar que não se pode fazer uma equivalência direta entre texto formal e língua escrita e texto informal e língua falada. Como se viu nesta seção, pode haver textos de língua escrita com grau semiformal e textos de língua falada com grau formal. Entretanto, no estudo aqui feito, só as entrevistas possuíram características de um texto informal.

4.10. Modalidade lingüística

Muito freqüentemente, se diz que a língua escrita é formal e a língua falada é informal. Segundo Travaglia (1997), isto não é verdade, pois cada modalidade pode possuir uma escala que vai de um texto muito informal para um texto hiperformal. Entretanto, para Travaglia (1997:53), “as variedades de grau de formalismo da língua escrita apresentam uma tendência para maior regularidade e geralmente maior formalidade que as da língua falada”. O autor dá exemplos de elementos que podem ser encontrados na língua falada que não estão presentes na língua escrita, tais como: entonação, ênfase de termos ou sílabas, hesitações, pausas, marcadores conversacionais, entre outros. No *corpus* analisado, alguns desses elementos puderam ser encontrados (cf. ex. 63).

63. “Após a operação ... eu passei ... a::a fazer uso disso tudo DAÍ que eu engordei dessa forma né ... e:: ahn ultimamente eu:: estou procurando controlar isso [adquirindo éh esses produtos sem gordura ...]”. (OC-B-9C-2F-001)

Em 63, as reticências indicam que o falante fez uma pausa; é possível observar repetição de um termo (a preposição A); uma ênfase, que está representada pelas letras maiúsculas na palavra “daí”; hesitações, como quando o falante preenche o silêncio tentando se lembrar de algo, representado em “ahn” e marcador conversacional (“né”). Apesar de o trecho anterior não reproduzir um contexto maior, pode-se entender que o falante está comentando sobre uma operação que fez e que, em seguida, engordou. Por isso, passou a controlar a forma de um determinado modo: “adquirindo produtos sem gordura”.

Um comentário que é feito por Travaglia (1997) e que é confirmado com a análise dos dados referentes às orações modais diz respeito às construções na língua falada: “as construções no oral são mais simples, menos complexas e longas” (Travaglia 1997:52).

Pode-se dizer que a coordenação é uma construção mais simples do que a subordinação, por não envolver dependência sintática e por ter como mecanismo geral a adição de informação. Portanto, é esperado que, na língua falada, por esta algumas vezes conter construções mais simples, haja menos orações que envolvam o processo de subordinação. Na análise do *corpus*, houve um número bem maior de orações subordinadas adverbiais modais na língua escrita (233/88%) do que na língua falada (31/11%), comprovando o que foi dito antes. Além disso, pelo fato de, na língua escrita, haver a possibilidade de se pensar mais antes de o texto ser escrito, considera-se que esta apresenta estruturas mais elaboradas que as da língua falada. No que tange às modais, isto foi observado especificamente em relação à posição, pois, nos dados de língua escrita, foram encontradas modais nas três posições possíveis referentes à oração principal: 226 (97%) de pospostas, 6 (2,6%) de antepostas e 1 (0,4) de intercalada. Já nos dados de língua falada, foram encontradas apenas modais pospostas: 31 (100%).

4.11. Variedades do português

Muito se discute acerca das diferenças e semelhanças existentes entre o português brasileiro e o português europeu. Vários fenômenos já foram estudados para ilustrar a inovação ou a conservação nas duas variedades do português. Há, entre algumas pessoas, a falsa idéia de que, pelo fato de a língua ter sido usada primeiramente pelos portugueses, que eram os colonizadores, o português europeu ser mais conservador que o português brasileiro. Entretanto, alguns exemplos podem demonstrar o contrário, que o português do Brasil pode ter também aspectos conservadores. Os fenômenos que envolvem variação servem para estabelecer uma comparação entre as variedades do português. O estudo aqui realizado, ou seja, o das orações modais, não envolve variação. Por isso, provavelmente, este fator não exerceu muita influência no comportamento dessas orações. Entretanto, o *corpus* foi analisado levando-se em conta este fator. Sendo assim, nesta seção, serão feitos alguns comentários.

Foi encontrado um número maior de modais no português brasileiro (173) do que no português europeu (91). Como o número de dados não é tão grande, não podem ser feitas generalizações. Com isso, seria precipitado afirmar que, no Brasil, se usa mais oração subordinada adverbial modal do que em Portugal. Nos textos consultados, o resultado

verificado foi este. No que tange à forma de articulação das modais, houve percentuais parecidos se comparadas as duas variedades do português. A tabela 7 mostra o resultado obtido, em que, na horizontal, serão mostradas essas variedades e, na vertical, serão apresentados os percentuais de cada forma de articulação das orações. Na quinta coluna, serão mostrados os totais de orações encontrados em cada variedade e, na última linha, serão mostrados os totais das modais divididos nas formas de articulação, somando-se as duas variedades do português.

Tabela 7: *Distribuição das modais, nas duas variedades do português, no que tange às formas de articulação*

VARIETADES DO PORTUGUÊS	REDUZIDAS	DESENVOLVIDAS	JUSTAPOSTAS	TOTAL
Português Brasileiro (PB)	128 (73%)	12 (6%)	33 (19%)	173 (100%)
Português Europeu (PE)	61 (67%)	9 (9%)	21 (23%)	91 (100%)
TOTAL	189 (71%)	21 (7%)	54 (20%)	264 (100%)

Pela tabela 7, observa-se que, tanto no português brasileiro como no português europeu, as modais mais utilizadas foram as reduzidas de gerúndio, seguidas das justapostas e as menos utilizadas foram as desenvolvidas. Os exemplos 1, 4 e 5 (cf. capítulo 1) mostram as modais desenvolvida, reduzida e justaposta, respectivamente, no português brasileiro. Os exemplos 28, 31 e 23 (cf. seções 4.2.2.3. e 4.2.2.4.) mostram as modais desenvolvida, reduzida e justaposta, respectivamente, no português europeu. Das desenvolvidas, tanto no português brasileiro como no português europeu, os introdutores encontrados foram: SEM QUE, COMO e COMO SE. No português brasileiro, há um exemplo com o introdutor COMO QUE, que não ocorre no português europeu. Das justapostas, tanto no português brasileiro como no português europeu, a preposição que era seguida de verbo no infinitivo podia ser SEM ou A. Entretanto, no PB, houve apenas um caso de modal introduzida pela preposição A, enquanto que, no PE, houve 5 casos. Esse

resultado já era de se esperar porque é comum em Portugal se utilizar a construção A + infinitivo equivalente ao gerúndio, que é a forma privilegiada no Brasil. Se forem comparadas as reduzidas e justapostas no que se refere às variedades do português, pode-se perceber que, no português brasileiro, houve 128 (73%) de modais reduzidas de gerúndio e 33 (19%) de justapostas, enquanto que, no português europeu, houve 61 (67%) de reduzidas de gerúndio e 21 (23%) de justapostas. Não há muita diferença, mas pode-se observar que há um percentual ligeiramente maior de justapostas no português europeu. Provavelmente, isto se deu pelo uso maior de modais introduzidas pela preposição A acompanhada de um verbo no infinitivo, que é muito comum de ocorrer no português europeu e é chamado de infinitivo gerundivo, já que, em alguns casos, essa construção pode ser substituída pelo gerúndio sem haver prejuízo na construção do significado.

4.12. Amostras utilizadas

Quando se estuda qualquer fenômeno lingüístico, o pesquisador pode optar por fazer uma análise sincrônica, ou seja, considerando apenas um momento no tempo, ou uma análise diacrônica, ou seja, através do tempo, considerando dois ou mais momentos distintos. Em sociolingüística, quando se faz um estudo diacrônico, diz-se que está se fazendo **um estudo em tempo real** e quando se faz um estudo sincrônico, em que se dá ênfase às diferentes faixas etárias, diz-se que está se fazendo **um estudo em tempo aparente**. Como aqui não se está trabalhando com um fenômeno de variação e a sociolingüística é utilizada apenas como metodologia (cf. início do capítulo 4), espera-se que, ao se estudar as modais em dois momentos distintos, não haja diferenças relevantes que mereçam ser ressaltadas. Entretanto, para saber se um estudo diacrônico não seria importante para este trabalho, foram coletados dados pertencentes a dois séculos distintos - XIX e XX.

Foi constatado que, no século XX, houve um maior número de modais (162/61%) do que no século XIX (102/38%). A diferença é relativamente grande e pode-se dizer que, no século XIX, a idéia de modo era representada mais freqüentemente por outras construções que não orações como, por exemplo, advérbios ou locuções adverbiais se comparada com o século XX. Isso não significa que no século XIX não havia orações

expressando a circunstância de modo. No que se refere às formas de articulação, não houve grande diferença, pois, em ambos os séculos, a forma mais freqüente foi a reduzida, seguida da justaposta e da desenvolvida, respectivamente. Além disso, os percentuais de uso de cada forma são semelhantes.

4.13. Nível de escolaridade

Este fator também exerce uma influência em estudos de fenômenos que envolvem variação ou mudança. Portanto, estudos sociolingüísticos o utilizam como variável independente. A partir do nível de escolaridade, pode-se concluir se um fenômeno envolve uma **mudança de cima para baixo** ou de **baixo para cima**. O primeiro tipo de mudança ocorre, geralmente, quando um uso se inicia entre falantes de classes mais favorecidas e, posteriormente, por imitação, passa a aparecer entre falantes de classes menos favorecidas. O nível de escolaridade reflete, de uma certa forma, a classe a que o falante pertence. Por analogia, se o uso se inicia entre pessoas com nível de escolaridade maior e, posteriormente, é encontrado entre pessoas com nível de escolaridade mais baixo, pode-se dizer que se trata de um fenômeno de mudança de cima para baixo. O segundo tipo de mudança ocorre, geralmente, quando um uso se inicia entre falantes de classes menos favorecidas e, posteriormente passa a aparecer entre falantes de classes mais favorecidas. Por analogia, se pessoas com nível de escolaridade menor começam a utilizar determinada construção e, com o tempo, esta também é utilizada entre pessoas com nível de escolaridade maior, pode-se dizer que se trata de um fenômeno de mudança de baixo para cima.

Apesar de o estudo feito aqui, como já foi observado, não se tratar de variação ou mudança, procurou-se observar se o fator “nível de escolaridade” exerceria influência no uso e comportamento das orações subordinadas adverbiais modais. Acredita-se que, quanto maior o nível de escolaridade, mais complexas são as estruturas utilizadas. Conseqüentemente, pessoas com nível superior teriam a tendência a usar mais construções que envolvessem subordinação do que pessoas com nível fundamental ou apenas alfabetizadas. No *corpus* analisado, isto foi comprovado. A tabela 8 mostra o percentual de uso das orações modais distribuído pelos níveis de escolaridade. Na horizontal, são

mostrados os percentuais referentes a cada nível de escolaridade e, na vertical, são mostradas as três formas de articulação das modais que foram utilizadas por falantes dos diferentes níveis de escolaridade. Na última linha, são apresentados os totais de cada forma de articulação utilizada nas entrevistas e, na última coluna, são apresentados os totais de orações modais utilizadas por falantes de diferentes níveis de escolaridade. Os dados só incluem pessoas com os seguintes níveis de escolaridade: superior, fundamental e alfabetizado.

Tabela 8: *Distribuição das formas de articulação pelos níveis de escolaridade*

NÍVEIS DE ESCOLARIDADE	REDUZIDAS	DESENVOLVIDAS	JUSTAPOSTAS	TOTAL
Superior	12 (50%)	2 (8%)	10 (41%)	24 (100%)
Fundamental	4 (66%)	0 (0%)	2 (33%)	6 (100%)
Alfabetizado	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)
TOTAL	17 (100%)	2 (100%)	12 (100%)	31 (100%)

Pela tabela 8, nota-se que, das 31 orações modais encontradas em dados de língua falada, a grande maioria (24) foi utilizada por falantes com nível superior. Em seguida, aparecem os falantes com nível fundamental e houve apenas 1 dado obtido pelo falante que era somente alfabetizado. Este resultado comprova que, quanto maior o nível de escolaridade, mais estruturas que envolvem o processo de subordinação são utilizadas. Quanto às formas de articulação, pode-se perceber que, independentemente dos níveis de escolaridade, as reduzidas de gerúndio são as mais frequentes, o que comprova que, pelo fato desse estudo não envolver variação ou mudança, o nível de escolaridade não exerce grande influência no uso de uma forma ou de outra das orações modais.

Outros fatores foram controlados para a análise das orações modais: gênero dos informantes, faixa etária dos informantes e região da coleta da amostra. Entretanto, como era de se esperar, eles não exerceram influência significativa no comportamento das orações estudadas que mereça ser comentada pelo fato de o fenômeno observado neste trabalho não envolver variação nem mudança lingüísticas.

5. AS ORAÇÕES MODAIS E O ENSINO DE SINTAXE NAS ESCOLAS

Todos os aspectos referentes às orações modais considerados neste trabalho servem, como já foi comentado, para propor uma reclassificação das orações subordinadas adverbiais na NGB, visto que nem todas as circunstâncias possíveis de ser veiculadas pelas orações adverbiais são acolhidas na sua classificação. Além disso, a pesquisa feita aqui também tem o intuito de encorajar outros pesquisadores a continuarem a estudar não só as modais especificamente, mas também a lançar um olhar crítico sobre o modo como a

sintaxe é tratada nas gramáticas normativas e, em decorrência, nas escolas. Com isso, acredita-se que esta pesquisa também tem como objetivo discutir a maneira como a sintaxe é ensinada nas escolas e apresentada em livros didáticos.

O que despertou o interesse em se fazer uma relação entre a proposta de análise das modais com o ensino de sintaxe nas escolas foi o fato de que i) algumas orações apresentadas para os alunos dão margem a mais de uma interpretação e ii) quase todos os exemplos citados por professores não condizem com o uso da língua feito pelos alunos no seu cotidiano, já que são exemplos pré-fabricados e/ou extraídos de gramáticas normativas. Sabe-se que o papel destas é ditar regras para um “bom” uso da língua e mostrar frases pertencentes ao português culto, desconsiderando todas as outras possibilidades de manifestação da língua.

Os livros didáticos consultados para esta pesquisa não são tão conhecidos ou não são tão recentes. Entretanto, pensa-se que este fato não compromete a análise realizada aqui, já que os comentários que serão feitos a seguir podem se estender aos livros didáticos mais conhecidos e mais recentes. Não há diferenças significativas entre os livros didáticos mais recentes e menos recentes no que tange ao tratamento dado às orações subordinadas adverbiais.

Quando se encontra uma explicação em algum livro didático, esta se limita ao essencial e óbvio. Um exemplo é a definição de orações subordinadas adverbiais finais apresentada a seguir: “Expressam circunstâncias de finalidade.” (SEMECTEL de Mesquita, s.d.:4). Na definição anteriormente citada, não há clareza sobre o que vêm a ser as orações subordinadas adverbiais finais, pois há outros aspectos a serem observados além de simplesmente o fato de expressar a circunstância de finalidade ao se caracterizar essa oração como tal. Outro exemplo de definição que pode deixar o aluno mais confuso e que não contribui para um melhor entendimento acerca do comportamento das orações é a das orações subordinadas adverbiais conformativas: “Expressam circunstâncias de conformidade ou modo.”(SEMECTEL de Mesquita, s.d.: 4). Pela definição anterior, constata-se que há uma semelhança muito grande entre as circunstâncias de conformidade e de modo, tanto que na explicação de conformidade igualou-se essa circunstância à circunstância de modo pelo uso da conjunção OU. Não só esta semelhança entre conformativas e modais deveria ser demonstrada aos alunos através de exemplos como

também as diferenças entre elas e outras orações, conforme foi feito neste trabalho (cf. 4.2.2.1). Dessa forma, os alunos teriam a noção do que pode ser chamado de oração modal e o que pode ser chamado de oração conformativa, por exemplo.

Dentre as orações subordinadas adverbiais, não são só as conformativas se confundem com as modais (cf. 4.2). Além de outras orações adverbiais, as coordenadas aditivas também se confundem com as modais. Um fator que contribui consideravelmente para essa confusão entre orações é a possibilidade de o gerúndio expressar várias circunstâncias. No início da pesquisa que deu origem a esse trabalho, muitas orações foram destacadas dos textos consultados e posteriormente descartadas do *corpus* em análise. Em princípio, achava-se que a maioria delas pudesse ser classificada como modal e uma maneira de enquadrá-las sob essa classificação era fazendo as perguntas DE QUE MODO?, COMO? ao fato declarado na oração principal. Entretanto, estas perguntas não bastavam, já que era necessário observar outros aspectos. Analisando mais detalhadamente, chegou-se ao quadro que contém os traços característicos de uma modal (cf. 4.2.2.6., quadro 7). Nas escolas, o professor limita-se a dizer que algumas orações podem se apresentar na forma desenvolvida e na forma reduzida, não explorando melhor essa constatação. Além disso, nem sequer mencionam que há outra forma de articulação, a justaposta. O ensino de sintaxe poderia ser melhorado se o professor mostrasse aos alunos vários exemplos de desenvolvidas, de reduzidas e de justapostas. Outra idéia seria mostrar aos alunos as várias circunstâncias que podem ser veiculadas pelo gerúndio. Dessa maneira, os alunos poderiam aprender todos os tipos de oração que são ensinadas e que constam do programa curricular e visualizar as semelhanças e diferenças entre as orações. Um trecho retirado dos textos consultados que contém vários usos do gerúndio e que precisou ser descartado após uma análise mais coerente do uso do gerúndio no âmbito ora da subordinação ora da coordenação encontra-se em 64.

64. “[Partindo de um núcleo] que destruíra a ditadura de Batista, a Revolução dirigida por Fidel Castro teve reflexos imediatos e amplos no Brasil, [promovendo uma posição oficial de cautela] e [determinando, nas várias camadas sociais, uma grande carga polêmica].”
(E-B-93-JE-004)

A oração tida como principal foi: “a Revolução dirigida por Fidel Castro teve reflexos imediatos e amplos no Brasil”. A partir dela, foram feitas as perguntas citadas

anteriormente: **Como** teve reflexos no Brasil? As respostas seriam as orações destacadas entre colchetes e que, por satisfazerem a pergunta, seriam classificadas como orações subordinadas adverbiais modais. Esta é uma ingênua e um pouco imatura análise que foi feita, sem levar em conta outros aspectos relevantes. Apesar de ingênua, é totalmente compreensível, pois classificar uma oração requer uma observação cautelosa e nada na língua é exato, tudo é passível de questionamentos e pode ser visto por outro ângulo. Após uma análise mais coerente, outras interpretações às orações em destaque foram surgindo. Para a primeira, uma possível interpretação seria como adverbial temporal, podendo ser reescrita da seguinte maneira:

“[Quando partiu de um núcleo] que destruíra a ditadura de Batista, a Revolução dirigida por Fidel Castro teve reflexos imediatos e amplos no Brasil.”

Uma outra interpretação seria como oração subordinada adjetiva. Entretanto, sintaticamente, não seria plausível já que uma oração adjetiva tanto desenvolvida, quando possui um pronome relativo, quanto reduzida restringem, especificam ou explicam um antecedente. Conseqüentemente, deveria aparecer posposta à oração principal. Essa interpretação se deu pela possibilidade da seguinte reescritura:

“A Revolução dirigida por Fidel Castro, [que partiu de um núcleo] que destruíra a ditadura de Batista, teve reflexos imediatos e amplos no Brasil.”

Para as outras duas orações em destaque no exemplo 64, duas interpretações foram dadas. A primeira seria como adjetiva e o motivo para essa interpretação justifica-se pela possível reescritura:

“[Partindo de um núcleo] que destruíra a ditadura de Batista, a Revolução dirigida por Fidel Castro teve reflexos imediatos e amplos no Brasil, [que promoveram uma posição oficial de cautela] e [que determinaram, nas várias camadas sociais, uma grande carga polêmica].”

Nessa reescritura, considera-se que os reflexos imediatos funcionam como antecedente para as orações adjetivas em destaque. Entretanto, pensa-se que esta não é a melhor interpretação para as orações analisadas. Uma outra interpretação dada a elas foi como coordenadas aditivas, como se verifica na reescritura a seguir:

“[Partindo de um núcleo] que destruíra a ditadura de Batista, a Revolução dirigida por Fidel Castro teve reflexos imediatos e amplos no Brasil, [promoveram uma posição oficial de cautela] [e determinaram, nas várias camadas sociais, uma grande carga polêmica].”

A interpretação como coordenadas foi possível porque o gerúndio, muitas vezes, é utilizado para expressar uma ação que se dá em seqüência em relação a uma ação anterior. A primeira coordenada, isto é, “promoveram uma posição oficial de cautela” se articula sintaticamente sem a utilização de um conectivo. Já a segunda, isto é, “e determinaram, nas várias camadas sociais, uma grande carga polêmica” possuiria o conectivo prototípico de uma coordenada aditiva, o E.

Vê-se que, a partir de um trecho de um texto, é possível se fazer uma análise rica em detalhes e esclarecedora em relação aos traços característicos de alguns tipos de oração. É dessa forma que um professor deveria proceder em sala de aula. O presente trabalho pretende mostrar que é relevante se fazer um estudo das modais porque há exemplos claros de que elas existem. Em determinados enunciados, os alunos poderiam indagar o professor sobre a classificação de uma oração e este ficaria sem ação diante do fato de que a única possibilidade de interpretação é como modal, já que está claro que a circunstância veiculada pela oração é a de modo. Para ilustrar essa idéia, repete-se, nesse momento, o exemplo 4.

4. “[Cantando] espalharei por toda parte/ Fazendas. Modas e roupas brancas.
(E-B-83-JA-016)

Não há como negar que a circunstância veiculada pela oração “cantando” é a de modo, pois ela expressa o modo pelo qual espalharei por toda parte “Fazendas, modas e roupas brancas”.

O exemplo 64 contém alguns exemplos de orações reduzidas de gerúndio. Há, também orações desenvolvidas que podem se confundir com outras por causa do introdutor (cf. 4.2.). Um conector que pode introduzir vários tipos de oração, pelo seu valor polissêmico, é o COMO (cf. 4.4.1). Por esse motivo, no início da pesquisa, pensou-se que seriam encontrados muitos dados de modais introduzidas por COMO, o que não foi verificado. Isto aconteceu porque, muitas vezes, se faz uma equivalência entre o COMO e a

expressão DE QUE MANEIRA. Um exemplo que foi descartado após uma análise baseada nos traços característicos de cada oração é o 65.

65. “A 25 de agosto, renuncia o Sr. Jânio Quadros à Presidência da República causando, [como era natural], perplexidade em todo o País.” (E-B-93-JE-004)

À primeira vista, a oração entre colchetes seria uma modal, pois se pode dizer: De que modo Jânio Quadros causou perplexidade em todo o país? Entretanto, esta não é a interpretação mais adequada. O que facilitou a análise da oração destacada foi a elaboração do quadro que contém os traços característicos de uma modal (cf 4.2.2.6., quadro 7). No confronto das modais com as conformativas, chegou-se à conclusão de que as primeiras não possuem um traço que é característico das segundas: o poder indutivo. As conformativas, além de induzir, comprovam, confirmam o fato apresentado na oração principal. No exemplo 65, o fato de ser natural comprova a perplexidade causada por Jânio Quadros.

No ensino de sintaxe, é importante que o professor faça essa demonstração para os alunos para que eles não continuem decorando as conjunções que introduzem cada tipo de oração. Nada adianta decorar que COMO introduz orações comparativas e CONFORME introduz orações conformativas, se é possível encontrar COMO em orações comparativas, conformativas, modais, etc.

Um aspecto que foi levado em conta neste trabalho foi o gênero textual em que as modais se encontram (cf. 4.6). Além de o professor trabalhar, em sala de aula, com a possibilidade de se classificar uma oração como modal, o que está de acordo com o uso real da língua, é mais interessante que ele ou ela, em vez de utilizar exemplos pré-fabricados, ou seja, retirados de gramáticas normativas ou inventados para facilitar a explicação e exemplos que são muito formais e que, por esse motivo, se distanciam da realidade dos alunos, lancem mão de exemplos que podem ser encontrados no cotidiano das pessoas. Não se pode deixar de se trabalhar com exemplos formais, pois é uma possibilidade de realização da língua, já que, em determinadas situações, espera-se que as pessoas se comportem de maneira mais formal, seja na aparência seja no uso da língua. O que se propõe é usar textos de diversos graus de formalismo (cf. 4.9.). Um aspecto importante no aprendizado de qualquer pessoa é a motivação e levar para a sala de aula textos atuais e que estão em circulação aguça a curiosidade dos alunos e os faz entender melhor o porquê de se

aprender a língua portuguesa. Eles vêem uma utilidade no estudo da língua portuguesa e no que se chama o estudo da gramática. Por isso, além de anúncios, editoriais, notícias e entrevistas, o professor pode levar para a sala de aula textos como histórias em quadrinhos, horóscopo, resumos de novelas, receitas, etc. Com isso, há a chance de se ensinar o conteúdo lingüístico vinculado ao texto. Há também a possibilidade de apresentar os gêneros textuais citados anteriormente e enquadrá-los no tipo textual a que pertencem.

No início da pesquisa que resultou neste trabalho, pensou-se que um gênero textual que apresentaria com grande frequência orações modais seria a receita pelo fato de que este é um texto injuntivo e, geralmente, neste tipo de texto, são dadas instruções para que uma tarefa seja realizada. No caso da receita, é exposto o modo de se proceder para se preparar um prato. De fato, há exemplos de modais neste gênero textual como pode ser conferido em 66.

66. “Fora do fogo, e [batendo com o batedor manual], acrescente as gemas, depois o caldo de carne e o suco de limão.”
(Wenna, 2002)

Em 66, as ações de bater com o batedor manual e acrescentar as gemas se dão simultaneamente e conforme a seção 4.2.2.6., quadro 7, um dos traços característicos da modal é apresentar uma ação que é simultânea à da oração principal. Confrontando a modal com a coordenação (cf. 4.2.1.), observou-se que elas podem se confundir porque o gerúndio pode estar presente em ambas as construções. Quando as receitas foram lidas, o gerúndio foi encontrado com muita frequência, ora representando as orações modais (cf. ex. 66), ora representando as orações coordenadas aditivas (cf. ex. 67).

67. “Refogue a cebola numa frigideira antiaderente, [pingando água de vez em quando] até dourar.”
(Wenna, 2002)

Não se pode deixar de observar a idéia de modo contida na oração reduzida de gerúndio, pois se trata do modo como refogar a cebola. No entanto, a estrutura é de coordenação já que as ações se dão em seqüência: primeiramente, refogue a cebola em uma frigideira antiaderente e, em seguida, pingue água de vez em quando até dourar. O exemplo 67 pode ser reescrito com o uso do conector prototípico da oração coordenada aditiva, como se vê a seguir:

67 reescrito: “Refogue a cebola numa frigideira antiaderente [e pingue água de vez em quando] até dourar.”

Acredita-se que o estudo empreendido neste trabalho pode contribuir para um ensino de sintaxe mais interessante e que tem em vista o uso da língua no dia-a-dia. Isto pode ser feito, como se comentou neste capítulo, utilizando trechos de textos autênticos para explicar as semelhanças e diferenças entre diversos tipos de oração. Com a inclusão das modais no ensino das orações subordinadas adverbiais, algumas orações encontradas freqüentemente não ficarão mais sem classificação e o professor não ficará mais sem resposta ao aluno quando se deparar com elas. Os alunos não precisarão mais decorar as conjunções que introduzem cada tipo de oração, pois eles serão capazes de interpretar o sentido veiculado por cada uma. Será possível também ver a utilidade do conteúdo que estão aprendendo em textos que eles podem encontrar no dia-a-dia. Haverá também uma motivação maior para o aprendizado da língua portuguesa e, mais especificamente, da sintaxe.

CONCLUSÃO

Com este trabalho, foi possível fazer uma descrição mais coerente das orações subordinadas adverbiais modais. Para isso, foram levados em consideração vários aspectos referentes a elas.

Primeiramente, foram mostradas as diferentes abordagens feitas por autores cujos pensamentos estão de acordo com teorias diversas: abordagem tradicional, abordagem pragmático-discursiva e abordagem funcionalista. Foi possível observar que há semelhanças e diferenças entre essas teorias no que tange ao comportamento das modais: dentre os autores considerados tradicionais, Luft (1978), Kury (1987) afirmam que as modais podem se apresentar tanto na forma desenvolvida como na forma reduzida (de infinitivo e de gerúndio); Bechara (1994) possui uma visão diferente, pois o autor diz que

as modais só podem se apresentar na forma desenvolvida; Rocha Lima (1998) expõe que as modais só podem aparecer na forma reduzida de gerúndio. Uma das autoras que possuem uma visão funcional-discursiva, Moura Neves (2000) apresenta uma descrição que, tendo em vista o real uso da língua, pode causar um certo estranhamento, pois para ela apenas a forma reduzida de gerúndio não é possível de ser veiculada pelas modais. Entretanto, pelo que foi analisado durante este trabalho (cf. 4.3.), esta é a forma de articulação mais comum das modais. Em relação aos introdutores das modais, juntando os tratamentos tradicionais e o funcional-discursivo, observou-se que os autores citados anteriormente mostram que as modais podem ser encabeçadas por SEM QUE, COM + INFINITIVO, (ASSIM) COMO, SEM + INFINITIVO, COMO, COMO SE E TAL QUAL (cf. 1.1.2., quadro 2). No que tange à posição, todos os autores consultados demonstram que as modais podem se apresentar pospostas à oração principal e apenas Kury (1987) nota a possibilidade de as modais aparecerem antepostas à oração principal (cf. 1.1.2., quadro 3). Foram consideradas algumas abordagens acerca da semelhança das modais com outras orações: tradicional, semântica, gerativista, pragmático-discursiva e funcional discursiva. Agrupando-se as idéias dos autores representantes de cada abordagem antes citada, as orações que se podem confundir com as modais são as seguintes: comparativas, comparativo-hipotéticas, concessivas, conformativas, consecutivas, condicionais, coordenadas aditivas, contrastivas e finais (cf. 1.2.5., quadro 4).

Para estabelecer o que realmente está sendo chamado de oração modal neste trabalho, esta oração foi confrontada com outras orações que, comumente, se confundem com ela: orações coordenadas aditivas, orações conformativas, orações comparativas, orações concessivas, orações condicionais, orações consecutivas e orações comparativo-hipotéticas. A partir do confronto feito, foi elaborado um quadro que apresenta os traços característicos das modais. De um modo geral, pode-se caracterizar as modais e, conseqüentemente, distingui-las de outras orações por meio dos seguintes traços: [+ simultâneo], [- poder indutivo], [- elipse], [- restrição abandonada], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO] e [+ adjetiva] (cf. 4.2., quadro 8).

Um outro aspecto interessante que foi considerado foi o processo de gramaticalização pelo qual alguns introdutores das modais passaram: COMO, SEM (SEM QUE) e A. Dois aspectos que estão interligados são o da transitividade e o dos planos

discursivos. Pôde-se perceber que as modais são capazes de possuir diferentes graus de transitividade, desde um grau mínimo (zero) até um grau máximo (nove). Isso resulta na possibilidade de as modais poderem pertencer a diferentes planos discursivos distribuídos em um *continuum*: fundo 3, fundo 2, fundo 1 e figura.

Em relação à análise do *corpus*, foram levados em conta vários fatores: o primeiro se refere às formas de articulação das modais. Como era de se esperar, o gerúndio foi a forma mais freqüente de as modais se apresentarem.

O segundo fator se refere à posição das modais em relação à oração principal. O resultado foi ao encontro do esperado, pois a posição mais freqüente de as modais se apresentarem foi a posposta à principal, ou seja, a posposição. Geralmente, quando se narra um fato ou se explicita um pensamento, em primeiro lugar, se dá ênfase a fatores mais imediatos como as personagens envolvidas, a história propriamente dita e, em segundo lugar, se explica de que modo tudo aconteceu. Por esse motivo, a posposição foi mais freqüente nas orações subordinadas adverbiais que expressam a circunstância de modo.

O terceiro fator se refere às formas de articulação das modais em relação aos gêneros textuais em que se encontravam. Confirmando a hipótese inicial, os textos mais formais (anúncios, editoriais e notícias) apresentaram uma padronização maior do que os textos mais informais (entrevistas), pois, naqueles, houve uma freqüência muito alta de reduzidas de gerúndio enquanto que, nestes, houve um equilíbrio entre reduzidas e justapostas. Além disso, a forma reduzida foi a mais freqüente independente do gênero textual em que a oração se encontrava.

O quarto fator analisado foi o plano discursivo. Pôde-se observar que as modais não podem ser tratadas como se fossem uniformes: a depender da forma de articulação, elas pertencem a diferentes planos discursivos: as reduzidas de gerúndio, em sua maioria, pertenceram aos planos discursivos “figura” e “fundo 1” enquanto que tanto as desenvolvidas como as justapostas, em sua maioria, pertenceram aos planos discursivos “fundo 2” e “fundo 3”.

O quinto fator se refere aos tipos semânticos de verbo que introduzem as modais. Os mais comuns foram o material (verbos de ação), o verbal (verbos de “dizer”) e o sensitivo (verbos de “sentimento”). O primeiro tipo semântico de verbo já era esperado, pois o modo como algo acontece, freqüentemente, é expresso por uma ação. Entretanto, há outras

maneiras de se expressar a circunstância de modo: dizendo ou sentindo algo. Dessa forma, os verbos dos tipos “verbal” e “sensitivo” também apareceram em grande quantidade nas orações modais.

O sexto fator considerado foi o grau de formalismo do texto em que as modais apareceram. O resultado obtido não foi surpreendente, pois houve um maior número de modais em textos mais formais, como editoriais e algumas notícias, seguidos dos textos semiformais, como algumas notícias e alguns anúncios e, finalmente, em textos informais, isto é, as entrevistas. Pelo fato de a subordinação ser um processo mais complexo de organização das orações no período, nada mais coerente e previsível do que encontrá-la mais freqüentemente em textos que requerem uma complexidade relativamente maior, os textos formais.

O sétimo fator analisado foi a modalidade lingüística. Confirmando a hipótese inicial, a subordinação foi mais freqüente em textos tidos como mais formais, isto é, os textos representativos da língua escrita. Além disso, os dados de língua falada não apresentam variação na posição das modais já que todas foram pospostas, enquanto que, nos dados de língua escrita, as modais apareceram em três posições distintas: a posposição, a anteposição e a intercalação.

O oitavo fator foi a variedade do português, ou seja, o português brasileiro e o português europeu. Não houve diferenças significativas no comportamento das modais no que tange às variedades do português, pois, em ambas, as reduzidas de gerúndio foram as mais freqüentes, seguidas das justapostas e desenvolvidas, respectivamente. Foi encontrado um número maior de modais no português brasileiro, mas isso se deu especificamente no *corpus* analisado, não permitindo, portanto, uma generalização sobre o fenômeno. O que pôde ser observado de diferente entre as variedades do português foi a quantidade de orações justapostas introduzidas pela preposição A, que foi ligeiramente mais comum no português europeu. Essa diferença já era de se esperar, pois, em Portugal, é comum o uso do infinitivo gerundivo.

O nono fator considerado foi a utilização das amostras no que tange aos séculos. Este fator não exerceu influência significativa no comportamento das modais, pois elas se apresentaram de formas semelhantes no século XIX e no século XX. Isso confirmou a

hipótese, pois o comportamento das modais não envolve nem fenômeno de mudança nem de variação lingüísticas.

Por fim, foi levado em conta o fator nível de escolaridade. Confirmando a hipótese, quanto maior o nível de escolaridade, maior o uso de orações subordinadas, já que, como já foi dito, a subordinação é um processo mais complexo para organizar orações em um período. Com isso, os dados referentes aos falantes com nível superior foram mais freqüentes do que os dados referentes aos falantes com nível fundamental, que, por sua vez, foram mais freqüentes que os dados referentes aos falantes que eram apenas alfabetizados.

Os fatores “gênero dos informantes”, “faixa etária” e “região das amostras” foram controlados, mas não foram expostos aqui por não terem exercido influência relevante no comportamento das orações modais.

Portanto, após todos os fatores terem sido analisados e o comportamento das modais ter sido observado e descrito, pode-se definir uma oração modal como toda oração que indica e que explica o modo como a ação contida na oração principal ocorre. Como se trata de um tipo de oração subordinada adverbial, o verbo que aparece na oração modal serve como indicação do modo como a ação que é expressa pelo verbo na oração principal se dá. Em outras palavras, o verbo da oração subordinada está ligado semântica e sintaticamente ao verbo da oração principal. As orações modais podem se articular à oração principal de mais de uma maneira: reduzida, isto é, apresentando o verbo no gerúndio; justaposta, isto é, apresentando o verbo no infinitivo precedido de uma preposição (entre elas, SEM, A e COM) e desenvolvida, isto é, apresentando o verbo precedido de uma conjunção ou locução conjuntiva (entre elas, COMO, COMO SE, SEM QUE e COMO QUE). Uma oração modal também pode ser reconhecida a partir de alguns traços que são característicos: [+ simultâneo], [- poder indutivo], [- elipse], [- restrição abandonada], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO] e [+ adjetiva].

Foi possível, portanto, com esse trabalho, observar e descrever o comportamento das modais sob vários aspectos. Pensa-se que esse estudo é relevante, pois, apesar dessas orações não serem contempladas pela NGB, são encontradas tanto na fala como na escrita. Seria interessante incluí-las no ensino de sintaxe nas escolas de forma mais sistemática, a fim de dar conta do uso real da língua e diminuir algumas dúvidas que alguns alunos podem ter quando se deparam com determinadas orações sem saber classificá-las adequadamente.

Além disso, esse estudo permite que outras pessoas continuem a investigar o comportamento dessas orações que, muitas vezes, são esquecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. (2003). Gramática mínima para o domínio da língua padrão. Ateliê Editorial.

AYORA, Antonio Moreno. (1991). Sintaxis y semántica de como. In: Cuadernos de Lingüística/12. Málaga, Editorial Librería Agora S.A.

AZEREDO, José Carlos de. (2000). Fundamentos de gramática do português. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. (1999). Gramaticalização das conjunções na história do português. 2 Vol., Salvador, UFBA. Tese de Doutorado.

BECHARA, Evanildo. (1994). Moderna gramática portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

BYBEE, Joan. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Joseph, Brian & Janda, Richard (eds). A handbook of historical linguistics. Blackweel.

CEZARIO, M.M. (2001). Graus de integração de verbos cognitivos e manipulativos. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.

CUNHA, Celso. (1972). Gramática do Português Contemporâneo.(1972). 3ª ed., Belo Horizonte, Editora Bernardo Álvares S.A.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Lindley. (1985). Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

D'Ávila, Suzana. (1997). Gramática da língua portuguesa: uso e abuso. São Paulo, Editora do Brasil.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. (1995). Relações adverbiais e gênero do discurso. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, SP.

----- (2001). Capítulo 3. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista. Mercado de Letras.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO e Secretaria de Estado de Educação. (2004). Ciclo de Estudos 2004- Formação continuada para professores de escolas na busca do horário integral. RJ: FUNDAR- SEE- RJ.

- GARCÍA, Ángel López. (1994). Gramática del Español. Arco Libros, S.L.
- HEINE, B. *et alii*. (1991). Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press.
- (2003). Grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds.). A handbook of historical linguistics. Blackwell.
- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. In: Language, Volume 56, number 2.
- KURY, Adriano da Gama. (1987). Novas lições de português pela análise sintática. São Paulo, Ática.
- LUFT, Celso Pedro. (1978). Gramática resumida. Porto Alegre, Globo.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: PAIVA, Dionísio Ângela *et alii* (org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro, Lucerna.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. (2003). Gramática da língua portuguesa. Coimbra, Almedina.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. (1997). A gramática funcional. São Paulo, Editora Martins Fontes.
- (2000). Gramática de usos do português. São Paulo, Editora UNESP.
- NOBRE, Mônica Maria Rio. (2005). Categorias analíticas do funcionalismo (texto produzido no decorrer do curso “Pontos de gramática funcional aplicados à língua portuguesa do Brasil”), Rio de Janeiro.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. (2002). Processos de gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista. Salvador, EDUFBA.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. (1998). Gramática normativa da língua portuguesa. Rio de Janeiro, José Olympio.

RODRIGUES, Violeta Virginia. (1999). O uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão. In: BERNARDO, Sandra Pereira & MENEZES, Vanda Cardozo. Estudos da linguagem: renovação e síntese. Anais do XVIII Congresso da ASSEL-Rio – Rio de Janeiro, Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro.

----- (2002). Para uma descrição da língua padrão: o uso das conjunções subordinativas. Projeto de pesquisa individual integrado ao projeto VARPORT apresentado ao Departamento de Letras Vernáculas para o biênio 2003-2005. Faculdade de Letras, UFRJ.

SAID ALI, M. (1969). Gramática secundária da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos.

SCHEIBMAN, Joanne. (2001). Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: Bybee & Hopper. Frequency and the emergence of linguistic structure. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.____

SEMECTEL de Mesquita. (s.d.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal de Mesquita.

SILVEIRA, Elisabeth Santos da. Relevância em narratives orais. (1990). Tese de doutorado em Lingüística apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SIQUEIRA & Bertolin. (s.d.). A construção da linguagem. Vol. 3, São Paulo, IBEP.

TRAUGOTT, Elizabeth C. e HEINE, Bernd. (1991). Introduction. In: Approaches to grammaticalization Vol.1: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1997). Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo, Cortez.

VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça. (2001). Gramática da Língua Portuguesa. Coimbra. Livraria Almedina.

VOTRE, Sebastião Josué & NARO, Anthony Julius. (1989). Mecanismos Funcionais do Uso da Língua. In: Uso da Língua. In: D.E.L.T.A., vol.5, nº 2.

WENNA, Gracia. (2002). Delícias light: receitas com sal e sem gordura. 2ª ed, Rio de Janeiro: Record.

BIBLIOGRAFIA GERAL

APOLÔNIO DÍSCOLO. Sintaxis. (1987). Intr., traducc. Y notas por V. Bécares Botas. Madrid: Gredos.

BARROS, João de. Gramática da língua portuguesa. Edição disponibilizada on line, no site www.estacaodaluz.org.br

CALLOU, D. (2002). Da história social à história lingüística: o Rio de Janeiro século XIX. In: Alkmim (org.) Para a história do português brasileiro. Vol.III, São Paulo. FLP/USP, Novos Estudos.

CALLOU, D. & AVELAR, J. (2002). Subsídios para uma história do falar carioca: mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. In: Duarte e Callou (orgs.) Para a história do português brasileiro. Vol.IV. Notícias de *corpora* e outros estudos. Rio de Janeiro. UFRJ/LETRAS, FAPERJ.

FERNANDES, Francisco. (1969). Dicionário de verbos e regimes. 4ª ed., Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Editôra Globo, 14ª impressão.

HAEGEMAN, Liliane. (1994). Introduction to government and binding theory. 2. ed., USA, Blackwell Publishers.

HOUAISS, Antônio. (2004). Dicionário da língua portuguesa. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva.

LUFT, Celso Pedro. (1993). Dicionário Prático de Regência Verbal. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática.

----- (1991). Mini dicionário Luft. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática – Scipione.

MATTOS E SILVA, R. V. (2004). Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo, Parábola.

MIOTO, Carlos. (2005). Novo manual de sintaxe. 2. ed., Florianópolis, Editora Insular.

MOURA NEVES, Maria Helena de. (2005). A Vertente Grega da Gramática Tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2ª ed. Rev. e atual. São Paulo, Editora Unesp São Paulo.

NEBRIJA, Elio Antonio de. (1992). Grammática Castellana. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija. A 1ª edição é de 1492.

OLIVEIRA, Fernão de. (1536). Gramática da Linguagem Portuguesa. Edição disponibilizada on line, no site http://purl.pt/120/3/res-274-v_PDF/res-274-v_PDF_24-C-R0072/res-274-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0072.pdf

SAID ALI, M. (1964). Gramática histórica da língua portuguesa. 3.ed., São Paulo, Edições Melhoramentos.

SILVA NETO, S. (1963). Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil. Rio de Janeiro, Presença.

SILVA, Anderson Godinho. Orações modais: uma proposta de análise. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2007. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 140 p.

RESUMO

A observação de que as modais não constam do rol das orações subordinadas adverbiais proposto pela NGB despertou o interesse em estudar essas estruturas em Língua Portuguesa mais a fundo, apresentando suas diferentes formas de articulação – desenvolvida, reduzida e justaposta. A hipótese que se comprovou com este trabalho é a de que as modais são orações presentes na língua falada e escrita, tanto no português brasileiro quanto no português europeu, apesar de não serem orações estudadas sistematicamente por todas as gramáticas de Língua Portuguesa, destacando que sua forma mais comum de articulação com a principal se dá por meio do gerúndio. O trabalho estabeleceu, ainda, critérios para a caracterização das modais a partir de um confronto entre elas e outros tipos de oração – orações coordenadas aditivas, orações conformativas, orações comparativas, orações concessivas, orações condicionais, orações consecutivas e orações comparativo-hipotéticas. A partir dessa descrição, pode-se definir uma oração modal como toda oração que explica o modo como a ação contida na oração principal se dá e o verbo da oração subordinada está ligado semântica e sintaticamente ao verbo da oração principal. Uma oração modal também pode ser reconhecida a partir de alguns traços que lhe são característicos: [+ simultâneo], [- poder indutivo], [- elipse], [- restrição abandonada], [+ mobilidade posicional], [- SE NÃO] e [+ adjetiva]. A sociolinguística laboviana serviu como metodologia e os pressupostos teóricos utilizados foram o do funcionalismo. Ao todo, analisaram-se 264 orações modais, 233 de Língua Escrita e 31 de Língua Falada, que foram retiradas do *corpus* de *Análise Contrastiva de Variedades do Português – corpus VARPORT*, que se encontra disponível no site www.lettras.ufrj.br/varport. Dentre as 264 orações encontradas, 173 são referentes ao português brasileiro e 91 são referentes ao português europeu.

SILVA, Anderson Godinho. Orações modais: uma proposta de análise. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2007. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 140 p.

ABSTRACT

The observation that the manner clauses are not considered among the adverbial clauses proposed by NGB contributed to an interest in studying those structures in Portuguese Language deeply, showing their possible forms of articulation- finite, non-finite and juxtaposed. The hypothesis which was proved with this paper is that the manner clauses are used both in spoken and written language, not only in Brazilian Portuguese but also in European Portuguese, although they hadn't been studied systematically by all the grammars of Portuguese Language, highlighting that their most common form of articulation with the main clause is by the use of gerund. This paper established criteria to characterize the manner clauses based on a comparison between them and other types of clauses – addition coordinate clauses, accordance adverbial clauses, comparative adverbial clauses, concessive adverbial clauses, conditional adverbial clauses, consequence adverbial clauses and comparative-hypothetical adverbial clauses. From this description, a manner clause can be defined as every clause which explain the way the action present in the main clause occurs and the verb of the subordinate clause is related to the verb of the main clause semantic and syntactically. A manner clause can also be recognized by some characteristic features: [+ simultaneous], [- inductive power], [- ellipsis], [- abandoned restriction], [+ positional mobility], [- UNLESS] and [+ relative clause]. The sociolinguistics proposed by Labov (1972) served as a methodology and the theoretical assumptions considered were from the functionalism. In all, 264 manner clauses were analyzed, 233 in written language and 31 in spoken language, which were taken from the *corpus* of *Contrastive Analysis of Portuguese Varieties – corpus VARPORT*, which can be found in www.lettras.ufrj.br/varport. From the 264 clauses which were found, 173 refers to Brazilian Portuguese and 91 refers to European Portuguese.